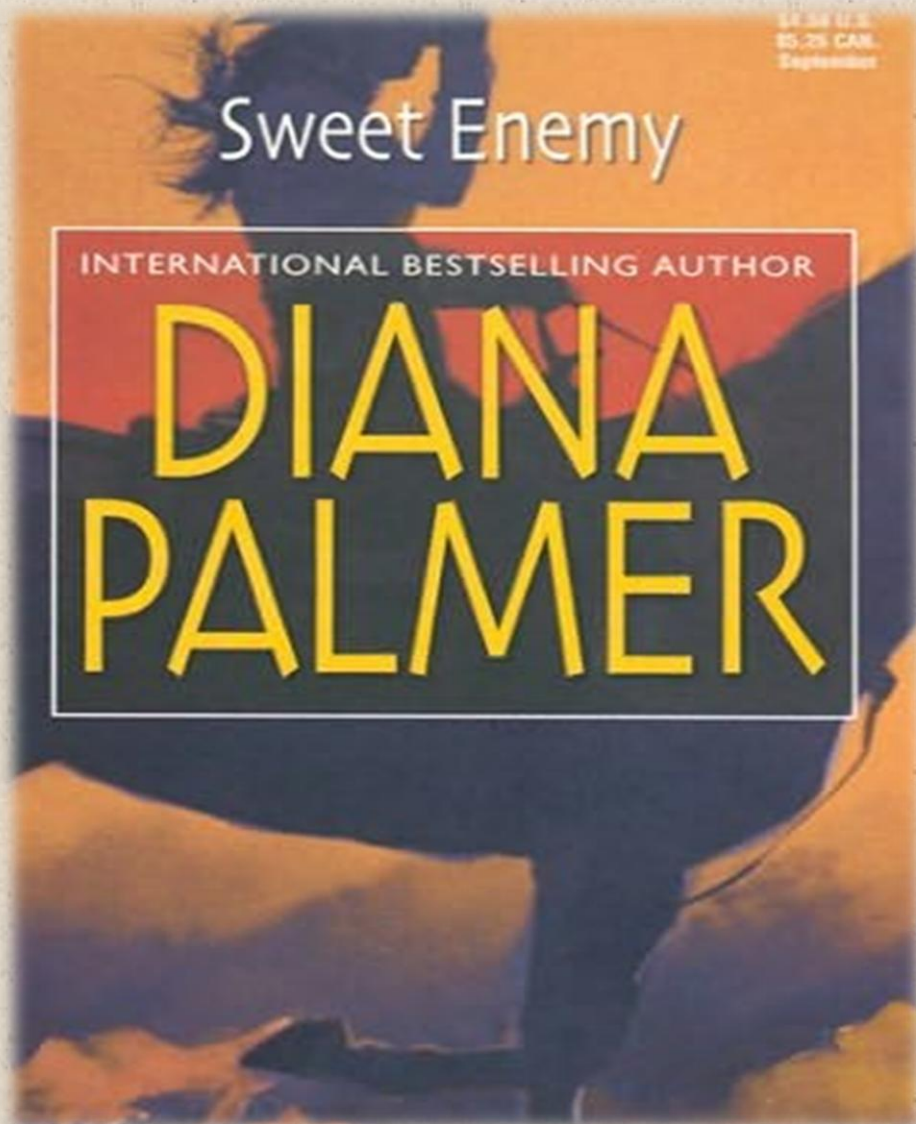


*Tradução e Revisão
Silver Fox*





Doce Inimigo
(Sweet Enemy)
Diana Palmer
1979

Felizmente Maggie Kirk tinha sido sempre cautelosa com o cowboy autoritário Clint Raygen. Mas, se o ameaçador irmão mais velho da sua melhor amiga a irritava tanto, como ela foi escolher seu rancho para se recuperar de uma desilusão amorosa? Ela sabia dos perigos impostos pelo seu adversário... mas toda vez que ela cruzava com o obstinado criador de gado, seu pulso aumentava descontroladamente. Maggie secretamente sonhava despertar para a feminilidade no poderoso abraço de Clint... mas estes doces inimigos teriam uma chance de se tornarem amantes ao longo da vida?

Capítulo Um

— Eu não vou! disse Maggie Kirk teimosamente e afastou-se argumentando amavelmente com sua amiga.

— É como me pedir para entrar na jaula de um tigre de Bengala, com um senhor lombo assado amarrado em volta do meu pescoço!

— Mas, Maggie, protestou Janna, os olhos escuros implorando suavemente, — é tudo o que você precisa. Lembra como nós costumávamos escapar para a fazenda quando estávamos na escola, como nós ansiávamos cavalgar e fazer piquenique no rio?

— Minhas recordações são um pouco diferentes, disse a morena esbelta com uma careta. Sentou-se na beirada da cama, estudando as pernas de seu jeans marrom. — Lembrome de ser colocada sobre os joelhos de Clint Raygen enquanto cavalgava aquele seu garanhão odioso e de ser trancada no meu quarto por ter ido a um piquenique à beira do rio com Gerry Broome.

— Clint avisou você sobre a maré alta, sua jovem amiga lembrou-a, defendendo o irmão que adorava. — E você sabe o que Gerry tentou fazer. Clint sabia que não podia confiar nele. Maggie corou com a lembrança de Clint ao encontrá-la lutando para se livrar do furioso abraço de Gerry e a visão do sangue quando o punho grande acertou o nariz do jovem. O sermão que veio depois também não tinha sido agradável. Ela suspirou. Tinha sido sempre assim. Ela e Clint tinham sido inimigos desde seu primeiro encontro, quando ela tinha oito anos e ele dezenove anos e ela jogou um taco de beisebol nele.

— Foi há muito tempo, lembrou-a Janna. — Você está agora com vinte anos, e deu tudo certo quando fomos passar uma semana com Clint e mamãe no verão passado, não foi?

— Claro que deu tudo certo, ele estava na Europa! Maggie explodiu. — Desta vez, sua mãe está na Europa, Clint está em casa e Lida o chutou, então ele deve estar um pé no saco!

— É por isso que acho que você deve ir, Janna disse.

Maggie inquiriu. — Janna, velha amiga, você andou bebericando a garrafa de aguardente de novo?

— Bem, aqui está você apenas se recuperando daquele rato, Philip, Janna explicou, — E lá está ele apenas se recuperando daquela ratazana, Lida...

— Você já notou que embora eu e seu irmão somos muito agradáveis quando estamos separados, nos tornamos raivosos quando ficamos cara a cara?

Maggie perguntou pacientemente. — A última vez, lembrou a garota de olhos arregalados, — ele atirou-me, completamente vestida no rio, e eu bati o meu... o meu orgulho em uma rocha, ela vacilou.

— Você o chutou, Janna respondeu. — Com força. Na canela.

— Ele me chamou de idiota!

— Bem, do que você chamaria alguém que tentou matar uma cascavel de mais de um metro a pedradas? Janna ergueu as mãos. — Honestamente Maggie, quando você chega perto do meu irmão, você perde todo seu bom senso.

— Lá vem você de novo... Oh, não importa. Ela apoiou o queixo nos punhos. Não adianta falar sobre isso, de qualquer forma. Clint não me quer no rancho sem você, e nós duas sabemos disso.

— Sim, ele quer. Perguntei-lhe.

— O que você disse a ele? Maggie perguntou desconfiada, seus olhos esmeraldas brilhando.

Janna encolheu os ombros. — Que você e Phil se separaram, só isso.

— Só isso... nada sobre como nós terminamos? — perguntou ela calmamente.

— Juro, Maggie. Eu nunca faria isso com você. Ela forçou um sorriso amarelo.

— Eu não quis dizer isso... Acho que ele me afetou mais do que eu esperava.

— Clint disse que você poderia preencher o cargo de sua secretária enquanto ela está em férias, continuou Janna brilhantemente, — e ter um feriado de trabalho remunerado. Ele disse que seria o melhor remédio que você poderia tomar.

— E, Clint sabendo disso, vai adicionar uma colher de chá de arsênico para dar um sabor, Maggie resmungou. — Arrogante, cabeça dura, mandão...

— Você está sem emprego por enquanto, lembrou Janna.

Maggie suspirou. — Se eu estivesse me afogando, você me atiraria uma âncora, não é minha amiga do peito?

— Oh, Maggie, é uma oportunidade de ouro que estou te dando. Três semanas com o solteiro mais cobiçado da Flórida, bonito, rico, desejável...

— Acho que vou ficar doente, disse Maggie, voltando seu olhar para as árvores do lado de fora da janela.

— Você nunca teve um pensamento romântico sobre Clint, em todos esses anos? Janna persistiu.

— Desculpe desapontá-la, mas, não.

— A melhor cura para um coração partido é fazer com que ele se quebre novamente.

— Olha que lindo Janna, que pássaro bonito naquele galho, disse Maggie entusiasmada. — Ele não é simplesmente maravilhoso?

— Ok, ok. Você poderia pelo menos ir para a fazenda?

— Próximo ao inferno, é o meu lugar favorito quando Clint está lá.

— É bonito na fazenda agora, todas as flores selvagens estão florescendo. Janna suspirou. — Clint está sempre fora em algum lugar, com o gado ou nos campos, e você sabe que ele quase nunca chega em casa antes de escurecer.

— E há sempre a esperança que ele seja capturado pelos ladrões e mantido como refém até que minhas férias acabem, né? Maggie sorriu.

— Certo! Janna riu.

Maggie nunca teve muita certeza do por que ter decidido tomar o ônibus. Talvez fosse porque tantas memórias agradáveis de sua infância estavam ligadas aquele lugar, quando ela tinha ido da casa dos seus pais, em Atlanta para a casa de seus avós no sul da Geórgia no ônibus, grande e confortável. E a partir daí, era apenas uma agradável viagem até o rancho da família de Janna e Clint no rancho na Florida.

Os olhos de Maggie foram atraídos para aquela paisagem onde os pinheiros, pomares de pecan, e casas de fazenda espaçosa se abrigavam sob os carvalhos e árvores altas de cinamomo. Sua infância foi passada ali, montando ao longo destes campos a cavalo com Janna. Normalmente Clint a perseguia, enquanto ela se inclinava sobre o pescoço do cavalo. O vento fustigava seu rosto enquanto incitava sua montaria, depois de lançar um desafio para Clint. Os olhos do homem alto, sempre tinha um brilho verde claro, quando ela o desafiava, e ele sempre dava-lhe corda suficiente para se enforçar.

Ela sorriu involuntariamente pela memória. Ela e Clint nunca havia realmente decidido sobre os limites de seu relacionamento. As brincadeiras entre eles eram geralmente amigáveis, embora pudessem ficar quentes. Mas nunca tinha sido realmente mal-intencionadas ou cruéis. Eles sempre foram um casal estranho, sempre um provocando o outro, sempre cautelosos um com o outro, como se mantivessem uma incomoda trégua e tivessem com medo de perdê-la ou quebrá-la.

Clint tinha uma aparência muito rude para ser chamado de bonito, mas atraía as mulheres. Ele sempre tinha uma pendurada em seu braço, e Maggie estava determinada desde o início a nunca ser uma daquelas pobres mariposas atraídas por seu brilho. Ela resistia a seu charme sem esforço, porque ele nunca desperdiçou-o com ela, e Maggie ficava feliz por isso. Ela nunca teve realmente certeza de como reagiria a Clint nesse tipo de relacionamento. Ela tinha medo disso e fazia pequenos milagres para evitar que isso acontecesse.

Um zumbido de conversa captou sua atenção, e obrigou-se a voltar ao presente a tempo de ver as pessoas através do corredor olhando fixamente para fora da janela. O ônibus foi parando lentamente enquanto um cavaleiro se aproximava em um garanhão negro que brilhava como a seda ao sol.

Maggie não precisava que lhe dissessem quem estava montando o cavalo. O homem era alto, sua tranqüila arrogância era óbvia, mesmo com o chapéu meio torto e as roupas cáqui de trabalho que pareciam ser uma parte dele.

Ele parou na porta enquanto o motorista do ônibus abria-a com um sorriso.

— Cara, você sabe montar, ele riu, movendo sua cabeça de cabelos escuros encaracolados de maneira apreciativa.

— Eu andei praticando, Clint Raygen disse com um sorriso torto. Seus cintilantes olhos verdes encontraram Maggie se deslocando até a frente do ônibus em seu feminino terninho azul e levantou uma sobranceira lentamente para ela.

— Graças a Deus você ainda tem o hábito de vestir calças, Irlandesa, disse ele, provocando-a facilmente como odioso apelido de sua infância. — Eu não tenho tempo para esperar o ônibus. Estamos marcando o novo rebanho. Vamos.

— Vamos...? ela ecoou fracamente. — Mas... a minha bagagem?

— O motorista pode deixá-la na cidade, não pode? perguntou ao homem. — Nós vamos buscá-la mais tarde.

— Farei isso, disse o motorista, — com a condição de você me ensinar a montar um cavalo como esse.

— Sou proprietário do CR, Clint disse a ele.

— Você é bem-vindo a qualquer hora. Maggie, suba a bordo.

Houve uma risadinha abafada por trás dela, e ela não teve que virar para saber que era um casal de adolescentes que estava no banco de trás dela. Ela endireitou os ombros. Não

havia maneira de sair dessa, com certeza, não sem se tornar o tema da conversa de todos pelo resto do caminho até a cidade.

— Eu não monto em um cavalo há um ano, disse a ele, estendendo a mão

— Pise na minha bota e jogue a outra perna por cima do cavalo, disse ele em seu melhor estilo você Jane mim Tarzan, e ela quase podia ver a cara dos adolescentes.

Ela conseguiu se colocar atrás dele sem muito esforço, mas foi um contato novo e perturbador, e ela teve que segurar firme na sua cintura para não cair do grande cavalo. Era como cravar os dedos em aço maciço, aqueles músculos eram tão poderosos.

— Pronto, Maggie? ele perguntou sobre o ombro.

— Pronto, ela murmurou em voz tão baixa que não chegaria aos ouvidos dele. — Pronto para galopar em uma nuvem de poeira e deixar seu público ofegante, na sequência da sua saída dramática! Ela sentiu seu peito tremer sob sua mão, ele conduziu o garanhão em um trote lento pelo campo.

— Se isto não é dramático o suficiente para você, Irlandesa, disse arrogantemente:— Vou galopar. Seus braços delgados se apertaram em torno dele. — Oh, por favor, não, Clint, vou ficar quieta, disse ela rapidamente.

Ele riu profundamente. — Achei que ficaria. Vou deixar você em casa no caminho para o pasto.

— Você certamente escolheu um jeito incomum de encontrar-se comigo, comentou, observando a grama alta ao longo do caminho que o cavalo estava fazendo.

— Eu não tinha planejado isso, ele disse casualmente. — Aconteceu de eu ver o ônibus, e achei que você estaria nele.

Ela imaginou isso. Clint sempre parecia saber quando ela estava chegando. Ele sempre sabia. Era como se ele tivesse um radar interno conectada a ela.

Ela fitou suas costas, cedendo. — Obrigado por me deixar vir, disse ela calmamente.

— Janna disse que você precisava de um emprego, ele respondeu com naturalidade. — E eu preciso de uma secretária, acrescentou com voz firme. Sem dizer que Lida tinha sido a última.

Ela voltou sua atenção para o vasto horizonte, salpicado de pinheiros, pequenos arbustos e a pelagem vermelha dos Herefords com pequenas manchas brancas em suas caras na distância. Involuntariamente, um sorriso veio ao rosto.

— Janna e eu costumávamos brincar de caubói e índio nesses campos, ela murmurou. — Eu sempre tinha que ser o índio.

Ele olhou para suas pernas na calça larga. — Você ainda se veste como um, disse ele. — Eu quase nunca vi você em um vestido, Irlandesa.

Ela se moveu, inquieta. — Eles não combinam com uma fazenda, você não acha? ela resmungou. Era o velho argumento novamente, ele nunca se cansava de repreendê-la pela sua preferência por calças compridas.

— Eu não tinha planejado colocar você para marcar o gado e carregar fardos de feno, ele rosnou.

Ela suspirou irritada. — Como me visto é problema meu, respondeu ela. — Tudo o que você tem que se preocupar é se posso digitar e anotar o ditado.

Ele parou bruscamente e se virou na sela, torcendo seu corpo alto para que pudesse olhar para ela. Seus olhos se estreitaram e havia uma ameaça no verde pálido.

— Vou lembrá-la apenas uma vez, que há uma linha que você não deve cruzar comigo, pequena, disse ele em um tom suave que cortava mais do que um grito. — O pobre cachorrinho do seu namorado podia te responder com um sorriso, mas não espere o mesmo de mim. Eu ainda digo que uma mulher tem de pertencer a apenas um homem, acho que você sabe do que estou falando.

Ela sabia, e nada poderia evitar o rubor que coloriu suas altas maçãs do rosto. Ela desviou o olhar rapidamente.

Ele a estudou em silêncio, seus olhos traçando o perfil delicado virado para ele. — Por que você prendeu o cabelo assim? ele perguntou de repente.

Ela rangeu os dentes. — Mantém fora de meus olhos, respondeu ela com firmeza.

-E mantém os olhos de um homem em outro lugar, acrescentou.— Como aquele cara da cidade conseguiu romper a camada de gelo em torno de você, Irlandesa? Com um maçarico?

Aquilo fez os cintilantes olhos esmeraldas dela queimaram ele. — Você preferia que eu estivesse enfiada num vestido justo com a minha cara rebocada de maquiagem, batendo meus cílios para você? perguntou de maneira sexy.

Com atrevimento, os olhos percorrerem devagar seu rosto, até sua boca suave, descendo mais para as curvas do jovem corpo. — Você fez isso uma vez, lembrou suavemente, encontrando o olhar chocado e incerto dela. — Quando você tinha dezessete anos, e de repente me tornei a estrela do seu céu depois que Gerry Broome te abandonou.

A lembrança era como uma ferida aberta. Ele nunca a deixaria esquecer. Ela também não conseguia esquecer, como tinha corrido atrás dele descaradamente, achando desculpa após desculpa para segui-lo por todo o rancho naquele inesquecível verão. Até que finalmente ele cansou dela e quebrou o seu orgulho em mil pedaços doloridos, confrontando-a com a paixão, um confronto que a tinha envergonhado. Ela nunca se recuperou totalmente da rejeição, mantinha-a enterrada em seu subconsciente. Essa era a razão por ela lutar com tanta força, mantendo a raiva como uma barreira segura e alta entre eles.

Ela baixou os olhos para o peito largo na frente dela. — Isso foi há três anos, disse ela calmamente.

— E agora há Philip, acrescentou. Havia uma nota de advertência em sua voz profunda e lenta, que desafiava. — Não há?

Ela apertou o maxilar. — Não, ela murmurou dolorosamente, — Não há. Janna não te contou que nos separamos?

Seus olhos se estreitaram. — Minha irmã não me disse droga nenhuma. Então você o abandonou, Irlandesa?

Ela encarou aquele olhar zombeteiro. — Eu o peguei com uma das minhas damas de honra, após o ensaio, disse a ele, — juntos em um quarto de motel.

Ele estudou-a, pensativo. — Você era tão fria, que ele precisou encontrar uma mulher para aquecê-lo?

Ela se retraiu. — Dane-se você! disse ela. — Eu deveria ter esperado que você tomasse partido de qualquer pessoa, exceto o meu. Sempre foi assim com a gente.

— E sempre vai ser assim, disse ele calmamente com algo profundo e estranho nos olhos que procuravam os dela, — porque você não me quer ao seu lado. Você quer uma parede entre nós por alguma maldita razão. De que diabos você tem medo?

— Você pode me fazer essa pergunta, com a sua reputação? Ela zombou.

Um lento sorriso zombeteiro tocou sua boca cruel. — Garota, não se anime. Mesmo esquecendo o fato de que eu poderia dar-lhe onze anos, você não me excita, Maggie. Você nunca me excitou. Seus olhos varreram ao longo de sua figura de menino. — Seria como fazer amor com uma escultura de neve.

Ela manteve a face calma. Nunca o deixaria saber o quanto poderia machucá-la. — Eu pensei que tivesse vindo para ser sua secretária, e não seu bode expiatório, disse ela friamente. — Ou você espera que eu pague pelos pecados de Lida, junto com os meus?

Ela viu seus olhos se apertarem, os músculos de sua mandíbula moverem-se ameaçadoramente. — Meu Deus, você está pedindo por isso, avisou baixinho.

Ela endireitou, movendo-se para tão longe quanto lhe foi possível mover no cavalo. — Foi você quem começou!

— Eu posso terminar também, disse ele secamente.

Ela desviou o olhar. — Eu disse a Janna que não iria funcionar, ela disse baixo. — Se você fizer a gentileza de me levar para a casa, vou pegar um táxi de volta para a rodoviária.

— Fugindo, Irlandesa? ele rosnou. — Você é boa nisso.

O lábio inferior tremia. — Eu não vou ser crucificada por você!, ela explodiu em um soluço. — Oh, Deus, eu odeio os homens, eu odeio os homens, ela sussurrou. — Trapaceiros e mentirosos, todos vocês!

A mão magra dele puxou-a pela nuca e apoiou sua testa contra o seu ombro largo, e ele se virou mais na sela. — Quantas mulheres houveram depois que você descobriu? ele perguntou em seu ouvido.

Um soluço sacudiu-a. — Quatro, cinco, eu perdi a conta, ela sussurrou. — Nós íamos nos casar em apenas dois dias... ele disse que eu não iria derreter nem... em um alto-forno, a voz dela quebrou novamente. Sua mão pequena pressionando os músculos quentes do braço. — E ele... ele estava certo. Eu não sentia dessa forma com ele, eu não poderia...! Ela deu um suspiro longo, soluçando. Seus dedos apertaram o pescoço delgado.

— Quantos anos ele tinha? — ele perguntou suavemente.

Ela engoliu um soluço. — Vinte e sete.

— Experiente?

— Muito.

— Ele era paciente, Maggie? — ele perguntou.

Ela deu um suspiro suave, fechando os olhos firmemente. —... Ele tomou como certo que eu sabia... bem, que eu...

Seu peito arfou profundamente contra ela, e ele disse com impaciência. — Foi melhor assim, Irlandesa, disse ele em seu ouvido. — Foi melhor descobrir agora do que depois do casamento.

— Clint, me desculpe... eu... ela começou.

Seu rosto tocou o dela, áspero e morno. — Enxugue suas lágrimas, pequeno regador. Tenho gado para cuidar, e Emma deve estar se perguntando o que aconteceu conosco. Tudo bem agora?

— Sim. Ela conseguiu dar um sorriso amarelo para ele. — Clint, Sinto muito sobre Lida...

Seu rosto se fechou, mas não com raiva. Ele tocou levemente seu nariz. — Vamos para casa.

Ele voltou para a sela e instigou o garanhão em um trote. Ele não disse uma palavra até chegarem à casa branca da fazenda aninhada entre os carvalhos e nogueiras. Ele deixou-a na cerca branca ao lado do alpendre.

Montado no cavalo negro, ele era uma figura impressionante, alto e empertigado na sela. Ele acendeu um cigarro, seus os olhos estudando-a em silêncio por um longo momento.

— Porque você olha assim para mim?, ela perguntou, inquieta sob o rigor de seu exame. — Eu me sinto como uma novilha a venda.

Algo cruel brilhou em seus olhos claros. — Eu não estou dando nenhum lance, ele respondeu inocentemente. — Mandarei um dos homens buscar sua bagagem. Emma te dará algo para comer. Eu explicarei o que preciso quando chegar em casa a noite.

A frieza nele, tão repentina e não esperada, fez com que ela sentisse arrepios na espinha. Durante anos, eles tinham fingido ser inimigos. Mas isto parecia ser real. Ele olhava para ela como se... como se a odiasse!

— Eu ainda acho que seria melhor se eu fosse para casa, disse ela.

— Você é que acha isso, ele rebateu fortemente. — Eu não vou conseguir arrumar uma substituta em tão curto prazo, tenho correspondência até o teto com o dia do leilão chegando.

— Ordens, Sr. Raygen? ela desabafou.

Um pequeno sorriso tocou aquele rosto duro, enfatizando o nariz que foi quebrado pelo menos duas vezes. — Ordens, Irlandesa.

— Você vai parar de me chamar assim? Você sabe que odeio isso!

— Odeie, de qualquer jeito. Odeie— me, também, se isso ajuda. Não me importo e você sabe disso, também, não é pequena? perguntou ele com um sorriso infernal.

Ela girou sobre os calcanhares e saiu pelo portão em direção a varanda branca, com suas cadeiras de balanço e vasos com flores.

Capítulo Dois

Emma estava esticando massa na espaçosa cozinha quando Maggie entrou e, esquecida da farinha que ia até os cotovelos, agarrou a mulher mais jovem em um abraço de urso.

Maggie riu, asfixiada no enorme abraço de Emma, sentindo-se realmente em casa pela primeira vez.

— É tão bom ter uma outra mulher aqui, eu poderia pular de alegria, Emma sorriu, correndo uma mão enfarinhada através de seu cabelo curto e prateado. — Clint Raygen tem sido como um homem selvagem desde o mês passado. Juro, nunca pensei que uma mulher a toa como essa Lida Palmes poderia afetá-lo dessa forma. Se você me perguntar, digo que é só orgulho ferido que está o corroendo, mas não faz qualquer diferença para o seu temperamento.

— Eu notei Maggie suspirou e sentou-se na longa mesa da cozinha onde Emma estava fazendo o pão. — O que ela fez com ele?

— Abandonou-o sem dizer uma palavra. Nem um bilhete. Ela deu de ombros. — Encontrou um milionário da Flórida, disseram.

— Ele não poderia ser muito mais rico do Clint, Maggie observou.

— Ele não era, Emma sorriu. — E ele ainda era vinte anos mais velho. Ninguém entendeu o que deu nela. Um dia ela era uma rainha dando ordens a mim e a todo o rancho, e no seguinte tinha ido embora.

— Foi há muito tempo? perguntou ela calmamente.

— Vamos ver, é difícil lembrar de coisas na minha idade, você sabe. Mas... oh, sim, foi no dia que Janna nos ligou para dizer que fomos convidados para o seu casamento. Ela riu. — Nós nem sabíamos que você estava noiva, você e seus segredinhos.

Maggie baixou os olhos. — Eu acho que você sabe que cancelamos o casamento.

A mão enfarinhada de Emma tocou-a suavemente. — Foi melhor assim. Nós duas sabemos disso, não é?

Ela assentiu com um sorriso vago. — Eu não estava desesperadamente apaixonada por ele, mas eu gostava muito dele. Acho que o meu orgulho está ferido, também.

— Você vai superar isso. Quando uma porta se fecha, outra se abre, Maggie, minha querida.

— Você está certa, é claro, ela contornou alegremente. — Janna manda lembranças. Disse que vai tentar conseguir suas férias logo e vir em poucas semanas.

— Isso seria bom, ter vocês duas em caso por um tempo. Bem, ela disse, amassando a massa ritmicamente, — conte-me as últimas novidades.

Já tinha escurecido, e Emma e Maggie estavam começando a colocar a mesa de jantar quando Clint chegou na porta da frente. Seus jeans estavam vermelhos de lama, a camisa molhada de suor, sua mandíbula mostrando uma sombra de barba. Ele quase não as olhou antes de ir ao fundo do longo corredor que levava ao seu quarto.

— Whiskey, comentou Emma com um aceno de cabeça, e derramou no copo dois dedos do líquido âmbar antes de adicionar um toque de água e dois cubos de gelo. — Eu posso dizer pelo seu modo de andar.

— Dizer o quê? Maggie perguntou.

— Que tipo de dia ele teve. O gado deve ter lhe dado trabalho.

— Não foi o gado, Maggie respondeu impaciente. — Fui eu. Quando estávamos a caminho de casa. Eu nunca deveria ter vindo, Emma. É como nos velhos tempos.

— É? a mulher mais velha perguntou curiosamente. — Talvez sim. Talvez não. Veremos.

Clint voltou com olhar frio, seu cabelo escuro e úmido do banho, seu rosto barbeado, a roupa de trabalho trocada por um par de calças cor de areia e uma camisa bege xadrez que se agarrava a seus braços musculosos e ao peito como uma segunda pele.

Seus olhos verdes deslizaram pela figura de Maggie em uma calça amarelo pálido e um top curto, voltando-se para descansar no coque familiar do cabelo.

— Bem-vinda, moleca, disse com sarcasmo velado.

— Obrigada, respondeu ela docemente. — Emma serviu-lhe uma bebida.

Ele se virou, encontrando-a sobre a mesa e tomou um grande gole da bebida. — Bem, sente-se, ele rosnou para ela, — ou você planeja comer em pé?

Ela arrastou uma cadeira e se sentou, evitando o seu olhar incisivo enquanto Emma trazia o resto da comida e finalmente sentando-se em frente de Maggie.

— Vou receber um adicional por combate? Emma perguntou a Clint quando ela reparou que seu olhar glacial estava mudando.

— Coloque a sua armadura e cale a boca, Clint respondeu, mas havia um toque de humor em seu tom e em seus olhos claros.

Emma olhou com um sorriso para Maggie. — Bem-vinda a casa, querida.

O jantar foi bastante agradável depois disso, mas quando o último café foi servido, Clint fez sinal para Maggie segui-lo, e levou-a para seu refúgio escuro e masculino com seu armário de armas, mesa de carvalho e uma cabeça de veado sobre a lareira.

— Pegue um lápis, disse Maggie. — Você vai encontrar um em cima da mesa.

Ela pegou um no porta canetas e um bloco de folhas em branco, tão logo se sentou na cadeira ao lado de sua grande mesa.

Ele se virou, seus olhos estudando seu silêncio, com raiva, por um longo momento antes de falar. — Quantos anos você tem agora? perguntou ele de forma inesperada.

— Vinte, ela respondeu calmamente.

— Vinte. Acendeu um cigarro, sem desviar os olhos dela. — Vinte e ainda não despertou. Sentia o rubor aumentar em seu rosto, e odiava, odiava.

— Você está certo sobre isso? perguntou ela sexy.

Ele manteve o olhar por um longo tempo. — Estou muito certo, querida, disse ele suavemente. Incapaz de suportar o olhar penetrante por outro instante, ela baixou os olhos para a folha de em branco do papel amarelo e concentrou-se nas linhas azuis.

— Eu pensei que você queria ditar algumas cartas, disse ela em uma voz apertada.

— Você não sabe o que quero, pequena, ele respondeu. — E se soubesse, provavelmente se assustaria como o inferno. Tem seu lápis pronto? Aqui vai...

Ele estava ditando antes que tivesse tempo de entender aquela a observação enigmática.

Os primeiros dias foram como uma maratona, e Maggie entrou fácil na rotina. Clint deixava a correspondência sobre a mesa todas as manhãs, todas rascunhadas, para que ela pudesse trabalhar em seu próprio ritmo. À noite, ele assinava as cartas e verificava as

anotações que ela tinha feito, e ambos trabalhavam para conter seus temperamentos. Terminou mais cedo no quinto dia e não pode resistir à tentação de dar um passeio. Clint tinha lhe dado uma pequena égua baía delicada no seu aniversário de dezessete anos e ainda era sua favorita para montar. Melody foi o nome que ela deu, por causa do movimento rápido do cavalo balançando enquanto andava, como uma melodia de blues. Isso mexia com suas emoções trazendo a tona fantasmas de sua infância na fazenda.

Perto da linha dos altos pinheiros envelhecidos, estava a majestosa nogueira que ela e Janna subiam há muito tempo atrás, a árvore de sonhar delas. Então, um pouco mais ao longe estava o bosque onde dogwoods^{1*} floresciam num branco imaculado na primavera e as meninas podiam encher os braços delas e sonhar.

E lá estava o rio. Maggie freou a égua e inclinou-se sobre o arção da sela para vê-lo fluir preguiçosamente como uma faixa de seda prata e branca por entre as árvores. O rio, onde nadou e brincou, e onde Clint tinha jogado-a completamente vestida no dia que ela o chutou.

Ela não podia resistir àquele frescor, a água estava convidando-a no calor desagradável e sufocante mesmo na sombra das árvores da margem. Ela amarrou Melody a um arbusto e tirou as botas e meias grossas.

A água estava gelada para os pés descalços, as pedras do rio lisas e escorregadias. Ela avançou cautelosamente perto da margem, agarrando um galho baixo de um de carvalho frondoso para manter seu equilíbrio.

Com um suspiro, ela fechou os olhos e ficou escutando o sussurro da correnteza do rio, o som dos pássaros cantando, movendo as folhas sobre sua cabeça e pulando de galho em galho. A paz que sentia era indescritível. Era como se ela tivesse voltado para casa. Casa.

Lembrou-se da mãe de Clint assando biscoitos no forno, rindo e brincando com a trança de Maggie. E Clint, irritado ainda que há muito tempo, balançando-a do chão em seus braços fortes para recebê-la quando ela descia do ônibus na estação. Doze anos atrás. Uma vida atrás.

Ela abriu os olhos e seguiu o caminho do rio a jusante com um vazio em seu olhar. Era difícil dizer exatamente quando ela e Clint tinham perdido a camaradagem. Quando ela tinha quatorze ou quinze anos? Sempre houve argumentos falsos, mas quando ela chegou ao meio da sua adolescência de repente se tornaram reais. Clint parecia provocá-los deliberadamente, como se acendendo seu temperamento explosivo fosse importante para mantê-la à distância. Tinha sido ainda pior em seu décimo sétimo verão...

Ela apagou o pensamento. Enquanto vivesse, nunca iria superar aquela humilhação. Para uma adolescente já reservada, o efeito foi devastador. Até conhecer Philip e então ela tentou abrir seu coração novamente. Apenas para que ele quebrasse seu orgulho em pedaços minúsculos.

Uma mecha de cabelo caiu em seus olhos e ao invés de tentar colocá-lo novamente, ela retirou todos os grampos de seu cabelo e colocou-os em seu bolso, deixando as ondas negras caírem suavemente ao redor dos seus ombros. Tinha sido um longo tempo desde que ela tinha usado seu cabelo solto assim fora da privacidade de seu quarto. Isso, também, trazia de volta a crueldade de Clint.

¹ **Dogwoods:** Uma árvore (*Cornus florida*) do leste da América do Norte, com pequenas flores esverdeadas cercado por quatro brácteas grandes e vistosas brancas ou cor de rosa que se assemelham a pétalas.

Ele não fazia segredo de sua predileção por cabelos longos, e Maggie tinha deixado o seu crescer até a cintura, nos meses antes daquelas férias de verão. Ela ainda trocou as calças, que eram suas favoritas, por alguns vestidos de verão estampados e delicadas sandálias, tudo na esperança de chamar atenção de Clint. Mas tudo o que ela conseguiu atrair foi Gerry Broome, e Clint tinha vindo em seu resgate a tempo. Gerry não pode fugir rápido o suficiente, e Clint sempre pensou que era essa a razão de sua campanha para conquistar seu coração. Mas não era nada disso.

— Guarde seus esquemas para um menino da sua idade, pequena, ele advertiu-a venenosamente depois de um sermão que ainda corava suas bochechas três anos mais tarde. — Eu quero mais que cabelos longos e olhos inocentes quando tomo um mulher em meus braços. A única coisa que você desperta em mim é o mau humor. Eu não quero você, Maggie.

As palavras ecoaram em sua mente durante dias, mesmo após ter voltado para casa e ser surpreendida pela doença prolongada de seu pai e a tristeza de sua mãe. Ela cortou o cabelo, em seguida, e mesmo quando ele cresceu de novo, ela o manteve bem preso em um coque. Não o tinha soltado nem mesmo para Philip, que amava também cabelo comprido, mas não foi persuasivo suficiente.

Com um suspiro, ela sentou-se uma pedra grande na beira do rio, arrastando os dedos dos pés descalços na água fria, os cabelos escondendo o rosto ao reviver as memórias.

— Bronzeando-se, sereia? um voz zombeteira perguntou bem atrás dela.

Ela rodopiou com um suspiro, afastando-se da correnteza para enfrentar Clint. Ele estava apoiado descuidadamente contra o tronco da árvore, uma bota empoeirada encostada em uma raiz robusta, os braços cruzados sobre o joelho, apenas olhando para ela. Seu garanhão mordiscava as folhas de um carvalho próximo.

— Você se move como o vento... ela acusou ofegante, afastando o cabelo do seu rosto.

— Um velho truque de caçador. Sua mente estava um pouco longe, disse ele suavemente, os olhos esquadrinhando seu rosto emoldurado pelos ondulados cabelos pretos.

— Eu acho que estava. Ela virou-se, automaticamente trançando seus cabelos para que pudesse prendê-los para cima.

— Deixe-o! disse ele, em um tom como uma chicotada.

Ela se espantou com as mãos contra a nuca. — É que... me atrapalha, disse ela firmemente.

— Nós dois sabemos que não é por isso.

— Você se alegra pensando que você é a causa disso, disse ela com calma calculada, tirando do bolso alguns grampos. — Não tenho mais dezessete anos, Clint. Não sou mais vulnerável.

Ele estava atrás dela antes que ela percebesse e arrogantemente arrancou os grampos da sua mão. Ele puxou-a pelos cotovelos e segurou-a nas pontas dos pés na fresca água corrente. Seus olhos verdes estreitaram-se, escureceram, enquanto ele olhava para o rosto assustado. Não era o familiar Clint, os olhos zombeteiros que fitavam os dela. Ele era um estranho, sisudo, sombrio, estudando-a com uma intensidade que ondulava ao longo de seus nervos.

— O que você quis dizer com isso, Maggie? ele perguntou rudemente. — Ou você acha que eu tinha esquecido o que aconteceu? Ela desviou o rosto e tentou não sentir a excitação nos seus dedos como aço estavam causando.

— Foi há muito tempo, disse ela tão calma quanto podia com seu coração batendo descontroladamente.

— E você está crescida agora, não é? Ele puxou-a contra o seu corpo alto e magro. — Quanto você cresceu, garota? ele sussurrou, e ela sentiu sua respiração quente em seu rosto. Ela puxou furiosamente contra seu inflexível agarre, lutando com toda sua força.

— Solte-me! ela explodiu, os cabelos soltos voando enquanto ela tentava se livrar das suas mãos.

— Irlandesa, ele zombou baixinho, segurando-a com facilidade, apesar de seus esforços para resistir a ele. — Tão rebelde quanto um irlandês. Calma, pequena tigresa, não vou te forçar a nada.

Ela se acalmou, mas mais por causa de sua própria fadiga do que pelas palavras reconfortantes. — Sua besta, ela murmurou, olhando para ele com olhos como de um gato zangado.

Suas mãos deslizaram dos braços para a garganta dela, segurando seu jovem e ruborizado rosto perto do seu, e toda expressão parecia sumir do seu próprio rosto, deixando os olhos apertados e escuros olhando profundamente nos dela. — Há fogo em você, disse ele gentilmente. — Chamas suaves, Irlandesa, que poderiam queimar um homem vivo. Philip alguma vez viu esse seu temperamento incandescente? A intensidade de seu olhar a confundia e chocava.

— Ele não sabia que eu tinha um temperamento assim, ela disse vacilante. Seus olhos se estreitaram, temperamento que vinha em seu socorro. — Você não sabia que eu tinha, senão parava de me provocar!

— Eu gosto quando você luta comigo, disse ele suavemente. Ela olhou a tempo de ver o brilho em seus olhos verde-folha incendiar-se com as palavras, e uma sombra de sorriso tocou-lhe a dura e escultural boca. Era um olhar que ele nunca tinha dado a ela antes, avaliando, calculando, quase sensual. Fez tremer seu coração, porque do jeito que ele disse isso convenceria até a foto de uma mulher lutar contra o esmagamento dos braços fortes de um homem, a mordacidade da sua boca...

Ela baixou os olhos para o peito dele, de repente ele soltou-a, afastando-se para acender um cigarro com os dedos longos e estáveis.

Ela esfregou os braços irritada. — Se... se quiser os registros digitados, hoje, é melhor eu voltar para a casa, disse ela, virando-se para a margem. — E, disse por cima do ombro enquanto inclinava-se para limpar os pés molhados com um lenço, — você me deve uma caixa de grampos.

Ela sentiu seus olhos percorrendo-a enquanto calçava suas botas.

— Deixe-o solto, Irlandesa, disse cuidadosamente, sem desviar seus olhos dela enquanto ela levantava e desatava as rédeas de Melody. — Eu não vou fazer mais nenhum comentário sobre ele, mas deixe-o solto.

Ela ficou boquiaberta, perplexa com a raiva em sua voz profunda, raiva que eramais para si do que para ela. Com um dar de ombros, ela montou e partiu sem olhar para trás.

Ele levantou-se e ficou olhando-a até que estivesse fora de vista, seus olhos apertados contra o sol, o rosto pensativo e solene.

Capítulo Três

Emma tinha colocado apenas dois lugares na mesa de jantar, observando o olhar perplexo de Maggie com um sorriso.

— Clint tem um encontro, explicou ela, deixando Maggie para colocar os talheres enquanto ela ia para a cozinha para buscar o jantar.

A dor atravessou seu corpo esguio como um tiro, e ela se perguntava o porque. Por tudo o que seu orgulho tinha foi esmagado por Philip, seu coração nunca havia sido tocado por qualquer homem, exceto um. Ela odiava a impetuosidade daquele sentimento, a onda verde de inveja por pensar em Clint e uma mulher, qualquer mulher, poderia causar. Tinha sido sempre assim, sempre. E ela conseguiu mantê-la escondida por causa do que ele já tinha feito ao seu espírito obstinado. Mas ainda estava lá dentro, brilhante e queimando docemente como uma vela que nenhum vento poderia apagar. E ela odiava Clint por causá-la.

Ele chegou do pasto, justamente quando Emma e Maggie estavam terminando o jantar, e para evitá-lo, Maggie retirou-se para o alpendre e colou seu corpo delgado no balanço da varanda. Estava quente e docemente perfumada a escuridão do alpendre. Em sua infância, ela tinha sentado ali enquanto o trovão estremecia ao seu redor, sentindo o fustigar da chuva em seu rosto quando fechava os olhos e ouvia o barulho suave do balanço em movimento.

O clarão repentino da luz do alpendre trouxe um suspiro de surpresa aos seus lábios, ela sentou-se rígida quando avistou Clint.

Foi um choque vê-lo em um terno de linho bege e gravata de seda coral, o branco da camisa ressaltava sua morena complexão, seu cabelo escuro. Ele poderia ter passado por um modelo muito masculino, a sofisticação aderindo seu corpo, alto musculoso com a colônia sexy favorecendo-o.

Seus olhos de um verde escuro varreu a sua figura no jeans azul, rígida no balanço do alpendre. Ele olhou-a através de uma pequena nuvem cinza de fumaça de cigarro, movendo-se como um gato grande e gracioso.

— Escondida, Irlandesa? perguntou ele calmamente.

Ela baixou os olhos para seu peito largo. — Vim tomar um pouco de ar.

Uma sobrançelha escura subiu. — Você caiu desse balanço de cabeça uma vez, lembrou. — Você e Janna estavam se balançando violentamente e você caiu de pernas pro ar.

Seus dedos tocaram suavemente o verde escuro da madeira e o metal frio da corrente. — Você gosta de me lembrar de coisas agradáveis, não é? ela perguntou cuidadosamente.

— Você prefere ser lembrada daquele dia no curral quando você fez tudo, até ajoelhar-se e pedir-me para fazer amor com você? ele perguntou ironicamente, uma nota dura em sua voz que cortava tanto quanto as palavras humilhantes.

Seus olhos fecharam-se com a memória, e a dor. Havia um traço de crueldade nele, pensou miseravelmente, tinha de haver ou não desfrutaria de provocá-la desse jeito. Ela saiu do balanço, ainda evitando seus olhos, e passou por ele.

Numa inclinação, sua magra e forte mão disparou como uma bala e pegou-a pelo braço puxando-a contra ele tão facilmente como se ela fosse uma criança.

— Nenhuma réplica, Irlandesa? ele rosnou. — Onde está seu temperamento explosivo agora?

Ela não conseguia encontrá-lo. Seu corpo tremia em suas mãos, e ela não poderia sequer lutar com ele.

Com um gesto ríspido, ele jogou fora o cigarro inacabado do alpendre e segurou-a pelos ombros, os dedos machucando, os olhos verdes em chamas fitando-a.

— Deixe-me ir! ela explodiu, em pânico por causa das novas sensações que ele estava causando ao sentir como ele pressionava seu corpo contra o dele.

— Porquê? perguntou ele breve. Seus lábios cheios tremiam enquanto ela procurava as palavras que iria libertá-la. — Você está me machucando... ela conseguiu.

— Onde? murmurou, e seus olhos percorreram seu pequeno e ruborizado rosto como um pincel de um artista.

— Meus... meus ombros, ela gaguejou.

Seu aperto afrouxou, tornando-se quentes e sensuais carícias, os dedos queimando-a através da blusa fina de algodão.

— Isso dói? ele perguntou suavemente.

Ela não conseguia pronunciar as palavras. Ele estava queimando-a viva com aquele lento, suave e carinhoso toque, fazendo seu coração dançar, fazendo com que seus pulmões se sentissem em colapso. Suas mãos pequenas foram para a camisa de seda, empurrando meio irresoluta contra o calor dos músculos rijos de seu peito largo.

Suave, um riso profundo roçou seus ouvidos. — Você não pode falar comigo, pequena Maggie? ele sussurrou profundamente. Sua mão esquerda deixou seus ombros em direção ao rosto dela e virou-a até seus olhos. A excitação entre eles drenava seu protesto, o cheiro penetrante da sua colônia estava permeando seus sentidos. Seus dedos, pressionados contra ele, estavam entorpecidos de tão frios. E ainda assim ela não conseguia se mover, não podia desviar daquele olhar zombeteiro que a tinha hipnotizado, capturado.

Seus olhos desceram para sua boca macia e jovem, e um polegar tocou sua boca como um sussurro. — Eu poderia abrir sua boca com a minha como se fosse um melão maduro, agora mesmo, ele murmurou sensualmente, — E você não levantaria um dedo para me impedir, não é Irlandesa? Você ainda é minha, para fazer o que eu quiser e quando quiser com você!

Com um soluço de profunda vergonha, soltou-se dele, pegando-o de surpresa, e correu por todo caminho de volta para a casa, ignorando uma surpresa Emma, subiu as escadas de dois em dois degraus.

Durante toda a noite ela ficou acordada, olhando para o teto escuro, planejando uma maneira, qualquer maneira, de sair desse pesadelo. Mesmo voltando para seu antigo emprego, vendo Philip novamente, não seria tão terrível como ficar ali. Ela tinha que fugir. Tinha mesmo!

Ela pulou para fora da cama e vestiu suas roupas, entorpecida como o sol que começava a sair das nuvens de manhã cedo. Ela arrumou as malas antes de descer as escadas, decidida, com os olhos vermelhos e com escuras sombras pela falta de sono. Ela tomaria o café da manhã e explicaria a Emma, então pegaria um táxi até a rodoviária e Clint nunca...

Ele ainda estava na mesa do café, onde normalmente não estaria a essa hora da manhã. Seus olhos aparentavam não ter dormido, e ela perguntava-se amargamente a que horas ele teria voltado para casa, certamente ela devia ter cochilado, porque não tinha ouvido ele chegar.

— Eu vou pegar um café para você, querida, Emma disse calmamente, batendo-lhe no ombro enquanto passava em direção à cozinha.

Ela fez uma grande produção ao desdobrar o guardanapo de linho e alisando-o no colo, analisando a toalha de mesa, tudo sob o olhar vigilante em frente a ela.

— Você dormiu bem? perguntou ele finalmente, a sua voz profunda, lenta e amarga.

— Oh, Sim... eu dormi bem, obrigado, respondeu calmamente

— O inferno que dormiu, ele zombou.

— Você não deveria estar lá fora com o gado? perguntou ela.

— Não até você me convencer de que não vai estar no primeiro ônibus para o norte, afirmou categoricamente. Seu olhar deu toda a resposta que ele precisava.

— Foi o que pensei, disse ele, inclinando-se na cadeira para estudá-la através dos olhos semicerrados. — Fugir nunca resolveu nada, Maggie.

Ela olhou para ele, sentindo quebrar algo dentro dela. — Eu preciso de seu conselho como um buraco na cabeça, ela retrucou, com expressão magoada. — O que você está tentando fazer comigo, Clint? O que Philip fez comigo não foi o suficiente e você está tentando destruir os pedaços que ele deixou intacto? Por que você gosta de me machucar?

— Você não sabe, querida? ele perguntou, num tom perigosamente silencioso.

Era o rosto do estranho, novamente, não era Clint, e ela olhou para ele com curiosidade. — Eu... Eu acho que algumas vezes não sei quem você é, disse ela involuntariamente.

— Você não sabe. Ele engoliu o restante do seu café e acendeu um cigarro. — Você está chafurdando na autocomiseração, Irlandesa, ou não percebeu isso? Pobre menina, traída pelo noivo, abandonada no altar... bem, não tem minha simpatia. Ele foi um maldito desonesto, enganador, e foi bom você ter se livrado dele. O que ele feriu foi seu orgulho, pequeno pedaço de gelo, disse ele sem piedade. — Você não reconheceria o amor nem mesmo se ele se aproximasse e sentasse no seu pé.

— Eu suponho que você o reconheceria, já que é um especialista! ela disse num lampejo.

Seus olhos brilharam sobre um sorriso zombeteiro. — Mais que isso, riu.

Ela franziu a testa. — O que?

Ele se levantou, parando em sua cadeira a caminho da saída, um longo braço deslizou na frente dela quando ele se inclinou para baixo. — Eu lhe disse antes, baby, ele murmurou em seu ouvido: — Eu gosto quando você luta contra mim. Essa é a maneira mais fácil de dizer que você não está tentando enterrar a cabeça no passado.

Ela corou, de repente entendendo, ou quase entendendo, seu comportamento na noite passada.

— Eu não quero passar duas semanas inteiras brigando contigo, ela resmungou.

Seus dedos pegaram seu queixo e ergueu-o até os olhos dela encontrarem os seus. Toda leviandade tinha sumido de seu duro rosto, agora. — Por que você não pede a Emma para nos preparar um piquenique? ele perguntou baixinho, — traga-o até o pasto perto do meio-dia. Nós vamos descer pelo rio e comer.

— Mas... mas o leilão, todos os convites, e... a publicidade...? ela balbuciou.

Um dedo longo traçou a curva suave de sua boca em um silêncio que fez a sua respiração audível. — Eu vou te deitar embaixo daquele velho carvalho retorcido, ele sussurrou profundamente, mantendo seu olhar, — e vou te ensinar todas as coisas que Philip deveria ter tido a paciência para ensinar.

Ela corou furiosamente e afastou seus olhos. — Eu... Eu realmente não preciso de lições, obrigada, disse ela breve. Empurrou para longe sua mão magra. — Gato escaldado, tem medo de água fria, Clint. Você não vai me ter de joelhos novamente, nunca mais!

Ele não pareceu ser perturbado pela explosão passional. Apenas sorriu. — Não? Não me subestime, querida.

— Aprendi cedo a não subestimar o inimigo, respondeu ela

Ele saiu rindo enquanto Emma voltava com o café e um prato de ovos com bacon e biscoitos frescos. — Agora, o que deu nele? ela perguntou curiosa.

— O diabo, Maggie disse firmemente.

Maggie estava terminando um anúncio sobre o leilão para o jornal semanal local quando ouviu um súbita e alta batida na porta da frente, e os passos rápidos de Emma para atender. Depois o barulho da porta sendo aberta e um grito exultante de Emma, então duas vozes se misturaram, a animada de Emma e um riso agradável masculino.

— Maggie! Venha aqui! Emma chamou agitada, Maggie enfiou a cabeça pela porta e seus olhos se encontram com um par de olhos azuis escuros em um rosto profundamente bronzeado e delineado por um espesso cabelo louro.

— Bem, calo minha boca, se não é a garota que eu jurava amor eterno no palco em nossa peça da sexta série! Brent Halmon sorriu, com os olhos brilhando para ela do hall.

— Olá, Senhor “Eu-Sou-o-Tal”, onde estão suas amarras?!

Ele abriu a porta e apertou-a em seus braços delgados, estalando um beijo na sua bochecha. — Por Deus, você cresceu, Maggie! ele brincou, dando-lhe uma longa avaliação dos pés a cabeça. — Você ficou bonita assim em apenas quatro anos?

— Este não é o meu verdadeiro rosto, você sabe, ela sussurrou em voz baixa. — É a máscara que uso para não mostrar minhas verrugas verdes!

— Ainda as tem, hein?, disse ele com falsa resignação, balançando a cabeça. — Eu avisei sobre beijar os sapos e não a mim?

— Vocês dois! Emma riu, olhando para eles. — Sempre brincando um com o outro. Vocês deixavam Clint de cabelos brancos quando eram crianças.

— Falando do velho dominador, onde ele está? Brent sorriu.

— Lá fora, colocando fraldas nos seus novinhos, Maggie disse a ele. — E fitas em suas vacas e casacos à noite em seus bois. Haverá um leilão na próxima semana.

— Eu sei, disse Brent a ela, — é por isso que eu vim. Estou de olho nesse touro Hereford premiado do primo Clint.

— Falando de fazendas imensas, Maggie disse, — como é o Mississipi?

— Verde e bonito. Porque você não vai me visitar?

Ela deu de ombros. — Estou trabalhando. Por acaso, sou secretária temporária de Clint no próximo par de semanas. É por isso que estou aqui.

Ele balançou a cabeça. — Eu ouvi que Lida o deixou, disse Brent com um suspiro profundo. — Eu não esperava nada menos que isso. Pensei que Clint entre todas as pessoas tivesse mais bom senso...

—E eu acho que todos fizeram uma idéia errada, Emma disse calmamente. — Clint não estava apaixonado por Lida. Ele não estava pensando em casamento, tampouco. Ele é um homem normal, saudável, e ela era uma mulher sofisticada que conhecia os riscos. E isso é o suficiente sobre o assunto. Vamos, Brent, Clint ficará tão surpreso...!

— Vejo você em poucos minutos, Mag, Brent falou sobre a conversa animada de Emma.

Brent estava se trocando para a ceia, quando Clint entrou, empoeirado, cansado e de péssimo humor. Seus olhos se estreitaram fitando Maggie, que terminava uma última carta na sua mesa. — Não estava com fome?, perguntou ele sem preâmbulo.

Ela olhou para ele fixamente. — Fome?

— Durante o jantar, afirmou categoricamente.

Ela lembrou o que ele disse a ela no café da manhã e começou a ruborizar. — Você estava brincando... ela disse fracamente.

— O inferno que estava, ele respondeu, os olhos apertados, ameaçadores.

Ela abriu a boca para falar quando Brent chegou na porta e bateu nas costas de Clint.

— Oi, primo! ele disse alegremente enquanto Clint girava, atordoado, para enfrentá-lo. — Surpresa, surpresa!

— Meu Deus, o que está fazendo aqui? Clint perguntou irritado.

— Eu vim para o leilão, foi a resposta impertubável. —Você me convidou, lembrou ao homem mais velho.

— Para o leilão, não para o verão! as sobranceiras de Brent ergueram-se, alegremente ignorando o mau humor de Clint. — O touro te chifrou ou algo assim? ele perguntou agradavelmente, estudando a roupa empoeirada e manchada de sangue do homem mais alto.

Maggie abafou um riso, mas não antes de Clint lançar um olhar estreito em sua direção e olhar para seu rosto.

— Ah, você está em casa! Emma sorriu para Clint da porta. — Olhe quem está aqui. Não é agradável ter Brent de volta?

— Encantador, Clint concordou. — Perdoem-me, vou lá em cima colocar uma arma na minha cabeça em honra da ocasião.

Três pares de olhos perplexos seguiram sua figura alta como ele subia as escadas.

— Ele não parece bêbado, Brent comentou casualmente.

O humor de Clint parecia ter melhorado quando voltou, seu cabelo escuro ainda úmido do banho, vestia um par de calças escuras e uma camisa de seda verde aberta no pescoço, num tom que combinava com seus olhos. Ele parecia ter decidido ser agradável com Brent, alongando-se no assunto sobre o gado e o manejo da terra, de tal forma que Emma e Maggie esqueceram-se deles e conversaram sobre roupas durante toda a refeição.

— Eu não andei por aí ainda, disse Brent enquanto eles tomavam o café na sala de estar. — A piscina ainda está lá e cheia?

— Está, Clint disse agradavelmente. — Quer nadar? Maggie? acrescentou ele, olhando para ela.

— Se você me deixar usar um maiô, em vez de empurrar-me completamente vestida, disse ela docemente.

— Querida, será um prazer, disse ele numa voz que a fez sentir arrepios na espinha.

— Perdi alguma coisa? Brent piscou.

— No verão passado, Maggie explicou, — ele me jogou no rio vestida.

— Você me chutou primeiro, Clint respondeu imperturbável.

— O que eu devia fazer, ficar lá e deixar aquela cobra estúpida me morder primeiro?

— Você acha que mataria a maldita coisa com um punhado de pedrinhas?

— Eram pedras, e eu...!

Brent levantou-se. — Se vocês querem fazer isso corretamente, por que não marcam um horário e se encontram na parte inferior da pastagem ao nascer do sol?

Clint deu-lhe um olhar que o enviou para as escadas. — Estarei lá depois de colocar meus shorts. Você vem, Maggie?

Ela olhou para Clint. — Por que não?

Capítulo Quatro

A piscina era olímpica e a água agradavelmente fresca. Maggie flutuava calmamente, seu corpo esguio escassamente coberto por um biquini, os longos cabelos flutuando atrás dela. Ela e Brent tinham feito duas voltas lado a lado quando Clint se juntou a eles. Piscina era uma coisa que raramente usufruía acompanhado e nunca com estranhos. Uma longa cicatriz irregular branca corria do centro do seu amplo peito ao longo da pele bronzeada até seu plano estômago. Outra era visível em sua musculosa coxa. Ele as chamava de recordações, de um combate de anos atrás, quando ele não conseguiu mergulhar longe o suficiente para se livrar de uma chuva de estilhaços. Para Maggie, ele não tinha ficado nem um pouco desagradável, a única coisa sobre ele que sacudia sua visão era o corpo poderoso e bronzeado sem o verniz de roupas para torná-lo menos sensual. Mas Clint era sensível quanto as suas cicatrizes, de modo que ela nunca as mencionava, nem Brent.

Eles relaxavam na água tranquila, sem conversar por alguns preguiçosos minutos, até Emma destruir a paz, chamando Brent para atender ao telefone.

— Eles acham você onde quer que vá, Brent gemeu e puxou seu corpo esbelto para fora da água. — Continue sem mim, Maggie. Clint te salvará se você se sumir na água pela terceira vez.

— Quer apostar? ela murmurou, mas ele não a tinha ouvido.

Clint submergiu ao seu lado, balançando a cabeça escura para tirar o cabelo dos olhos, as mãos magras tocando sua barriga nua, enviou um arrepio de prazer selvagem através de seu corpo esbelto enquanto ele se aproximava e puxava o corpo dela contra o dele.

— O que você quis dizer com aquilo? ele perguntou, seus olhos ardentes nos dela, as pernas musculosas entrelaçadas com as dela sob a água.

— Que você provavelmente gostaria de me afogar, ela disse vacilante. Calafrios começaram a correr por seu corpo. — Por favor, deixe-me ir. Estou com frio.

— Frio ou excitação? ele perguntou, o rosto solene, seu olhar questionando. — Você sempre teve uma quedinha por Brent, não é, Irlandesa?

— Nós nos damos muito bem.

— E você e eu não, afirmou categoricamente.

— Isso é o que você está dizendo. Clint... Suas mãos o empurraram, tocando a grossa cicatriz em seu peito. Seus olhos foram impelidos para baixo permanecendo sobre o espesso emaranhado de pelos molhados que parecia estranho e novo ao seu toque. Seus dedos traçaram suavemente, em seguida, mudaram-se para o tórax, largo e rígido que estava gelado pela água. Um choque percorreu-a quando ela percebeu o que estava fazendo e tirou a mão como se a carne dele a tivesse queimado.

Ele pegou sua mão e colocou-a no seu ombro, segurando-a ali enquanto estudava seu rosto abatido. — Maggie, não, disse ele gentilmente.

— Sinto muito, ela murmurou em um tom cortante. — Eu não queria...

Ele pegou um punhado de seu cabelo molhado e puxou seu rosto contra ele até estar sufocada contra a carne gelada e bronzeada, os cabelos ondulados fazendo cócegas no seu nariz.

— Meu Deus, eu gosto quando você me toca, ele sussurrou em seu ouvido, rouco, uma nota estranha em sua voz. — Não há nada para se envergonhar. É natural uma mulher ser curiosa, especialmente quando ela é inexperiente. Seus dedos apertados em sua nuca.

Contra ela, sob a água, podia sentir a batida pesada e firme do seu coração. — Vem cá, querida, ele sussurrou, e passou os dois braços em volta dela, engolindo-a, em um abraço que reuniu as estrelas para dentro da piscina com eles. Ele trouxe-a para perto lentamente, segurando-a, esmagando-a, machucando-a...

— Dê-me sua boca, ele disse com voz rouca.

Queimando, faminta, ela levantou o rosto para seus olhos em chamas e viu eles descerem para seus lábios com algo parecido com reverência. Este era Clint, o Clint, que brincava com ela e a atormentava, que era como uma grande parte de sua infância na fazenda, os cavalos, Janna. Mas nunca tinha sido assim, nem em toda sua selvagem imaginação juvenil. Ele era um homem mais velho que ela, experiente, confiante. E sua inexperiência não era páreo para a fome que lia em seu rosto.

— E agora, ele sussurrou aproximadamente, inclinando a cabeça escura, — agora eu vou lhe mostrar sensações que você nunca soube que poderia sentir, pequena inocente. Vou mostrar a você como ser uma mulher...

Ela estava tremendo, impotente, enquanto ela esperava sem fôlego para sentir a sua dura boca na dela. Ela começou a falar, para dizer alguma coisa, qualquer coisa, quando a porta do pátio se abriu e quebrou o feitiço.

Ela sentiu um arrepio correr pelo corpo rígido de Clint quando ele soltou-a e mergulhou na água. Brent chegou correndo, os pés descalços batendo no concreto molhado, e mergulhou respingando água para todos os lados.

Maggie foi cavalgar com Brent no dia seguinte, assim que terminou com a correspondência que Clint tinha deixado para ela no gravador.

— Eu amo este lugar, disse Brent, com um sorriso, contemplando a floresta verdejante à sua volta. — Eu passei muito da minha infância aqui.

Ela sorriu também. — Eu e Janna costumávamos brincar de caubóis e índios aqui, lembra? Uma vez preparamos uma emboscada para você no topo de um desses pinheiros.

— E pegamos carrapatos, todos nós, ele lembrou alegremente.

Ela estremeceu. — Foi horrível!

— Sem dúvida. Ele parou e olhou para ela, franzindo a testa. — O que aconteceu com Clint na noite passada? ele perguntou de repente.

Ela sentiu o rubor subir, e desviou o rosto. — Mau humor, disse ela sem rodeios, ao lembrar como ele deixou a piscina sem olhar para trás logo após o retorno de Brent. Ele havia deixado a casa não muito tempo depois, e já era de manhã cedo quando Maggie ouviu o carro voltando. No momento em que ela e Brent chegaram à mesa do café, ele já estava no trabalho. Ela fechou os olhos sobre a lembrança do que ele esteve prestes a fazer, e o que ela tinha quase deixado o fazer. Ela ainda podia ver a boca dura pronta logo acima dela, sentir a sua quente respiração misturando-se com a sua própria. Ela queria tanto aquele beijo que se sentiu dilacerada quando Brent interrompeu-os.

Mas foi melhor assim, ela lembrou a si mesma. Clint tinha todas as mulheres que precisava, era óbvio. Ele gostava de humilhá-la de qualquer maneira, por isso ela deveria se proteger melhor. Talvez agora que Brent estava ali...

— Onde você está? Brent perguntou, acenando com uma mão na frente dos seus olhos.

Ela olhou para ele com olhos arregalados. — Marte, ela sussurrou teatralmente, — Lá fora! Explorando lugares estranhos e exóticos com a minha mente!

Ele sorriu. — Por que não tentar me explorar com a sua boca? olhando de soslaio, levantando e abaixando as sobranceiras para impressionar.

Ela começou a rir e deixou a Melody cavalgar ao lado de seu cavalo. — Você é exatamente o que eu precisava. Oh, estou tão feliz por você ter vindo!

— Estou contente por você, respondeu ele.

— O que você quer dizer?

Ele a olhou com ar especulativo. — Estou falando do primo Clint. Olhe, sua experiência em persuadir as garotas. Clint em ação é uma coisa para se contemplar.

— Não entendi.

— Ele quer você, disse a ela calmamente.

O coração dela parou, e então começou a bater novamente. — Ele está apenas brincando, Brent. Lida mexeu com seu orgulho e...

— Ele quer você, repetiu calmamente. — Nunca o vi olhar para uma mulher desse jeito antes, com tanta intimidade. Eu não gostaria de vê-lo magoado.

Sua preocupação era reconfortante. Ela estendeu a mão e tocou seu delgado braço. — Eu também não quero me magoar, ela disse com um sorriso. — Estou com meus dois olhos bem abertos. Não estou enterrando a cabeça na areia.

Ele balançou a cabeça, sorrindo de volta. — Minha querida, você sempre foi apaixonada por ele, apesar dos pseudo-noivos. Ele pode não notar, mas eu sim.

Ela mordeu o lábio inferior, olhando para baixo para sua sela. — Eu pensei que Philip poderia...

-... Compensar? ele terminou por ela. — Você deveria saber que não. Maggie, você não devia ter vindo para cá.

Ela riu baixinho. — É um pouco tarde agora.

— Venha para casa comigo quando eu partir, disse ele calmamente.

Ela olhou para ele, tentando ler o seu rosto fino.

— Não, não é assim, ele riu. — Maggie, acrescentou ele, solene, agora, — Eu sei como você se sente. Há uma mulher...que eu daria tudo o que tenho, e um pouco mais; mas ela não se sente assim a meu respeito. E, como você, sei que ninguém mais poderia tomar o lugar dela. Não se deixe ser arrastada e esquartejada desse jeito. Nós consolaremos um ao outro.

— Um ombro para chorar, Brent?, ela perguntou baixinho.

— Isso é tudo que posso oferecer, respondeu ele, mais grave do que já o tinha visto. Ele sorriu de repente. — Você acha que eu estava lhe oferecendo uma grande paixão?

Ela riu com vontade. — Deixe-me pensar sobre isso. Agora, estou fazendo um trabalho, e dei a minha palavra.

— Você é quem deve decidir, ele respondeu. — Não posso te obrigar a nada. Mas estou lhe oferecendo um refúgio sempre que precisar. E ele nunca te encontrará.

Ela concordou. — Obrigada pela opção.

Ele piscou para ela. — Você é mais minha prima do que ele. Nós sempre formamos uma dupla terrível.

— Nós ainda somos. Ela se inclinou em direção a ele em tom conspiratório. — Vamos arrancar fora o rotor do seu jipe.

— Vamos! Clint olhou atentamente para ambos os hóspedes na mesa do jantar.

— Uma coisa estranha me aconteceu hoje, comentou casualmente. — Tentei ligar meu jipe e estava faltando o rotor.

— O rotor? Emma exclamou, pausando ao levar uma garfada de purê de batatas para a boca. — O rotor sumiu?

Maggie levantou as sobrancelhas e encontrou Clint observando. — Que estranho, disse ela, impassível.

Brent engasgou com seu café e teve que levantar-se da mesa.

— Não tenha medo! Maggie disse levantando-se depois dele. — O socorro está a caminho!

Nos próximos dias ela e Brent, felizmente, foram capazes de se manterem fora do caminho de Clint. Mas seu humor estava pior do que nunca, e preparar as coisas para o grande leilão não estava ajudando muito.

— Ei, Maggie, Billy Jones o capataz chamou, — Clint quer vê-la!

Ela olhou de cima da varanda, onde estava fazendo uma lista para o churrasco do meio-dia no leilão. — Bem, aqui estou eu! ela chamou alegremente. — Diga a ele para procurar dentro do seu coração! Billy saiu balançando a cabeça e Maggie se arrependeu instantaneamente. Brent foi chamado numa viagem de negócios pela manhã e ela estava com medo de passar do limite com Clint sem a proteção de Brent. Mas a tensão estava começando a afetá-la...

— Então você está aí, maldita bruxinha, Clint murmurou, aproximando-se, o chapéu sobre a testa e a fúria em cada linha de seu rosto duro.

Ela sentiu-se encolher, mas manteve os olhos levantados. — Sim?

Ele parou na frente dela e arrancou o chapéu, atirando-o para a mesa próxima. Ele se inclinou para baixo, um musculoso braço de cada lado dela na grande e alta cadeira de balanço onde ela estava sentada, prendendo-a.

— Se eu fosse você, disse ele em um tom de voz perigosamente suave, — Não pressionaria tanto. Sei tudo o que preciso saber sobre você e o primo Brent!

Ela sentiu a força bruta na proximidade do corpo enxuto, e isso era perturbador. — Só porque nós escondemos seu rotor...

... — E as fitas rosas amarradas no rabo de duas das minhas vacas de leite, e a espuma de banho na piscina, e... resmungou ardentemente.

Ela corou. Tinha sido realmente engraçado na hora. — O problema é que você não tem senso de humor, ela resmungou.

— Você tem o suficiente por nós dois! ele respondeu. Seus olhos estavam verde dourados como os de uma pantera, naquele rosto moreno, próximo e ameaçador.

— Mesmo quando Brent e eu éramos crianças, você conseguia nos fazer sentir como se fôssemos criminosos cada vez que fazíamos uma brincadeira, disse ela à frente aberta de sua camisa xadrez azul, onde os pelos escuros escapavam úmidos de suor.

— Você chegou bem perto de deixar meus malditos cabelos brancos, algumas vezes, lembrou, e um pouco da raiva o abandonando. Ele sorriu.

— Então, ela murmurou e involuntariamente seus dedos subiram até a tocar o prata nas suas temporas. — Você tem certeza de que não é um sinal de velhice? acrescentou maliciosamente.

Ele riu baixinho. — Sua fedelha.

Todos os anos pareciam sumir quando ele sorria desse jeito, e era o Clint de sua infância, a maior criatura que seus sonhos podiam produzir, invulnerável e indestrutível.

— Clint, lamento sobre o banho de espuma, disse ela, — mas parecia tão bonito...

Ele torceu uma longa mecha de cabelo dela. — A influência de Brent é ruim para você. E de agora em diante mantenha as mãos longe do meu jipe.

— Sim, Clint.

— Tão meiga! ele murmurou. Seus olhos desceram para a boca e permaneceram lá por muito tempo. Abruptamente ele pegou-a pela cintura minúscula com ambas as mãos e puxou-a contra ele, segurando-a com tanta força que ela gritou involuntariamente.

— Sua besta, me solta. Ela engasgou com raiva.

Sua respiração estava quente em sua têmpora. — É perigoso parar de lutar comigo, Irlandesa, murmurou numa voz estranhamente rouca. — Eu sou um homem, não um menino como Brent, e não estou acostumado a limites de espécie alguma. É inocente demais para compreender ou quer que eu soletre?

Ela sentiu o corpo musculoso contra o dela e as mãos tensas dele afastando-a e se moveu para pegar as folhas de papel e a caneta que tinha caído no chão.

— Devo lembrá-lo que você me disse que eu não... atraio você *daquela* forma, disse ela através dos lábios apertados, evitando o seu olhar atento.

Houve um silêncio longo e estático entre eles. — Você tem a lista do Shorty? ele perguntou depois de um tempo, e ela ouviu o clique de seu isqueiro pouco antes de uma nuvem de fumaça pairar em torno dela. — Ele vai precisar dessas informações hoje para que possa começar a cozinhar no início da manhã.

— Estou prestes a terminar, ela respondeu, sentando-se. — Eu pensei em pedir algumas toalhas de papel, pratos, guardanapos e também utensílios de plástico.

— Pequena alma econômica, não é? ele perguntou rudemente. — Eu deveria ficar impressionado?

— A única coisa que poderia impressionar você, ela respondeu furiosamente, — é um rolo compressor!

— Mais comprimido do que impressionado, com certeza, disse ele com um lampejo de um sorriso.

Ela suspirou profundamente. — Você é sem dúvida, o ser humano mais enlouquecedor...!

— Com o seu cabelo solto assim, ele murmurou, — e seus olhos verdes como os botões no início da primavera, você é enlouquecedoramente bonita, querida. Apenas certifique-se de não atirar nenhum dos seus doces encantos em Brent. Eu odiaria como o inferno ter de jogá-lo para fora da fazenda.

— O que eu faço com Brent...! ela começou.

... — É da minha conta, enquanto você estiver na minha fazenda, disse sem rodeios, os olhos desafiando-a a discutir sobre isso. — Não cometa o erro de subestimar-lo, tampouco. Ele é um homem, e o tipo de provocações que você faz com ele pode parecer um convite.

Sua boca se abriu. — Clint, pelo amor de Deus, eu brinquei com ele toda a minha vida!

— E enquanto você tinha oito e ele dez anos era seguro. Seus olhos verdes percorreram sua figura flexível em blusa e calças de um suave marrom. — Querida, já faz tempo que você passou do seu oitavo aniversário. Não tente o destino.

— Como é estranho você me advertir sobre Brent, ela lançou sobre ele, — quando no outro dia ele me advertiu sobre você!

Uma sobranceira subiu e ela podia ver a malícia brilhando em seus olhos. — O que ele disse? ele perguntou.

Sua boca abriu para dizer as palavras exatas quando percebeu onde eles estavam e fechou-a novamente. Seu rosto ardia como fogo.

Ele riu baixinho. — Então? ele cutucou. — Você sabe que eu não vou deixar isso para lá até que você me conte. O que ele disse, Maggie?

Ela se moveu inquieta. — Ele disse que você em ação era digno de ser contemplado, disse ela finalmente.

— E que mais?

— Isso foi... tudo, ela vacilou. Estudou-a por um longo tempo, preguiçosamente alisando o cigarro. — Eu acho que posso adivinhar, refletiu. — E ele está certo, até certo ponto. Eu posso ter qualquer mulher que eu queira. Mas, Maggie, acrescentou ele, sua voz suave agora, — eu não roubo berços. Ela manteve os olhos baixos, inclinada a argumentar, mas muito esperta para não abrir a caixa de Pandora.

— Para quando você precisa dessa lista?

— Em uma hora. Eu tenho que enviar Shorty à cidade de qualquer maneira para pegar um material que pedi. E já que minha mãe não voltará antes de dois ou três meses, acrescentou ele, — você vai ter que atuar como anfitriã.

— Emma não pode...?

— Querida, não há nada como uma mulher muito sexy para manter os compradores felizes, ele zombou. Com um olhar furioso ela disparou contra ele tão dura quanto as palavras.

— Eu não vou ser usado como uma...! Ele inclinou-se, sua respiração misturada a dela, interrompendo o discurso eficazmente apenas se aproximando. Seus olhos ardiam profundamente.

— Doze anos, ele murmurou, — e você ainda não sabe quando estou provocando ou não. Eu não pretendo usar você como isca. E, se alguém encostar um dedo em você, eu quebrarei os dois braços dele. Satisfeita? Seus olhos se arregalaram, sua expressão confusa.

— Clint, por que...?

Seu dedo tocou seu nariz levemente. — Termine sua lista. Estou até o pescoço de trabalho. Ele virou-se bruscamente e deixou-a olhando para ele.

O dia do leilão começou muito cedo na manhã seguinte, os compradores começaram a chegar de carro e avião. Em pouco tempo, os verdejantes campos foram cobertos por eles. Shorty estava tentando estar em dez lugares ao mesmo tempo, ocupado com as enormes peças de carne para assar no churrasco, mexendo o feijão cozido, fazendo pães. Maggie se ofereceu para ajudar, mas ele não quis ouvi-la, gesticulando com raiva para seu vestido branco e exigindo saber como ela faria para não se manchar de gordura. Ela deixou-o com

um sorriso e uma piscada. Segundos mais tarde, Emma tomava seu lugar com o avental já manchado, e começou a cuidar do feijão. Shorty quase caiu sobre o ombro dela e beijou-a.

Maggie supervisionava os ajudantes temporários, servindo as mesas, preparando as cafeteiras, fazendo chá e trazendo baldes de gelo para os refrigerantes e cerveja. Lembrava-se dos dias de leilão em sua infância, quando a Sra. Raygen tinha feito isto parecer tão fácil. Não era nada fácil.

Inconscientemente, ela procurou nas barracas próximas por Clint e encontrou-o com seus olhos. Uma alta, magra e bonita loira mantinha-se junto a ele enquanto falava do gado com um homem idoso a seu lado. Havia algo muito familiar naquela mulher, ela procurou na sua memória e veio um nome. Sarah Mede. A pequena Sarah, que havia crescido e se transformado numa sereia, e estava perseguindo Clint descaradamente como Maggie tinha feito na precoce idade de nove anos. Maggie suspirou cansada. Janna tinha dito algo sobre Sarah e seu pai estarem em férias na Europa. Aparentemente eles estavam de volta, e ela não precisava perguntar quem era a namorada mais recente de Clint. Aquela possessiva mãozinha adornada dizia tudo.

Ela voltou para seus afazeres, desejando com todo seu coração que Brent tivesse voltado a tempo para dar-lhe algum apoio moral. Ela achou que não fosse precisar mais. Se ela nunca tivesse voltado!

— Bem, Olá, veio uma agradável voz masculina atrás dela e virou-se para encontrar um quarentão, um homem bastante atraente em terno cor de ferrugem em pé atrás dela.

Ela sorriu automaticamente. — Olá. Veio para o leilão?, perguntou ela.

Ele sorriu para ela. — Sim, foi por isso que eu vim, ele demorou com um riso em sua voz. — Mas ouvi o primo de Clint dar um lance no touro. Eu tinha certeza que iria ficar com esse velho touro Hereford.

— Sinto muito, disse ela com um sorriso. — Mas Brent também tinha essa certeza.

— Você é da família?

Ela balançou a cabeça. — Sou secretária temporária de Clint. Mas fui criada há apenas alguns minutos ao norte daqui. Conheço Clint, Janna e Brent a maior parte da minha vida.

— Eu odeio ser intrometido, mas você acha que eu poderia pegar uma xícara de café enquanto esperamos pelo churrasco? ele perguntou. — Eu sei de Austin, sem o café da manhã ou uma palavra gentil de minha empregada, e estou quase seco.

— Tem cerveja, se você preferir, disse ela, achando que ele mais parecia um homem de cerveja do que de café.

Ele sorriu, enfatizando as linhas extras em seu rosto moreno. — Não com o estômago vazio, disse ele com calma sinceridade. — Embora admita que gosto de um uísque envelhecido. Mas agora tudo que eu quero é café.

— Então, é isso que você vai ter, Senhor...?

— Masterson, respondeu ele. — Duke Masterson. Você?

— Maggie Kirk.

— Apenas Maggie? sondou.

Ela deu de ombros. — Bem, na verdade, é Margaretta Leigh, disse a ele, — mas ninguém me chama assim.

— Por que não? ele perguntou suavemente. — Eu achei adorável.

Ela se sentia muito jovem sob aqueles olhos calmos, escuros e fora de seu alcance. — Vamos atrás daquele café.

Ele era um pecuarista, como ela imaginava, com uma grande fazenda perto de Austin, bem como imóveis e explorações de petróleo. Era também um homem atraente, com um charme que a deixava imediatamente à vontade.

— Eu estive no exterior por um mês ou mais, ele contou a ela sobre uma xícara de café preto fumegante. — Na Grécia.

A pergunta saiu antes que ela pensasse. — Você visitou Pompéia?

Aquilo pareceu surpreendê-lo. — Sim, visitei. E Tróia e Acrópole. Ele se inclinou para a frente. — Não me diga que você gosta de Arqueologia.

— Passei minha infância subindo os montes indígenas, e leio tudo que encontro sobre novas escavações, ela admitiu.

— Por Deus, ele sussurrou. — Como eu. Costumava acompanhar meu pai, enquanto ele arava a terra eu pegava as setas e peças de cerâmica. Eu passo tanto tempo quanto posso...

— Cansado, Masterson? veio uma voz calma profunda bem atrás de Maggie.

Masterson riu. — Acabado Clint, admitiu. — Eu tive duas horas de sono na noite passada e parti sem o café da manhã ou pelo menos uma xícara de café instantâneo. Margaretta teve pena de mim.

Clint moveu-se com Sarah Mede ainda pendurada no seu braço. Ele olhou para Maggie com um olhar estranho, sondando. — Margaretta? murmurou curioso.

Maggie respondeu irritada. — É meu nome.

— E é muito bonito, acrescentou Masterson, tomando seu café. — Clint, o que acha de me emprestá-la esta noite? Apenas o tempo suficiente para me acompanhar no jantar, pelo menos.

A pergunta pareceu surpreender tanto Clint quanto Maggie.

— Adoraria! Maggie disse sem pensar. — Podemos falar um pouco mais sobre arqueologia!

— Arqueologia? Clint explodiu, os olhos estreitos e escuros. — Que diabos você sabe sobre isso?

Ela olhou para ele. — Muita coisa, na verdade. Fiz dois cursos na Universidade, e passei dois meses em uma escavação no ano passado!

— Não vejo motivo para você ficar tão chateado, Clint, querido, Sarah murmurou baixinho, e sorriu para Maggie. — Não é sempre que duas pessoas encontram algo em comum. E tão rapidamente. Assim, como eu e você com a música country Clint, explicou ela.

— Eu vou cuidar dela, disse Clint Masterson, e algo em seus olhos pareceu convencer o homem mais jovem. — Acho que você me conhece bem o suficiente, não é?

— Conheço, Clint disse finalmente, sua voz profunda e tranquila. — E você pode considerar isso como um elogio. Não existem muitos homens que possam dizer isso.

— O que é isso? Maggie resmungou, olhando para Clint. — Sou uma mulher adulta. Não preciso de um cão de guarda!

— Adulta, Clint zombou. — Vinte anos e acha que tem todas as respostas, é isso?

— Mas, Clint, Sarah murmurou melosamente, — Tenho apenas vinte e um, e você nunca fez esse estardalhaço por mim...

— Cale a boca, Sarah, afirmou categoricamente.

— Você nunca diria isso para mim, — Maggie disse a ele. — Eu achataria você como uma...!

— Vá para o inferno, Maggie, — Clint disse com um sorriso infernal e virando-se, puxou Sarah para junto dele. — Traga-a para a casa a meia noite, Masterson, ele disse por cima do ombro. — Ela se transformará em uma abóbora se você não a trouxer.

Masterson sorriu para ela. — Você? ele perguntou, olhando as emoções em seu rosto pálido.

— Eu gostaria que ele se transformasse, ela sussurrou enfurecida. — Eu não preciso de um irmão mais velho.

— Eu acho que você precisa. Ele cruzou os braços sobre a mesa e a estudou. — Estou com quarenta e dois anos, menina. E garanto que se Clint não me conhece pessoalmente, você nunca poria os pés fora desta fazenda comigo. Mas não tenho outras intenções com você, e ele sabe disso também. Só preciso de companhia, e é muito agradável ter uma conversa com alguém que entenda de datação por carbono e tenha atração por túmulos antigos.

Ela sorriu. — Obrigada.

As sobancelhas dele se elevaram.

— Eu que agradeço. Agora, o que você gostaria de ouvir sobre Pompéia?

— Ah, eu adoraria! ela respondeu, e acomodando-se para escutá-lo, tentando não ouvir as últimas palavras de raiva de Clint, tentando esquecer o ódio em seus olhos...

O leilão tinha acabado, os convidados se foram e do churrasco, só tinha sobrado os ossos quando Maggie deixou o restaurante com Masterson.

Clint tinha ido embora com Sarah, e foi um abençoado alívio. Ela tinha tido brigas suficientes por um dia.

Mais que um bife bem grelhado, Masterson compartilhou algumas de suas viagens com ela, sorrindo da expressão extasiada de seu rosto jovem enquanto ele descrevia lugares que ela teria dado tudo para conhecer.

— Eu sempre quis conhecer Stonehenge, ela disse a ele.

— Então por que não vai? ele perguntou. — O preço das passagens de avião não são tão altas, você sabe.

Ela sorriu. — E eu poderia ser voluntária em uma escavação. É só o tempo. Parece nunca ser o suficiente.

Algo escureceu seus olhos por um instante. — Eu sei. Não deixe que ele acabe antes que você tenha feito as coisas que gostaria, menina.

Ela deu de ombros. — Eu ainda tenho bastante.

— Não, ele disse suavemente, seus olhos distantes. — Não, nenhum de nós o tem em abundância.

Era meia-noite em ponto quando Masterson parou o carro alugado em frente aa casa da fazenda.

— Eu gostei muito, Maggie disse-lhe com um sorriso. — Se você for a Columbus...

— Isso não está nos meus planos, pequena, disse ele gentilmente. Seus olhos escuros sorrindo para ela. — Obrigado por dar atenção e companhia a um velho homem. Algum dia você vai entender o quanto isso significa.

— Velho? Você?, ela perguntou incredula.

Ele riu. — Agora, você foi gentil. Boa Noite, Margaretta Leigh.

— Sem beijo de boa noite?, ela perguntou atrevidamente. — Acho que estou ofendida.

— Você pequena descarada... Ele puxou-a contra seu corpo grande e enxuto e beijou-a com uma perícia que foi arrasadora. — Obrigado, Maggie, ele sussurrou, deixando-a ir.

— Boa noite, disse a ele, deslizando relutantemente para fora do carro.

— Adeus, querida, respondeu ele suavemente. E em seguida, ele se foi.

Ela ficou olhando as luzes traseiras do carro, uma vez que o caminho ia em direção a estrada, e por apenas um instante ela não estava na Flórida. Estava de pé sobre a chuva em uma civilização antiga com a brisa agitando seus cabelos e seu sangue bombeando forte. E ele estava lá também, mas o nome não era Masterson. Ela estremeceu. Outra época, outro lugar, aqueles olhos escuros olhavam dentro dela e, hoje, em algumas horas sua alma tinha chegado a tocar a dela. Ela sentiu arrepios de emoção formigando em seu corpo tenso. Como era estranho encontrar e instintivamente saber tudo sobre ele, como se numa outra vida...

— Venha para dentro, pequena.

Ela virou-se para Clint. Ele ainda usava as calças de seu terno e camisa branca, mas a gravata e o paletó tinham desaparecido. Ele parecia perigosamente atraente.

— Eu... Eu só estava olhando o carro, ela murmurou enquanto subia as escadas. O arrepio passou por ela de novo e sem pensar ela deslizou a mão fria na de Clint, como uma criança em busca de conforto. Por apenas um instante sua mão ficou tensa. Então envolveu-a com a sua mão forte e delgada e apertou-a.

— O que está errado, querida? ele perguntou.

Ela balançou a cabeça. — Senti-me... como se o tivesse conhecido em algum lugar antes. E alguma coisa estava errada, senti isso!

— Deja vu? perguntou ele com um sorriso, levando-a para dentro de casa, e depois para seu escritório.

Ela encolheu os ombros, afundando cansada no sofá. — Talvez. Não sei. Ele me assustou. Ela o viu servir um uísque puro, colocar gelo e mexer. — Conte-me sobre ele.

Clint moveu-se através da sala e apoiou-se sobre um joelho ao lado dela, seus olhos escuros quase no mesmo nível dos dela. Suas mãos pegando as dela que descansavam em seu colo.

— Ele tem câncer, querida, disse ele muito delicadamente. — Não há nada que possamos fazer por ele, e pelo que ele mesmo me disse, tem menos de dois meses.

Ela rompeu em um soluço com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Eu gosto dele, ela murmurou através de um sorriso pálido.

— Eu também. Um inferno de homem, Masterson. Conheço-o a maior parte da minha vida. Ele tomou o seu lenço e enxugou-lhe os olhos. — Você sabe, ele fez mais em seus quarenta e dois anos que a maioria dos homens no mesmo tempo de vida. Ele não perdeu um segundo. É difícil não sofrer tanto por um homem como esse.

Ela olhou-o nos olhos em silêncio por um longo tempo. — Eu... eu não posso imaginá-lo de luto por ninguém, disse ela baixinho.

— Não pode, querida? Ele sorriu para ela, delicadamente, a mão afastando seu cabelo do rosto úmido. — Você ainda pensa que sou invulnerável?

— Eu não sei. Ela estudou o rosto moreno, em silêncio por um longo tempo. — Eu não sei muito sobre você. Eu... eu nem sabia que você gostava de musica country.

— Eu gosto de qualquer tipo de música. E tempestades, quanto mais selvagens melhor. E mulheres jovens e sensíveis com olhos de jade líquido, ele sussurrou profundamente. — E se você não ainda não acalentasse aquele beijo que Masterson lhe deu lá fora no carro, eu tomaria a sua boca e te faria implorar por mim, garota.

Ela corou até a raiz de seus cabelos, e tentou regular a respiração, para que ele não notasse o efeito daquelas palavras suaves tinham causado em suas frágeis emoções.

— Eu... eu não poderia mesmo... mesmo assim, ela respondeu, esforçando-se para usar uma pequena onda de indignação contra ele.

— Você passou os últimos quatro anos, imaginando como seria sentir minha boca sobre a sua, disse ele calmamente, seus olhos fitando os dela. — Nós dois sabemos disso.

Trêmula, ela levantou-se e moveu-se em torno dele para a porta.

— Quando você vai parar de correr de mim? Perguntou ele, enquanto a mão dela alcançava a maçaneta.

— Boa noite, Clint, respondeu ela, ignorando a pergunta.

— Não tropece no caminho para o berçário, ele rosnou.

Ela poderia provar a amargura naquelas palavras duras, e isso lhe dizia o quanto ele estava contrariado. Por pura vaidade, ele era invencível.

— Margaretta.

O som ofegante do seu nome nos lábios, tão estranho, tão incomum, a fez congelar. Ela virou-se para captar uma expressão no rosto dele que ela não conseguia entender.

— Vai cavalgar comigo amanhã, disse ele gentilmente. — Vou levá-la naquele pequeno trecho do riacho onde você e Janna costumavam brincar.

Ela hesitou. — Porquê?, perguntou ela.

— Talvez eu queira conhecê-la novamente, disse ele descuidadamente.

— Alguma vez você me conheceu? perguntou a ele.

Ele balançou a cabeça. — Estou começando a pensar que não. Você vem?

Ela mordeu seu lábio inferior. — Se... se Brent não estiver em casa, eu vou.

Seus olhos estreitaram-se, um músculo pulsando em sua mandíbula. — Brent não voltará, disse ele tenso. — Ele ligou enquanto você estava fora e pediu-me para mandar seu touro por navio para Mississippi. Ele está a caminho de Hong Kong.

— Oh. Ela virou-se.

— Não pareça tão desgraçadamente perdida! Meu Deus, Irlandesa, quantos homens são necessários para você ultimamente? resmungou ardentemente.

— O que importa para você? ela devolveu.

Ele ainda não tinha respondido quando ela subiu.

Capítulo Cinco

Ele estava esperando por ela na mesa do café da manhã, uma camisa vermelha de malha esticada em toda a vasta extensão de seu peito com a pele bronzeada e os pelos negros ondulados apenas visíveis no V da garganta. Seus olhos pálidos procuraram os dela por um instante antes de descer para a delicada blusa azul sobre o jeans. Estreitaram-se na fita fina que prendiam seus cabelos na nuca.

— Por que você puxa o cabelo para trás assim? perguntou ele calmamente.

— Ele fica em meus olhos quando cavalgo, respondeu ela, tomando o seu lugar à mesa.

— Como você quer seus ovos, querida? Emma perguntou da cozinha.

— Nada para mim, Emma! Só café esta manhã, ela respondeu de volta.

— Sem apetite? Clint repreendeu.

Ela olhou nos olhos dele. — Sim, ela disse com uma voz que soou sem fôlego até mesmo para seus próprios ouvidos.

Sorrindo, ele estudou a sobre a borda de sua xícara de café. — Sem maquiagem? ele perguntou suavemente. Ela viu a luz tocar os fios de prata em seus cabelos e fazê-los cintilar.

— Eu... eu não coloquei ainda. Ele manteve os olhos sobre a mesa, o rosto solene.

— Não coloque. Não me agrada o gosto.

Seus lábios se separaram em um protesto, mas Emma entrou com uma xícara de café e Maggie deu-lhe toda sua atenção.

Foi uma manhã perfeita para um preguiçoso passeio a cavalo. Mesmo o calor sufocante era imperceptível sob a sombra das imensas nogueiras espalhas pelo bosque. Maggie nunca deixou de se impressionar com as linhas ordenadas como haviam sido plantadas há muitos anos antes.

— Eu me pergunto quão velhos eles são, ela murmurou distraidamente.

— As árvores? Clint sorriu. — Mais do que qualquer um de nós, isso é fato.

— Fale por si mesmo, vovô, ela respondeu maliciosamente.

Ele lançou um olhar vingativo em sua direção e puxou o chapéu sobre a testa. — Terreno perigoso, Maggie.

— Eu não tenho medo de você, ela provocou. — Seus pobres ossos velhos são tão frágeis que provavelmente iriam quebrar se você me perseguisse.

Ele freou seu cavalo e olhou para ela. — Eu acho que Brent tinha razão, disse a ela. — Escolhemos as armas e contamos cinquenta passos amanhã de manhã?

— Tem certeza que sua mão é firme o bastante para segurar uma arma...?

— Dane-se! ele riu.

Ela riu de volta e os anos quase diminuíram. — Vamos apostar uma corrida até o pasto! ela desafiou e tocou os flancos Melody com seus calcanhares.

Ela pensou que poderia passá-lo à medida que atravessasse o pasto verde coberto de flores do campo e foi em direção ao bosque. Mas antes que ela pudesse chegar até ele, Clint passou-lhe como se a égua pequena que ela montava estivesse empacada. Ninguém, pensou miseravelmente, poderia vencê-lo nisso. Ele era um excelente cavaleiro, parecia fazer parte do cavalo que montava, um exemplo da graça e do poder masculino.

— Onde você esteve? ele perguntou quando ela freou ao lado dele. Ele fez uma pausa no ato de acender um cigarro sorrindo para o rosto dela corado de raiva. — Perdedora nervosa!

Ela fez uma careta para ele. — Por que você sempre tem que ganhar?

— É a minha terra, ele respondeu calmamente.

Seus olhos percorreram a luxúria pastagem, as cercas ao longe na distância, e o rebanho de gado que parecia pontos vermelhos e brancos. — É lindo, ela murmurou baixinho.

— Você nem sempre pensou assim, ele lembrou-a. — E você estava certa. A vida em uma fazenda tem os seus inconvenientes, Maggie. Não há muita vida noturna por aqui, nem diversão. Pode ficar muito solitário.

— É assim que você me vê? perguntou ela com um sorriso melancólico. — Uma garota da cidade, com paixão por casas noturnas?

Ele estudou-a atentamente sobre seu cigarro. — Definitivamente, uma garota da cidade. Você sempre foi.

Ela deixou os olhos seguirem o vôo de uma borboleta amarela e preta nas proximidades. — Estou feliz por você me conhecer tão bem.

Houve um silêncio explosivo. — Se você odeia tanto a cidade, por que mora lá?

Ela se encolheu sob a moderada fúria em sua voz. — O que mais eu poderia fazer? Tudo que eu sei é ser secretária. Ela olhou para ele. — Não existem muitos postos de trabalho disponíveis para vaqueiras mulheres, no caso de você ter esquecido. Ou, disse ela com frieza, — você simplesmente nunca percebeu que eu não era um menino?

Seus olhos brilharam com humor. — Para dizer a verdade, querida, nunca prestei muita atenção.

Ela tocou os flancos da égua delicadamente e incitou-a em uma caminhada.— Obrigada.

O caminho através do bosque era grande o suficiente para ambos os cavalos andarem lado a lado, mais uma estrada de fogo do que uma trilha. A paz era hipnótica, só quebrada pelo farfalhar suave dos pinheiros na brisa da água, não muito longe o som do borbulhar, da água correndo suavemente.

— Por aqui, Clint disse, colocando sua montaria num caminho menor e menos claro.

Ela seguiu-o até o que parecia ser uma parede de vegetação rasteira. Ele desceu da sela e amarrou o cavalo, guiando Maggie para amarrar a égua vários metros a frente.

Segurou os ramos para que ela passasse, e enquanto caminhavam para uma pequena clareira, foi de repente, como voltar através do tempo. O pequeno córrego, onde ela e Janna uma vez passaram as tardes preguiçosas de verão após brincar e compartilhar sonhos durante um piquenique estava lá. Tão clara, doce e arenosa do que nunca.

— Olhe por onde anda, ele a advertiu enquanto acomodava seu corpo alto sob um carvalho baixo. — Eu tive gado atolado nessa areia macia.

Ela olhou para ele enquanto se sentava para tirar suas meias e botas. — Se eu mugir educadamente, você me puxa para fora?

Ele sorriu sob a aba do chapéu, enquanto deitava-se com as mãos embaixo da cabeça. — Claro. Ela entrou na corrente clara, deleitada com a sensação da água fria sobre os pés descalços, o cheiro úmido de areia, silte e doces flores silvestres ao longo das margens.

— Eu costumava vir aqui quando era um menino, observou ele preguiçosamente. — Apreendi a nadar a poucos metros acima, onde o rio se alarga.

— E pegar girinos e lagartos também, apostou.

— Não. Só serpentes d'água, respondeu.

Ela congelou no caminho. — A... aqui? perguntou ela.

— Claro. Costuma ficar cheio delas.

Calafrios subiram pelos seus braços. Ela congelou no meio do rio, olhando cautelosamente ao seu redor. De repente, toda vara fina que ela via era um inimigo silvando.

— C... Clint? O que eu faço se ver uma?, perguntou ela.

— O que você costumava fazer quando você e Janna vinham aqui?

— Nós nunca vimos nenhuma.

— Pura sorte, comentou. Ele levantou a ponta do seu chapéu e espiou-a antes de baixá-lo novamente. — Bem, Maggie, se você ver uma, é melhor correr como o inferno. Não vai fazer muita diferença, é claro, elas são rápidas e as cobras são conhecidas por perseguir as pessoas...

Ela estava sentada ao lado dele com suas botas e meias na mão antes de ele terminar a frase. Ele soltou uma gargalhada. — Meu Deus, eu estava brincando, ele riu.

— Você sabe como tenho medo de cobras, ela murmurou.

— Depois do verão passado, tenho uma boa idéia, ele concordou.

Ela enxugou os pés com suas meias, ignorando-o.

— O que você faz para se divertir em Columbus? ele perguntou.

Chateada com uma das meias na mão, olhava para as faíscas brilhantes na água. Ela deu de ombros. — Passei a maior parte do meu tempo escavando o quintal e plantando coisas

na primavera. No verão, gostava de pescar no Chattahoochee. No outono ia para as montanhas com algumas das outras meninas e observava a mudança das folhas das árvores. No inverno, dirigia até Atlanta para ouvir a sinfonia ou assistir ao balé. Ela estudou a meia amarrotada. — Coisas aborrecidas assim. Aposto que você não suporta música clássica.

— Na verdade gosto, disse ele calmamente. — Embora o meu gosto esteja mais para os velhos mestres — Dvorak, Debussy, Beethoven. Não gosto muito das composições contemporâneas.

Ela olhou para o chapéu sobre seu rosto. — Sarah disse que você gostava de música country.

— Gosto. E musica instrumental também. Sua mão procurando cegamente no bolso da camisa o maço de cigarros. — Gosto de arte, também, pequena. Costumava dirigir até Tallahassee para assistir exposições também.

— Quando a exposição do rei Tut estava em... exclamou ela.

— Eu vi, ele interrompeu. Ele tirou o chapéu e jogou-o para um lado, enquanto acendia um cigarro e olhava para ela com olhos de um verde mais escuro do que as folhas das árvores acima. — Deixe seu cabelo solto. Não gosto deles amarrados assim.

— Você só quer que ele caia em meus olhos para que eu não posso ver, ela amou, mas soltou a fita de qualquer jeitos, e deixou que as ondas negras caíssem suavemente para emoldurar o rosto.

Ele esticou um braço longo e seus dedos pegaram um fio grosso, testando a suavidade. — Longo, grosso e sedoso, ele murmurou baixinho. — Cetim negro.

Ela não conseguia respirar. Os olhos dela foram impelidos para o tronco da árvore atrás dele. — Você...você ainda gosta de caçar?, ela perguntou ofegante.

— Só veado, ele murmurou. — Seu cílios são tão longos que não parecem reais, você sabia?

Ela deu um suspiro. — Clint, nós não devíamos...

— Não devíamos o que, querida?, perguntou baixinho.

Ela encontrou com seu calmo olhar penetrante e perdeu o resto de sua respiração enquanto seus olhos abriam-se com algo parecido com choque.

Sem tirar os olhos dela, atirou o cigarro no córrego e trouxe-a para mais perto dele.

— Clint...! sussurrou ela com medo, apertando suas mãos pequenas contra o peito largo enquanto ele se inclinava sobre ela, deitando-a facilmente sobre as folhas secas de pinheiro e palha que cobria o chão duro

Seus dedos magros tocaram seu rosto, delicadamente explorando-o em um silêncio que vibrava com a emoção controlada. — Do que você tem medo? perguntou baixinho.

— De você, ela sussurrou fracamente, com os dedos trêmulos ele traçava levemente o nariz, as maçãs altas do rosto e sua boca

— Porque, Maggie? ele perguntou, seu olhar desceu atentamente para a boca enquanto seu polegar a acariciava, separando-a, testando sua sedosa maciez.

Seu coração disparou com a suave e doce pressão, os olhos fechados, impotentes. O silêncio era tão puro como o amanhecer, quebrado apenas pelo farfalhar suave das

extremidades da árvore com sua longas folhas de musgo espanhol e do som irregular de sua própria respiração.

Seus dedos magros enterraram-se no cabelo suave nas têmporas, segurando firmemente o rosto vermelho enquanto ele se inclinava, e ela sentia sua firmeza, o toque sua boca cinzelada nas suas pálpebras fechadas. Seu peito largo pressionando suavemente contra ela em um contato que enviou um arrepio de puro prazer através do seu corpo frágil.

— Não tenham medo de mim, pequena, murmurou contra o ouvido dela. — Eu não estou tentando seduzi-la.

Ela corou, tragando nervosamente, e ela sentiu seu profundo riso macio vibrando contra ela. Sobre a camisa fina de algodão, as mãos pequenas pressionavam os músculos mornos do peito.

Sua boca entreaberta, acariciou sua bochecha alta, a linha suave de sua mandíbula, o queixo. — Desabotoe, ele murmurou ausente.

— O... o quê? — ela conseguiu, afogando-se em novas sensações

— Minha camisa, ele respirou no canto da boca.

Suas mãos delgadas enroscadas contra ele. — Eu... Eu não posso! murmurou trêmula.

— Você não quer me tocar, pequena inocente? perguntou ele calmamente. — Você fez aquela noite na piscina, até perceber o que estava fazendo.

— Clint, você devia...! ela gemia

— Shhh, ele sussurrou, sua boca movendo-se, até que se posicionou logo acima da dela, tão perto que sua respiração quente misturada com a dela. Suas mãos moveram-se no seu rosto para inclinar o queixo para cima. — Preciso de sua boca agora, pequena, sob a minha, macia, quente e doce.

Suas pálpebras abriram-se brevemente para que ela pudesse vê-lo, e ao olhar em seu rosto a fez tremer. — Clint... ela suspirou trêmula.

— Diga-me o que você quer, ele sussurrou com voz rouca.

Com um soluço preso na garganta disse. — Oh, Clint...!

Seus lábios roçaram os dela em um processo insuportavelmente lento, no beijo mais carinhoso que ela poderia ter sonhado. Vagamente sentiu seus dedos deslizarem sob sua cabeça segurando-a na palma da mão, sentiu-o enrijecer enquanto ele começava, sempre muito gentil, a aprofundar o beijo até que de repente uma faísca se transformou numa chama explosiva entre eles.

Um suspiro escapou dos lábios dela pela fúria do ato, e suas mãos tremiam quando subiram para se agarrar nos ombros largos de Clint. Este era o Clint, que lhe ensinou a cavalgar, que a intimidava, que quebrou seu jovem coração naquele verão inesquecível, que estava lhe dando uma lição de paixão que nada jamais apagaria de sua mente ou de seu coração. Clint, que estava... fazendo amor com ela...!

De repente, ele abandonou sua boca e olhou para ela com olhos que pareciam soltar fumaça verde.

Um dedo magro traçou preguiçosamente a curva da boca macia e levemente inchada, em um silêncio tangível. — Margaretta Leigh, ele sussurrou, os olhos delineando cada linha do rosto dela. — O que você sabe sobre fazer amor poderia ser escrito sobre a cabeça de um alfinete.

Ela desviou os olhos para o peito dele. — Eu nunca fingi ser sofisticada, disse ela firmemente. — Desculpe-me se te desapontei. Posso levantar agora?

— Você não me decepcionou, disse ele calmamente, inclinando o rosto relutante dela para o seu.

Uma irritante névoa obscureceu sua visão, e ela odiou a aspereza na garganta. — Eu não sei nada...! murmurou tristemente.

— Não faz a menor diferença, disse a ela, e sorriu pacientemente. — Estou acostumado a ter bons momentos com garotas que sabem tudo, não são pequenas e doces inocentes que precisam de que as ensine.

Involuntariamente, os dedos dela subiram para tocar a boca dele, dura e firme, sentindo o seu contorno sensual. Ele beijou seus dedos distraidamente, os seus próprios dedos indo para os botões da sua camisa abrindo-os bruscamente. Ele pegou a mão dela e moveu-a para baixo dentro da abertura, contra a quente e levemente úmida firmeza dos músculos bronzeados e pelos negros encaracolados.

Com um suspiro, ela tirou a mão como se tivesse sido queimada pelo breve contato com o seu corpo.

Suas sobrancelhas escuras se juntaram, os seus olhos se estreitaram. — Meu Deus, isso ainda é tão intimidante para você? ele rosnou. — Você maldito pequeno iceberg, acha que o toque de suas delicadas e jovens mãos, ingênuas como elas são, poderiam colocar um homem em uma teia de paixão incontrolável?

Ela se encolheu sob raiva em sua voz profunda. Ele rolou para longe dela para sentar-se, reprimindo a violência na forma como colocou um cigarro entre os lábios e acendeu-o.

— Calce suas botas, pequena miss pureza, ele disse áspero, — e a levarei em segurança para casa com sua honra intacta.

— Clint, me desculpe, por favor, não...! ela começou chorando.

— Você me ouviu. Ele ficou de pé, agarrando seu chapéu no chão e enfiando-o na cabeça. Moveu-se através da vegetação rasteira para os cavalos, deixando-a para segui-lo.

Ela calçou as botas sobre as meias úmidas, lutando contra as lágrimas, e cegamente fez seu caminho até a pequena égua. Ela subiu na sela, recusando-se até mesmo a olhar o caminho. Ela girou e tocou seus flancos aveludados, assustando-a em um galope.

— Maggie...! Clint chamou atrás dela.

Ela se inclinou sobre o pescoço de Melody, seus dedos agarrando à crina macia, e incitou-a de forma imprudente. Ela queria apenas ficar longe dele, e em uma névoa de puro pânico, ela forçou a égua a correr.

Aconteceu com uma velocidade incrível. Em um minuto ela estava firmemente no controle. No seguinte, ela teve um vislumbre do céu azul, da grama verde e seu corpo entrando em contato com o chão duro.

Ela estava vagamente consciente de uma voz chamando por ela, em um tom que não era nenhum pouco gentil. Ela não tinha fôlego para responder, e sua cabeça doía. Ela gemeu quando abriu os olhos e o céu, juntamente com o rosto moreno de Clint tenso, entrou em um foco nebuloso sobre ela.

— Sua pequena tola! trovejou para ela ao olhar em seus olhos assustados.

— Eu... cai, ela conseguiu dizer em um sussurro.

— E é muito sorte você não ter quebrado seu estúpido pescoço, ele rosnou sem piedade. — Eu poderia fazer isso por você. Onde é que está ferida?

Seus lábios tremiam trêmula. — Minha cabeça..., ela murmurou.

Suas mãos corriam sobre seu corpo indefeso, procurando por fraturas. Seu rosto estava de uma forma que ela nunca tinha visto antes, enfatizando sua idade, e havia uma palidez ao redor de sua boca que deu a entender que era tensão. — M... Melody? Ela conseguiu dizer.

— Ela está bem, foi a resposta lacônica. — Não, graças a você, acrescentou.

Aquilo foi a última gota que faltava. Lágrimas começaram a fluir pelo seu rosto em agonia, seu peito subindo e descendo com irregularidades com soluços abafados.

— Se você chorar, que alguém me ajude, vou bater em você, Maggie, ameaçou obscuramente.

— Seu... valentão! — ela chorou. — Eu te odeio!

— Isso não é novidade. Seus braços foram sob os joelhos e as costas, erguendo-a suavemente contra ele. — Se eu colocá-la em Melody, você pode montar até chegarmos em casa?

— Sim, respondeu ela obstinadamente. Ela montaria até que o inferno congelasse, apenas para contrariá-lo.

— Vamos devagar, disse ele calmamente, erguendo-a facilmente para a égua pequena e se certificando que ela tinha as rédeas com firmeza na mão. — Você pode fazer isso?

Ela olhou para ele com olhos verdes ferozes. — Você pode apostar nisso, disse ela friamente.

Ele ignorou a raiva e o gelo, e virou-se para a sela. — Vamos.

Foi a viagem mais longa que ela podia se lembrar, e estava banhada em suor quando chegaram à casa da fazenda. Clint chegou até ela assim que começou a balançar vertiginosamente na sela e levou-a para cima gritando por Emma enquanto entrava.

— Mas o que...? Emma perguntou preocupada.

— Annie Oakley²* caiu, disse Clint rudemente. — Fique com essa criança estúpida enquanto chamo o Dr. Brown.

— Eu espero que você tropece e caia da escada! Maggie disse a ele entre lágrimas, a umidade queimando seus olhos enquanto estava deitada ofegante e desgrenhada, dolorida e miserável sobre a colcha da cama.

Emma sentou-se ao lado dela e alisou os fios de cabelo para longe de seus olhos. — Oh, minha pobre criança, ela falou com carinho. — Dói muito?

Ela começou a chorar, escondendo o rosto no avental de Emma. — Eu odeio ele, ela chorou. — Oh, eu odeio ele, eu...

— Eu sei, Emma disse suavemente. — Eu sempre soube. Os homens podem ser tão cegos, Maggie, e tão dolorosos. Uns mais que outros. Eu nunca o vi se preocupar com uma

² **Annie Oakley:** Foi uma artista do famoso show do Oeste Selvagem de Buffalo Bill (*Buffalo Bill's Wild West show*), provavelmente a primeira estrela artística dos Estados Unidos da América.

mulher. É como se ele tivesse medo de qualquer envolvimento emocional profundo. Mesmo Lida— era só uma coisa física, você sabe.

— Tudo... com ele é... físico, — ela chorou.

— Seu pai amava profundamente a sua mãe, recordou Emma, delicadamente alisando o cabelo escuro sobre seus joelhos. — Mas a Sra. Raygen nunca foi capaz de retribuir esse amor, mesmo sendo apaixonada por ele. Talvez a diferença de idade era realmente demais. Mas Clint percebia a falta de equilíbrio no casamento de seus pais, e isso o afetou. O amor é uma palavra que ele não entende, minha querida, ela suspirou. — Sinto por você passar por isso tantos anos, tanta dor no coração, para aprender.

— Oh, Emma, assim sou eu, — ela sussurrou.

Capítulo Seis

Dr. Brown queria vê-la imediatamente, e ela foi relutantemente com Clint ao seu consultório para passar mais de uma hora sendo radiografada, apalpada e examinada da cabeça aos pés. Foi uma concussão leve, e ela foi mandada para casa com ordens de ficar na cama por pelo menos vinte e quatro horas e Clint deveria contatá-lo para dizer se não houve nenhuma náusea ou sonolência incomum.

— Sinto muito pelo inconveniente, Maggie disse laconicamente a caminho de casa, sonolenta pela ida ao consultório e estresse emocional. — Vou fazer o meu trabalho.

Ele jogou longe de cigarro. — Não se preocupe, Maggie, disse ele.

Ela apoiou a cabeça contra a janela, fechando os olhos. Ela já estava dormindo quando eles chegaram em casa, nem notou que foi carregada escadas acima e colocada em sua cama. Não notou também a figura alta e solene que estava sentada calmamente olhando para ela por mais de uma hora com uma intensidade que a teria abalado se tivesse visto.

No dia seguinte, ela estava dolorida e rígida, mas a dor havia diminuído, e algumas das mágoa também. Mais uma semana e ela poderia voltar para o apartamento, para Janna, para um novo emprego, e deixar tudo isso para trás. Tudo isso. Clint. Clint! Seus olhos fecharam tristemente. Desta vez, ela teria que deixá-lo para sempre. Nada de viagens para a fazenda, nunca mais, nem sequer por alguns dias no verão, Emma não iria entender e nem Janna. Teria que arrumar uma desculpa muito boa dessa vez. Talvez se tivesse um emprego no exterior...

— Você vai ter rugas prematuras se continuar franzindo a testa assim, Clint observou da porta.

Ela dispensou-lhe um rápido olhar, notando que ele estava vestido com um elegante terno cinza, ao invés de calça jeans, e sua cabeça morena estava sem chapéu. Ele parecia mais um homem de negócios do que um fazendeiro e diabolicamente atraente.

— Indo embora, espero? perguntou ela docemente, concentrando em suas mãos frias.

— Por alguns dias, respondeu ele, um falso sorriso tocando sua boca dura. — Eu pensei que poderia animá-la.

— Está fazendo maravilhas para minha disposição, ela concordou.

Houve uma longa pausa antes de ele se afastar da porta e ficar ao lado da cama, seus olhos verde-escuros e estranhamente solene enquanto olhava para ela.

— A cabeça está melhor? ele perguntou.

Ela concordou. — Muito melhor, obrigada.

— Olhe para mim.

O tom calmo na sua voz profunda fez com que seus olhos o encontrasse em um silêncio tenso

— Eu quero saber, disse ele, — porque você estava com medo de me tocar quando estávamos no rio.

Ela sentiu e odiou a cor que aquecia seu rosto. — Acabou, não podemos apenas...?

— Claro que não, nós não podemos! ele respondeu, com todo seu olhar ameaçador. Sentou-se ao lado dela na cama. — Diga-me.

Ela afundou contra os travesseiros, em um esforço para escapar de qualquer contato físico com ele. — É apenas um jogo para você, disse ela calmamente. — Você conhece muito bem as mulheres e pode me enrolar facilmente, e você gosta de me provocar por isso. Mas eu não sou um brinquedo Clint, sou um ser humano e não... gosto de ser usada!

Ele olhou para ela sem qualquer expressão em seu rosto moreno. — Você pensou que eu estava...brincando, Maggie? ele perguntou.

Seus olhos fixos no nó da gravata de seda. — Eu nunca deveria ter vindo, disse ela baixinho, com pesar na voz. — Aquele verão em que fiz papel de tola continua presente, como uma cortina que você gostaria de puxar, vezes suficiente para que eu nunca esqueça o que fiz. Você não acha, ela perguntou amargamente, que já fui punida o suficiente, Clint?

— Eu concordo com você em um ponto, disse ele secamente. — Você não devia ter vindo. Porque me deixei persuadir a...

— Eu terei ido embora na próxima semana, ela lembrou-o.

— Voltar para quê? ele perguntou com os olhos apertados e indagativos.— Voltar para o seu namorado infiel? Voltar para o seu antigo emprego em seu escritório?"

Seu lábio inferior tremia. — Aonde vou ou o que faço não é da sua conta, Clint Raygen!

Seu sorriso era zombeteiro. — Graças a Deus, respondeu ele.

Ela suspirou pesadamente. — Você é sem dúvida, o homem mais enlouquecedor que eu já conheci!

— Então você está fugindo de mim, ele zombou. — Deixa-me aqui, sem secretária e sem perspectivas de encontrar uma antes de você sair.

— Você disse duas semanas, ela lembrou-lhe de forma cuidadosa.

— Fique quatro semanas.

— Clint...

— Só até Janna chegar, pequena, disse ele calmamente.

Ela evitou seus olhos. — Você não me quer aqui.

— Não, não quero, disse ele, de repente sério, — e lembre-me um dia de lhe dizer por que, daqui cinco anos.

— Será que vai levar tanto tempo para formular uma resposta?, ela perguntou atrevidamente.

Ele estudou seu rosto por um longo tempo. — Não, ele disse finalmente, mas parece que vai levar um tempo para que você cresça o suficiente para entender a resposta.

— Você ainda vai estar por aqui, pobre velho gaga? ela perguntou com inocência fingida.

Suas mãos tomaram o rosto dela e segurou-a pressionando contra o travesseiro. — Maldita gatinha irritante, você vai parar de jogar a idade na minha cara?

— O jogo virou, disse ela docemente. — Você aproveita todas as oportunidades para me lembrar da minha idade.

— E você nunca parou para pensar no porquê, não é? ele rosnou.

Ela empurrou seu peito duro. — Não tem um avião, ônibus, trem ou algo para pegar? ela murmurou.

Seus lábios se transformaram numa linha fina quando olhou para ela. — Posso confiar em você para não fazer mais acrobacias imprudentes até eu voltar?

— Imprudentes? ela respondeu calorosamente. — E quem me chateou em primeiro lugar...!

— Se você não tivesse entrado em pânico quando eu estava fazendo amor com você...

— Você não estava...! ela engasgou.

O polegar pressionado contra seus lábios, interrompeu o protesto indignado. — Eu teria feito, disse calmamente: se você não se acovardasse.

Seus olhos brilharam para ele. Ela empurrou o rosto para o lado. — Você deveria ficar feliz por eu ter te deixado! ela respondeu.

— Ou Philip? perguntou ele calmamente. Seus olhos se estreitaram com o rubor na sua face. — Acho que nunca conheci uma mulher tão casta como você. Você tem um medo maldito de qualquer contato físico, Maggie, e eu pensei por um tempo que era frieza, mas não, é medo de estar com um homem.

— Tenho medo? ela respondeu com calma, tomando cuidado para não deixá-lo ver o quão perto da verdade ele estava. — Ou é um balsamo para seu orgulho pensar que tenho?

— Sua fedelha! ele rosnou, e, inclinando-se para a frente, segurou seu rosto com os dedos longos, implacáveis, enterrando-os nos seus cabelos para imobilizá-la. — Cheguei muito próximo da verdade, Maggie?

Suas mãos subiram contra seu peito, empurrando-o indefesa. — Deixe-me! Você acha que sabe tanto...!

Os dedos que seguravam sua cabeça de repente, liberaram-se para pegar seus pulsos como armadilhas e mantê-los sobre a cabeça, prendendo-a na cama.

Havia algo de estranhamente cruel na forma como ele olhava para ela, resistindo, se debatendo, um meio-sorriso ardia na boca cinzelada. — Lute comigo, gata selvagem, ele murmurou em um tom perigosamente baixo. — Eu adoro quando você luta...!

Ela se torceu instintivamente, mas metade do corpo dele, pressionava seu corpo esguio contra o colchão, deixando apenas seus olhos livres para lutar.

O olhar no rosto moreno a assustava tanto quanto o fogo que queimava no verde profundo dos seus olhos, enquanto olhava para ela com algo como triunfo. Seu olhar cintilante deslocou-se para sua trêmula boca.

— Não! Protestou ela trêmula enquanto a cabeça morena descia.

Ele apenas riu, baixinho, confiante. — Tente ser uma mulher em vez de uma criança medrosa, disse ele contra a sua boca macia enquanto a tomava.

Ela soltou um grito indignado pela força da punição do beijo. Ela tinha consciência de ter resistido por algum tempo, lutou contra ele até que sentiu o ardor de seus dentes contra os lábios macios, até que a inflexível intimidade a queimasse através das roupas de cama, até que ele forçou sua trêmula boca a abrir-se para ele e lhe mostrou sensações que nunca tinha sido capaz de sentir.

Ela começou a relaxar quando involuntariamente sua boca cedeu a pressão, acariciando, seduzindo, provocando. Ele libertou seus pulsos e sua paixão, mãos de dedos longos, desceram pelo seu rosto, inclinando-o suavemente enquanto ele aprofundava o beijo em um intimidade que ela nunca tinha compartilhado com um homem. Um protesto suave, quase inaudível partiu dela.

— Ainda não, ele murmurou profundamente, a sua respiração misturando-se com a dela enquanto ele mordiscava sensualmente os contornos suaves de sua boca. — Beije-me de volta.

Seus cílios molhados abriram-se preguiçosamente sobre um olhar confuso e vago, para encontrá-lo olhando atentamente para ela. Ele estava tão perto que ela podia ver as pequenas linhas em torno de suas pálpebras, as sobranceiras escuras. Com admiração, seus dedos subiram para delinear-las até a ele franziu a testa.

Ele afastou-se lentamente, estudando-a. Seus lábios entre abertos, seu cabelo selvagem e despenteado, os olhos brilhando mesclando prazer e medo.

— Gatinha linda, ele murmurou, e sua respiração pesada ao dizer as palavras. Suas mãos deslizaram para o espesso emaranhado de cabelo colocando-os atrás da orelha, acariciando gentilmente. — Seus olhos são como esmeraldas. Gosto da maneira como você fica embaixo de mim, Maggie.

Seus lábios se separaram enquanto ela tentava recuperar o folego, seu coração acelerado sob o aperto quente do seu peito. — Você... me machucou, ela sussurrou.

— Você começou, pequena, disse ele calmamente. Acariciando a boca dela com ternura. — Você me mordeu, ele sussurrou contra o úmido e suave machucado.

Ela suspirou afastando-se com dificuldade da impetuosa e morna boca, afogando-se em prazer. — Você... você me mordeu de volta, ela murmurou.

Ele riu baixinho. — Para me vingar. Fiquei com medo de ter tirado sangue, refletiu, estudando a boca inchada tão próxima a sua. — Eu nunca tive que brigar tanto por um beijo.

Ela olhou amuada para ele. — Bem, acho que não gostei! ela murmurou.

— Não gostou, querida? perguntou ele profundamente, e inclinou-se para provocá-la pressionando sua boca, arrancando um gemido de sua garganta enquanto ela erguia-se contra ele em um apelo silencioso.

Mas ele se afastou e levantou-se em um movimento suave e gracioso dando uma olhada cuidadosa nela. Seu cabelo escuro estava despenteado, sua boca sensual sensível pelo contato com a dela. O laço da gravata de seda torto, e ainda assim ele parecia completamente masculino e perturbador.

Ele virou-se para endireitar a gravata e os cabelos em seu espelho. — O que você vai ficar fazendo enquanto eu estiver fora? ele perguntou cuidadosamente.

Ela lutou para recuperar a compostura, segurando o lençol em volta dela como se fosse uma tábua de salvação. — Trabalhando, eu suponho. Você pode deixar todas as cartas para eu fazer?

— Nem uma palavra ele respondeu friamente. Ele puxou um cigarro do bolso e o acendeu. — Descanse mais um dia ou mais antes de voltar à rotina, pequena. Eu não quero que você tenha uma recaída.

Ela esfregou os braços e pulsos machucados cautelosamente, lançando um olhar acusador em sua direção. — Essa preocupação é um pouco tardia, não é?

Ele sorriu ligeiramente. — Machuquei você? ele perguntou sem um traço de simpatia em sua voz profunda.

— Sim!

— E você amou cada segundo disso, sua pequena hipócrita, ele zombou. — Estou quase arrependido por ter parado. Mais alguns minutos e você estaria arranhando minhas costas.

Ela engasgou com a insinuação. — Como você ousa!

— Você parece saída de uma antiga novela vitoriana, observou ele maliciosamente. — Você ficou chocada ao saber que poderia sentir esse tipo de emoção violenta com um homem, Maggie – violenta suficiente para fazer você morder e arranhar?

Ela baixou os olhos que ardiam como ferro em brasa, concentrando-se nas mãos cruzadas sobre o edredon. — Não foi assim, ela murmurou. — Eu estava lutando com você, não...

— Eu espero que você lembre-se disso na próxima vez que decidir usar essas mãos formidáveis sobre mim, comentou.

— O que você quer dizer? ela resmungou.

Ele estreitou os olhos, colocando-se no mesmo nível dos dela, e não havia humor nele. — Eu quero você, ele disse sem rodeios, sem advertências. — Eu não preciso de muito incentivo, e isso é algo que você deve se lembrar. Você não é mais a menina que eu costumava carregar sobre meus ombros. Você é uma mulher, e se sente como uma mulher, e Deus, eu gosto de tocar em você!

Ela erusbeceu até a ponta dos pés. — Se você acha que eu deixaria você...!

— Você deixou, ele rebateu.

— Você não...vai me tocar! ela explodiu.

— Nós dois sabemos que eu poderia, disse ele pacientemente. — Você lutou comigo como uma tigresa no começo, reconheço. Mas você não me parou, não é?

Ela olhou para ele, mas não podia negar. Ela não podia.

Ele apagou seu cigarro e estudou-a através dos olhos apertados. — Nunca pensei que houvesse algum perigo disso acontecer, mas descobri como eu estava errado. Olhe para si mesma, pequena. Eu sei muito mais sobre isso do que você, e não uso nenhum truque sujo quando estou excitado. Nenhum homem usa.

Ela evitou seu olhar. — Você sempre dizia que eu não te atraia desse jeito, disse ela sob o lençol.

— Querida, você não está mais chocada com isso do que eu, ele respondeu com firmeza. — Eu estava apenas te provocando como aquele dia no rio, da mesma forma que estava te provocando desde que você chegou aqui. Mas quando te deitei debaixo daquela árvore, e senti sua boca macia sob a minha pela primeira vez... Meu Deus, Maggie, ele suspirou, — se você não tivesse me impedido, nós teríamos cometido um erro... Seus olhos se estreitaram quando ele se moveu para ficar ao lado da cama, olhando para ela pensativamente. — Sua bobinha, não podia sentir minhas mãos trêmulas, ou você simplesmente não sabia o que significava?

Ela abaixou a cabeça para que a nuvem de cabelos escuros escondessem o rosto dele. — Eu não sabia o que significava, ela admitiu miseravelmente.

— Não estou tentando envergonhá-la, pequena ingênua, disse ele gentilmente. — Eu não estou tentando seduzi-la, mas não sou imune a você. Maggie, você não é o tipo de mulher que um homem usa. Você é para casar de branco, ter filhos e essas coisas não têm lugar na minha vida. Você sabe disso, não é?

Ela concordou. — Eu sempre soube disso, Clint, disse ela calmamente. — Você nunca fez nenhum segredo da maneira como se sentia a respeito do casamento.

— Eu não gosto de estar amarrado, disse ele asperamente através de um véu de fumaça. — Não posso suportar a possessividade, Maggie. Em poucas palavras, nunca encontrei uma mulher que eu quisesse muito, e nunca me apaixonei. Não está em mim.

Seus olhos desviaram-se do seu rosto. — Eu não me lembro de ter feito nenhuma proposta a você, disse ela.

Ele riu, a seriedade sumindo de seu rosto moreno. — Isso é bom, Irlandesa. Nós nos matariamos na primeira semana.

— Amém. Ela traçou o padrão da colcha. — Para que fique claro, eu não gosto de possessividade, ou intimidação, acrescentou ela

Ele ficou quieto por um longo momento. — Então por que você ia se casar com Philip?

— Ele não me dominava.

— Não queria, ou não podia? ele desafiou. — Você podia manipulá-lo? Isso era atraente?

— Vá para o inferno! ela lhe disse.

Ele apenas sorriu, seus lábios zombando dela. — Você vai ser domesticada, disse ele especulativamente. — Quase invejo o homem que fará isso.

Só um homem como Clint, se divertiria com isso, ela pensou, olharia para isso como um desafio e faria disso um prazer que nem mesmo sua imaginação poderia fazer justiça.

— O homem certo não teria que lutar contra mim, ela murmurou defensivamente.

Seu rosto estava calmo, solene, enquanto buscava o dela. — Que desperdício, disse ele gentilmente. — Eu não gosto de você submissa, Margaretta Leigh.

— Como você sabe? ela desafiou. — Você nunca me viu de outra maneira!

Seus olhos se estreitaram. — Eu não acho que quero, ele respondeu calmamente. — Você é forte quando luta, Irlandesa. Acho que você amaria um homem ferozmente. Submeter você seria como possuir um boneco de cera. Seus olhos desceram para seus lábios carnudos. — Eu gostaria de sentir essa boca macia no fogo da paixão apenas uma vez.

Seus olhos lutaram com ele. — Você não vai, ela respondeu. — Nunca!

— Não aposte nisso, ele murmurou baixinho, e ela sentiu seu coração parar ao olhar em seus olhos quando ele disse isso. Ele se virou e abriu a porta, olhando de volta para a imagem que ela formava. — Sinta minha falta.

— Por favor, não espere isso de mim. Ela sorriu sarcasticamente.

— Fique longe dos cavalos enquanto eu estiver fora, ele voltou e com uma piscada, saiu fechando a porta firmemente atrás de si.

Com um grito de raiva, ela escondeu o rosto no travesseiro.

Capítulo Sete

Vários dias depois, ela estava novamente em pé e inquieta demais para ficar parada. Andando ociosamente no bosque de nogueiras sob um dossel que se estendia numa cobertura de arcos naturais, ela se perguntava como era possível uma pessoa perder tudo aquilo. A maior parte de sua vida tinha passado longe de Clint, mas isso nunca a tinha magoado como agora. Talvez, ela admitiu calmamente, porque ele nunca tinha sido apaixonado antes. Um desejo que não tinha nada a ver com a realidade, mas que havia saltado dos seus sonhos de menina com ele. Sonhos que tinham esfumaçado no primeiro toque da sua boca.

Não era mais paixão. Ela o queria de uma forma que o aterrorizou. Não apenas para se sentar e cultivar ao herói, mas para lutar, trabalhar e amá-lo para o resto de sua vida.

Seus olhos verdes pálidos procuraram o horizonte ao longe. Onde estava agora? Quem estava com ele? Havia uma mulher em algum lugar que poderia alcançar aquele orgulhoso e teimoso coração e fazer com que acelerasse de desejo? Suspirou, lembrando a sensualidade em seus olhos quando ela cedeu a ele. Ela nunca tinha visto aquele olhar em seu rosto antes, sombrio, triunfo masculino mesclado a uma fome que era tão excitante na lembrança como tinha sido na realidade. Clint a queria. Mas querer não era amar. E ela infelizmente queria saber se Clint ao menos sabia a definição de amor.

Era inevitável que ela acabasse no pequeno riacho, as folhas cinzas do musgo espanhol balançando preguiçosamente dos carvalhos até alcançar a margem. Com um suspiro, os olhos foram ao tapete de galhos e folhas caídas sobre o maciço carvalho onde Clint tinha...

Seus olhos fecharam-se ante a lembrança, ouvindo de novo a voz profunda e suave em seu ouvido, sentindo o aperto delicioso de seus braços, a lenta e confiante experiência em sua boca, que tinha lhe ensinado como deve ser um beijo.

Seus olhos embaciados com a lembrança enquanto ela estudava as folhas cobertas de terra que não tinha qualquer traço de dois inimigos que quase tinham se tornados amantes ali. Se ao menos... Ela suspirou novamente tocando o musgo enquanto seus olhos seguiam o fluxo borbulhante que parecia uma fita de prata a distância entre as árvores frondosas. Ah, se ao menos...!

Ela tinha que ir embora. Ela percebeu de repente e teve certeza disso. Se ela ficasse ali agora, sabendo do jeito que se sentia, não teria a menor defesa contra ele se a tocasse novamente. Apesar da promessa que tinha feito para ficar até Janna chegar, ela teria que ir embora. Estava mais vulnerável agora do que nunca. E admitiu para si mesma, que Clint não hesitaria em testar essa vulnerabilidade. Ele sempre soube ou pensou que soubesse, exatamente como ela se sentia a respeito dele. Ele parecia desfrutar do poder que tinha sobre ela. E agora...

Ela voltaria para casa. Não tinha mais escolha.

Surpreendentemente, quase como se Janna pudesse ler sua mente, ligou a noite depois do jantar.

— Como vão as coisas? Janna perguntou, e Maggie quase podia ver o sorriso no rosto de sua amiga.

— Como você acha que estão indo?, perguntou ela. — Janna, eu te amo como uma irmã, mas vou te envenenar quando voltar.

— Oh, ela suspirou. — Pelo que Brent me contou, eu esperava...

— Você falou com Brent? Maggie explodiu. — Mas ele está em Hong Kong...?

— Hong Kong! Brent?

As peças do quebra-cabeça giravam em torno de sua mente. — Mas Clint disse...

— Meu doce irmão ameaçou quebrar seus braços, se ele voltasse para aí enquanto você estivesse na fazenda, disse Janna triunfante.

Houve um silêncio longo e estático, enquanto Maggie tentava encaixar as peças do quebra-cabeça para que fizesse algum sentido. — Eu não entendo, ela murmurou distraidamente.

— Eu entendo. Você e Brent estavam sempre juntos, não estavam? Maggie, minha querida, Janna disse gentilmente, — você não sabe que meu irmão não tolera a concorrência de ninguém? Se ele quer muito alguma coisa, vai usar alguns dos métodos mais cruéis para obtê-lo. E aparentemente, acrescentou ela, com prazer, — o que ele quer agora é você.

Cara se você soubesse, Maggie pensou. — Comeu cogumelos verdes novamente, hein, Janna? ela perguntou agradavelmente. — A única coisa que está acontecendo entre Clint e eu é uma discussão eterna, e neste momento temos quase uma guerra. Tudo que quero é ir para casa. Quando é que você vem para cá?

Houve um suspiro melancólico do outro lado da linha. — Sábado, foi a resposta. — Ou talvez sexta à noite, não tenho certeza. Minhas férias são flexíveis. Se você está determinada, podemos voltar a Columbus, na próxima semana.

— Determinada não é a palavra. Oh, Janna, venha me proteger, ela gemeu. — Estou tão cansada de lutar...

— Você está bem, Maggie? perguntou sua amiga. — Você, cansada de lutar com Clint? Isso é novidade.

— Isso vai para o livro dos recordes, mas estou realmente. Você pode se apressar?

— Tudo bem, já que você está pedindo. Mas, Maggie, por que Clint ameaçou quebrar os dois braços de Brent?

— Porque nós roubamos seu rotor, amarramos fitas nas caudas de suas vacas, e enchi a piscina com uma caixa ou duas de banho de espuma...

— Não se preocupe, e eu pensei que era algo romântico. Pode ficar fora de problemas até eu chegar aí, Maggie?

— Nada mais fácil, ela riu. — Clint ainda está desaparecido, e tudo que tenho a fazer é manter-me fora de seu caminho até você chegar.

Era tarde quando Maggie entregou a Emma a lista de mantimentos para Shorty, e ela fez uma pausa na varanda da frente para deleitar seus olhos com o pôr do sol com suas chamas de cores ardentes antes de entrar. A cidade não tinha nada, ela pensou, para comparar com isso. A extensão das vastas terras, o cheiro do ar do campo entrelaçado com o cheiro das flores, o som dos cachorros latindo ao longe, a paz de sons não-mecânicos. E Clint a tinha chamado de garota da cidade. Ela balançou a cabeça enquanto entrava na casa. Ele não sabia nada dela.

Ela entrou no escritório e inesperadamente, ele estava lá. Foi como ser atingida no estômago com um taco de beisebol. Ela sentiu seu coração parar apenas com a visão dele. Ele olhou como se tivesse acabado chegar, ainda vestido com um terno marrom-escuro e uma camisa de seda creme. Ele virou-se e olhou para ela, algo sombrio, estranho e violento piscou em seus olhos ao vê-la ali de pé com um curto vestido de verão amarelo bordado que ela tinha vestido por impulso. Ele a fitou em silêncio, deliberadamente, parando no corpete baixo, as alças finas que deixavam seus ombros nus, os cabelos sedosos caindo sobre eles.

— O...Olá, balbuciou, capturada por seus olhos estreitos.

— Olá, respondeu ele. — Vai a algum lugar?

— Ah... por causa do vestido? Ela balançou a cabeça. — E...estava quente.

— E está ficando mais quente a cada minuto, refletiu, e seus olhos passaram dos cabelos ondulados escuros para suas sandálias.

Ela engoliu nervosamente com a sensual admiração masculina em seus olhos. — Como...como foi a viagem?

Seu rosto pareceu ficar tenso com a pergunta. Ele virou-se para acender um cigarro e tragar profundamente antes de responder: — Não foi muito agradável, pequena. Passei por Austin para ver Masterson.

— Duke? Ela sentiu algo sombrio mexer dentro dela, algo frio e ameaçador. — Como ele está?

— Eu cheguei lá a tempo para o funeral, disse ele calmamente.

O golpe inesperado trouxe lágrimas aos olhos quando lembrou-se do homem grande, moreno, tumbas antigas, a atração pelas coisas antigas tudo em uma confusão de pensamentos. — Oh, ela sussurrou arrasada.

Ele virou-se com um suspiro pesado. — Seu avião caiu no caminho de volta para casa, disse a ela. — De certa forma, foi uma bênção. Ele tinha dores infernais. E ter que esperar por...

Ela assentiu em silêncio, concordando que era melhor, enquanto no interior se sentia como se algo tivesse sido arrancado dela. Lágrimas corriam livremente por seu rosto.

Os olhos de Clint escureceram. — Pelo amor de Deus, pare! ele rosnou. — Masterson não iria querer isso. Ele não quer que você sofra por ele!

Ela mordeu o lábio, odiando-o por ser tão insensível, tão frio. — Desculpe-me, disse ela arrasada. — Importar-se é o pecado número um em seu livro de regras, não é?

Ela virou-se e foi em direção a porta. Ele pegou-a antes de ela dar dois passos, agarrando-a em seus braços duros, apertando seu trêmulo corpo contra o seu forte e quente.

— Eu não suporto ver você chorar, ele murmurou duramente contra sua tempora. Seus dedos contraídos na nuvem de cabelo em sua nuca.

A admissão atordoou-a até que ela perceber, que como a maioria dos homens, ele não suportava lágrimas de qualquer natureza. Ela lutou para recuperar a compostura e parar as lágrimas quentes de correr pelo seu rosto e para os cantos de sua boca.

— Eu gostava dele, disse ela hesitante. — Era como... como se eu o conhecesse a vida toda.

— Isso acontece às vezes. Seus braços estavam contraídos, e ela sentiu uma mão quente encostar nas suas costas nuas logo acima da linha de seu vestido de verão, acariciando a pele sedosa. Sob a sua orelha, ela podia sentir o súbito suspiro pesado de sua respiração, seus lábios roçaram a testa, e ela enrijeceu involuntariamente.

Ele afastou-se abruptamente, sua mão indo para o bolso interno do paletó. — Masterson tinha isso no bolso, disse ele, entregando-lhe um envelope sem lacre. — Estava endereçada a você. Seu sobrinho me pediu para entregar.

Ela engoliu nervosamente, olhando para o pequeno envelope branco na mão, no seu nome escrito em negrito preto e o endereço da fazenda. — Para mim? O que... o que é?

— Não sei, disse ele, afastando-se dela para recuperar o seu cigarro no cinzeiro sobre a mesa.

— Nenhum de nós se sentiu no direito de lê-lo.

Ela tocou o envelope com os dedos e suspirou. Ela não poderia abri-lo agora, com Clint há apenas alguns metros de distância. — Eu vou ler mais tarde. Clint, Janna ligou. Ela chega no sábado.

Ele girou sobre seus calcanhares, seus olhos estreitaram-se no rosto duro. — Você chamou reforço? perguntou veementemente.

— Não! ela piscou. — Ela ligou e disse que estava vindo. O que eu deveria fazer? Dizer lhe que não, e que seu irmão...?

— Que o seu irmão o quê? ele rosnou.

Ela virou-se. — Deixei todos seus recados sobre a mesa, disse ela calmamente.

Houve uma longa pausa. — Comprei algumas novilhas de reposição, disse ele, finalmente, o controle de ferro por trás de sua voz profunda. — E um par de touros para acrescentar ao meu plantel de reprodutores. Faremos esses registros amanhã.

— Ok, disse ela em um sussurro.

— Maggie.

Ela parou com a mão na maçaneta da porta, mas não se virou para encará-lo. — O que?

— Não use esse vestido de novo.

Ela estava com medo de lhe perguntar porquê. A nota em sua voz rouca quase foi resposta suficiente.

Lá em cima, na privacidade do seu quarto, ela sentou em uma cadeira ao lado da janela escura e leu a carta com a luz da pequena lâmpada.

Margaretta Leigh, começava em uma grossa e pesada letra masculina, *se eu tivesse tido mais tempo para organizar tudo, iria lhe mandar uma passagem para Stonehenge, ao invés disso. Mas daí, eu teria que ter mais uma semana livre, e com toda honestidade, não tenho esperança disso. Você encontrará todas as despesas pagas, o cruzeiro, as refeições e a hospedagem. Eu tinha que chegar em casa rápido, ou teria te convencido a aceitar essa passagem. Maggie, por favor, não recuse. Satisfaça um velho homem que desfrutou algumas das horas mais felizes de sua vida na sua companhia. Foi quase como um regresso a casa. Não sei se você acredita em deja vu, a carta continuava, e ela estremeceu involuntariamente, mas se tais coisas acontecem, talvez nós nos conhecemos em algum passado distante e partilhamos mais do que café e conversa. Esta vida não era para nós. Talvez da próxima vez. Com profundo afeto. Duke Masterson.*

Talvez da próxima vez... Seus olhos fecharam-se enquanto ela dobrava a carta de volta ao redor da passagem. Quando as lágrimas pararam, ela leu a carta novamente e olhou para a passagem. Era uma passagem de ida e volta para os sítios arqueológicos em todo o Mediterrâneo, todos as despesas pagas, em um cruzeiro que começaria na segunda-feira seguinte. Ela olhou fixamente para ele. Será que ela realmente se daria ao luxo de ir agora, quando deveria estar procurando um emprego...

A voz de Emma chamou-a para jantar e interrompeu seus pensamentos confusos temporariamente.

Atormentada, questionava-se se deveria ou não ir ao cruzeiro. Ela queria, desesperadamente. Mas ela estava dividida entre o prazer e o problema muito real de procurar um emprego quando deixasse o rancho. Ela não tinha dito a ninguém sobre a passagem. Estava seguramente guardado em sua bolsa, escondida na carta de Duke, e ela a mantinha secretamente como uma oração preciosa demais para compartilhar com alguém. Mas estava preocupada e aparentava isso.

Ela sentia os olhos pensativos de Clint no café da manhã no dia anterior a chegada de Janna. Olhava-a como um falcão durante estes dias, ela pensou amargamente, mesmo que ele tivesse tido o cuidado de se manter o mais longe possível dela desde que tinha voltado de sua viagem. A maneira como ele a evitava foi notada até por Emma, uma façanha. Maggie estava ao mesmo tempo ferida e aliviada por isso. Pelo menos ela não tinha que de lutar contra qualquer tentativa monstruosa. Não havia nenhuma.

— Por que você não fala sobre isso, Clint resmungou finalmente quando ela acabou de comer seu prato de ovos e bacon, — ao invés de ficar sentada, com esse maldito olhar mortificado em seu rosto?

Seus olhos ardiam enquanto erguia seu rosto. — Por que você não se preocupa com as coisas que são da sua conta?

— Você é da minha conta, disse breve.

— Não por muito tempo.

— Louvado seja Deus!

Ela jogou seu guardanapo e saiu, passando por Emma que estava entrando, com um prato cheio de presunto. — Maggie...? Ela chamou.

Clint saiu atrás dela, seu maxilar tenso, os olhos em chamas.

— Clint...? Emma murmurou.

Nem um deles parecia mesmo ouvi-la. Com um suspiro e um encolher de ombros, ela levou o presunto de volta para a cozinha.

Clint apanhou Maggie na varanda da frente, segurando-a com uma mão áspera e cruel.

— Pare com esses acessos de raiva, disse ele rispidamente, — ou vou dar meu remédio para eles.

Ela jogou os cabelos, impaciente. — Por favor, largue o meu braço.

— Onde você está indo?

— Dar um passeio! Posso, ou tenho que...?

Ele pressionou um dedo, muito gentil contra seus lábios, percebendo a tempestade emocional que estava rasgando-a enquanto ele encontrava seus olhos.

— Chega, disse ele suavemente. — Venha cavalgar comigo. Vai ajudar.

Ela olhou para ele, impotentes, sentindo o começo da rendição e odiando-o. — Você não... você não está ocupado?

— Sempre, querida, disse ele com um sorriso amável.

— Eu... eu posso ir sozinha, ela murmurou.

— Eu quero ficar com você, disse ele. Sua mão magra afastou alguns cabelos de seus lábios. — Nós não tivemos muito tempo juntos desde que voltei para casa.

— Você quis assim, respondeu ela, escondendo os olhos dele

— Eu sei.

— Clint... Os olhos dela subiram ao encontro dele, com uma pergunta neles.

Ele balançou a cabeça. — Agora não. Ainda não. Suas sobrancelhas escuras se uniram enquanto olhava para ela, como se ela fosse um quebra-cabeça que ele não poderia juntar. — Maldição, mulher...!

O lábio inferior tremeu com a súbita raiva. — O que eu fiz agora? ela murmurou.

Ele respirou fundo e se afastou. — Não importa. Vamos!

Eles montaram em um silêncio de companheirismo por vários minutos, e Maggie sabia que ela tinha um tesouro desta vez que guardaria como ouro quando deixasse o rancho. Os olhos dela dispararam em sua direção quando ele não estava olhando, traçando o perfil bem definido, os poderosos ombros, as costas retas. A visão dele era como uma bebida gelada no deserto. Ela desejava ter trazido sua câmera, para poder ter uma foto dele para levar para casa e... suspirou. Iria levar uma foto dele em seu coração até o dia em que morresse. Isso teria que ser suficiente.

— O que você está pensando? — perguntou-lhe depois de um tempo.

— Lembranças, ela suspirou, sorrindo para a vastidão do campo e como eles controlavam as rédeas sentados calmamente em suas montarias, lado a lado. — Muitas

lembranças. O prado onde Janna e eu costumávamos pegar flores do campo, as nogueiras, que davam um delicioso fruto no outono, o...

— O riacho onde fiz amor com você?

Ela olhou para ele, corando, os olhos sobre a aba do chapéu, puxado para baixo sombreando seus olhos brilhantes.

— Você é sempre convencido assim ou tem que se esforçar para isso? ela respondeu.

— Você me deixa vaidoso, pequena, ele respondeu rapidamente. — Meu Deus, se você reagisse ao seu tolo e pobre noivo da mesma maneira que reage a mim fisicamente, você ainda estaria noiva!

Ela apertou os dentes, ignorando-o.

Ele jogou a perna por cima da sela, enquanto acendia um cigarro. Empurrou a aba do seu chapéu para trás, os olhos em seu rosto ardendo, mesmo a distância, verde, impetuoso e estranho.

— Como foi, Maggie?, perguntou ele com um chicote, profunda baixa em sua voz. — Como é a sensação de me beijar? Você queria isso desde que tinha dezesseis anos. Valeu a pena sonhar acordada?

Ela estudou as mãos trêmulas sobre as rédeas, quase não acreditando que o pesadelo retornava.

Ele jogou o cigarro longe. — Sem resposta? Talvez eu tenha te decepcionado, ele continuou sem piedade, estreitando olhos. — A paixão não resiste às exigências que um homem faz a uma mulher, pequena? A realidade sempre supera os sonhos. Pena você não ter percebido isso quatro verões atrás.

— Amém, ela sussurrou por entre os dentes. — Isso foi...

Ele riu, e o som áspero doeu mais do que as palavras. — Eu não poderia pensar em uma melhor maneira de curar você, querida. Tive todas as honras que um herói deveria ter. Fiz um favor a nós dois.

— Obrigado, disse ela em um sussurro pálido. — Depois do fracasso do meu noivado, era tudo que eu precisava.

— Você está partindo meu coração.

— Você não tem um! ela atirou de volta, com os olhos ardendo as lágrimas fluindo enquanto olhava para ele. — Você não saberia o que fazer com ele se tivesse um.

Ele deu de ombros, levando o cigarro aos lábios cinzelados. — Talvez, ele respondeu calmamente. — Mas é melhor você agradecer sua estrela da sorte que eu tenha uma consciência, senhorita, ele acrescentou:. — Eu poderia ter tido você.

Era a verdade, e doeu como o inferno, e ela fechou os olhos pela dor e a vergonha.

— Paixão ou não, você me queria! ele rosnou, denotando fúria em cada linha de seu rosto.

— Para minha eterna vergonha, ela suspirou devastada. Seus olhos brilhavam pelas lágrimas e dor ao encontrar com os dele.

O rosto dele enrijeceu como pedra, como se ela tivesse dado um tapa nele.

— Irei embora pela manhã, com Janna ou sem Janna, ela sussurrou com voz rouca. — Fui torturada o suficiente para o resto da vida!

Ela girou a égua e incitou-a em um galope às cegas de volta para casa, inclinando-se na sela, como se demônios a perseguissem. Mas Clint não a seguia. Ele estava sentado congelado na sela, com os olhos em branco e o cigarro queimando esquecido na mão.

O jantar foi um calvário e Maggie não teria sentido a menor pontada na consciência por perdê-lo se não fosse por Emma.

Ela não olhou ou falou com Clint durante toda a refeição. Emma, tentou manter uma conversa que se transformou em um monólogo sobre o tempo, o governo, e as guerras napoleônicas. Mas era uma causa perdida. Nenhum deles sequer levantou os olhos.

Maggie ajudou a tirar a mesa, enquanto Clint se enfiava na sua caverna e fechava a porta atrás dele com uma força que sacudiu as janelas.

— Isso é porque você vai embora amanhã? Emma perguntou enquanto lavava os pratos.

— Não sei. Ela secou um prato e guardou. — Nós tivemos uma discussão, enquanto estávamos cavalgando.

— Vocês têm discussões desde que você tinha oito anos de idade, querida, mas ele nunca bateu portas ou deixou um bom café na xícara, sem sequer prová-lo. Emma olhou suplicante. — Maggie, não vá. Não assim.

— Você não entende, Emma, tenho que ir, disse ela tristemente.

— Por quê? Porque você está com medo que ele faça você desistir?

Seu rosto se ergueu, o espanto em seus olhos claros.

— Oh, sim, eu sei, Emma disse suavemente. — Está escrito em você. Você não sabe por que ele mantém Brent longe daqui? Por que ele não consegue tirar os olhos de você ultimamente?

Ela baixou os olhos para a água com sabão na pia. — Não posso dar a ele o que ele quer.

— Você sabe o que ele quer, Maggie? Será que ele sabe?

— Oh, sim, ela respondeu amargamente. — Ele quer alguém para idolatrá-lo.

— Não é estranho, comentou Emma, — quando ele nunca pareceu se importar com isso antes?

Maggie atacou outro prato com o pano.

— Fique mais um dia, Emma persuadiu.

— Janna vai estar aqui de manhã e tudo será melhor. Você vai ver.

— Emma...!

— Leve o café para ele.

— E ter a minha cabeça arrancada?

A mulher mais velha tocou a mão dela delicadamente. — Maggie, você não pode deixar que isso se arraste por mais tempo. Vai te fazer em pedaços. Leve o café, converse com ele.... Eu acho Maggie, que ele está mais magoado do que com raiva.

— Você não pode atingi-lo nem com uma bomba. Ele é invulnerável, ela rosnou.

— Vá em frente.

Ela deu um último olhar ressentido para Emma e com um suspiro relutante, pegou a xícara de café quente e levou para o escritório.

Era como se estivesse diante de um leão em seu território, pensou, enquanto entrava após um rude — Entre! Ela empurrou a porta, fechou-a atrás dela e levou o café para a sua grande mesa de carvalho. Ele estava em pé no pátio, o ombro contra o batente, um cigarro na mão.

Ele virou-se para olhá-la servir a xícara, e ela quase prendeu a respiração na pura masculinidade que parecia irradiar de seu corpo, alto e poderoso. Sua camisa estava desabotoada pelo calor, solta em seus ombros largos, revelando uma faixa de pelos escuros que recobria suavemente os músculos bronzeados do seu peito e estômago. Seu grosso cabelo estava desgrenhado, como se seus dedos tivessem trabalhado sem descanso sobre ele. Seus olhos estavam angustiados, solenes e mais escuros do que ela já tinha visto.

— Eu... Emma disse para... para trazer um café para você, ela hesitou, vacilante com as palavras enquanto ele afastava os ombros da porta e vinha em sua direção.

— Onde está a sua xícara? perguntou ele calmamente.

— A minha?

— Você poderia tomá-la comigo.

— Oh. Ela estudou o tapete. — Eu tomei a minha na cozinha.

Ele sentou na beirada da mesa e esmagou o cigarro.

— Eu não quero que seja assim, ela sussurrou tristemente. — Eu não quero sair daqui com você me odiando...!

— Eu não odeio você, respondeu ele profundamente.

Não, ela pensou, porque era necessário emoção e não havia isso nele. Ele estava simplesmente indiferente.

Ela estudou os sapatos. — De qualquer maneira, disse calmamente: — Obrigado por me deixar vir. Lamento deixá-lo sem uma secretária...

— Você não deixará, disse ele friamente. — Eu encontrei com Lida, enquanto estive fora. O casamento dela durou uma noite. Ela estará aqui na segunda-feira. Ele sorriu despreocupado. — Então, pequena, você escolheu um bom momento para ir. Sem problema.

Ela sorriu, apesar da dor pulsando no seu coração. — Sem problema, ela repetiu. — Bem, boa noite...

— Leve isso contigo. Esvaziou a xícara e entregou a ela. Mas quando seus dedos se tocaram, ele sentiu um tremor frio nela e algo pareceu explodir em seus olhos.

— Fria como gelo, ele murmurou por entre os lábios. — Mas só por fora. Suas mãos a puxaram pelos ombros, aproximando-a dele. Na posição em que ele estava meio sentado, ela ficava em um irritante nível com seus olhos de jade. — Você não reconhece o quanto eu a afeto, Irlandesa? rosnou com raiva.

— Não... ela suplicou, toda a luta abandonando-a diante da fúria implacável que leu em seus olhos. — Clint, por favor, deixe-me ir, não...

— Não o quê? Envergonhada? ele zombou. Ele pegou a xícara de suas mãos e atirou-a na mesa. Suas mãos magras segurando seus ombros violentamente, estreitando-a contra ele.

— Clint, eu sinto muito! ela sussurrou, percebendo finalmente o que estava errado. Ela feriu seu orgulho, e agora ele queria vingança...

— Você não sabe o que é vergonha, ele rosnou, inclinando a cabeça, — mas vou te ensinar.

— Clint...! Sua voz interrompida no grito de súplica, enquanto a boca dele descia dura contra a dela e lhe ensinava como um beijo podia se transformar em uma punição.

Ela tentou lutar contra os impiedosos e rígidos braços que a seguravam, mas não conseguia se livrar, não conseguia respirar... cedendo à força que era muito maior do que a dela.

Então, como mágica, o esmagamento de seus braços musculosos relaxaram, embalando-a, agora tão delicadamente quanto a tinha machucado antes. A pressão da sua boca diminuiu, tornando-se macia e cuidadosa, persuadindo.

— Maggie, ele sussurrou contra os lábios machucados, deslizando as mãos sob a barra da blusa para queimar contra a carne nua das costas. — Maggie, você é como a seda.

Os dedos dela enrolados no algodão de sua camisa enquanto ela se inclinava, ofegante, enquanto ele brincava com sua boca, provocando, pequenos beijos que acendiam fogueiras em sua mente. Suas mãos quentes a trouxeram para mais perto ainda, levemente áspero ao acariciar sua pele suave.

— Toque-me, ele murmurou roucamente. — Toque-me, querida.

Involuntariamente, as mãos delgadas foram da camisa de algodão para os músculos quentes e bronzeados de seu peito largo, enredando na macia massa de pelos pretos enquanto ela acariciava-o cegamente, sentindo a sensual masculinidade dele, afogando-se no aroma picante da sua colônia com sensação após sensação caindo sobre ela.

— Assim, feiticeira, murmurou ele, é isso. Maggie, abra a boca, só um pouco. Eu quero prová-la...

Queimando com a fome que ele criou nela, rendeu-se impensadamente enquanto ele abria seus lábios macios e puxava-a completamente contra seu corpo, muito quente, pressionando até que ele ouviu o gemido sufocado em sua boca.

— Aquele seu noivo frouxo nunca te beijou assim, Maggie? ele rosnou com a voz rouca. — Será que ele te excitava até que você gemesse contra a boca dele?

— Oh, não, ela confessou vertiginosamente, com as mãos delgadas fazendo um protesto indiferente contra o prazer que ele estava lhe causando.

— Por que não? Você quer isso, ele sussurrou. Sua boca acariciando preguiçosamente ao longo da sua, aberta, úmida e deliberadamente sensual. — Você quer as minhas mãos e meus olhos em cada centímetro deste doce corpo jovem, não é, Maggie? Responda-me. Não quer?

Sua voz respondeu em um soluço. — Sim! ela chorou. — Maldito, sim!

— Peça-me de forma doce e agradável, Maggie, ele zombou. — Diga, por favor, Clint, diga, Irlandesa. Murmurou...

Seus olhos se abriram lentamente, brilhando com ansiedade e amor. — Por favor, ela respirou contra sua dura e torturante boca. — Por favor, Clint...

Suas mãos contraíram-se em sua cintura, e de repente ele afastou-a. Um frio, sorriso implacável em sua boca. — E assim, Srta Kirk, o placar se iguala. Você queria algo para se envergonhar. Conseguiu!

Levou alguns segundos para ela perceber o que ele tinha dito e o que ele tinha feito. Seu rosto ficou vermelho, depois branco. Mortalmente branca. Envergonhada... igualar o placar... Ela se afastou dele entorpecida, sentindo como se tivesse sido golpeada com toda a força por aquela mão bronzeada e elegante.

Ele acendeu um cigarro calmamente, os olhos apertados observando sua expressão atordoada enquanto ele fechava o isqueiro e guardava-o no bolso. — Você me seguia por aí como um maldito cachorro de estimação desde que tinha cerca de oito anos, observou ele. — Para referência futura, estou cansado disso. Eu não vou ser um substituto de um noivo galinha, ou um bálsamo para um coração partido. A partir de agora, se quiser fazer amor, procure em outro lugar. Estou cansado de dar-lhe lições. Seu rosto ficou, se isso era possível, ainda mais branco. Sua boca se recusou a formar as palavras que diria a ele quão odioso ela pensava que ele era. Por dentro, ela se sentia derrotada, ferida. As lágrimas indistintas em seus cílios longos, as lágrimas que ela virou-se para impedi-lo de ver. Ela foi às cegas em direção à porta.

— Sem réplicas, Maggie? Ele repreendeu.

Sua mão tocou a maçaneta.

— Gostaria de um beijo de adeus? ele insistiu.

Ela abriu a porta e saiu.

— Irlandesa!

Ela fechou a porta atrás dela e foi cega e rapidamente subindo os degraus. Atrás dela estava vagamente ciente da abertura da porta de novo, de olhos a seguindo. Mas ela não parou ou olhou para trás. Nem uma só vez

Capítulo Oito

Maggie sentou na cadeira ao lado de sua cama no escuro, durante horas, com uma dor mais profunda do que qualquer outra. A crueldade deliberada era quase insuportável. Ele sabia que ia machucá-la. Ela tinha visto a satisfação nos olhos de jade. E tudo porque ela atingiu seu ego. Por nenhuma outra razão do que essa. As lágrimas não pararam desde que ela fechou a porta atrás dela para este interior de segurança que era a escuridão. Não tinha parado, não tinha amenizado. Nem quando bateram na porta e a voz hesitante de Emma chamou o nome dela suavemente. Nem quando ouviu duas vozes do lado de fora do quarto fechado, uma profunda, lenta e irritada e outra suave e suplicante.

Quando a primeira luz da aurora passou pelas cortinas brancas macias, ela ainda não havia se levantado da cadeira ou dormido. Seus olhos estavam vermelhos com olheiras escuras, o rosto tão branco quanto na noite anterior.

Automaticamente, ela começou a arrumar suas coisas, calma e eficientemente, separando a roupa limpa e suja na única mala, reunindo os cosméticos da cômoda, e os

produtos de higiene do banheiro. Ela não se permitia pensar. Nem sobre o que ela sentia por Clint, nem sobre o que ele fez com ela, nem sobre angústia de se afastar dele pelo o resto de sua vida. Mantinha sua mente longe e nada mais. Escapar era a única coisa importante em sua vida agora. Ela queria correr. Sem parar para passar uma escova nos cabelos, ela pegou a mala e sem olhar para trás, fechou a porta.

— Oh, você está aí, Emma disse em um tom estranho, hesitante quando Maggie chegou ao fim da escada. — Pronta para o café da manhã, querida? Certamente você não vai sair sem café da manhã?

Maggie não respondeu, fazendo um curto movimento com a cabeça, sem palavras. Ela pegou o telefone e chamou um táxi com calma, consciente de que enquanto colocava o fone no gancho, Clint tinha se aproximado pelo corredor.

Emma trocou um rápido olhar com ele e saiu do corredor, fechando silenciosamente a porta da cozinha atrás dela com um clique macio.

Maggie pegou a mala e foi para a varanda da frente justamente quando Clint movia-se, ficando em pé, parado na frente dela, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans. Seus olhos estavam vermelhos, seu rosto pálido. Ela dispensou-lhe um olhar breve e frio antes de desviar os olhos.

— Por favor, saia do meu caminho, disse ela em um tom aparentemente calmo.

— Eu quero falar com você, Maggie.

— Escreva-me uma carta, ela disse — Se você tentar, provavelmente pode me insultar mais um pouco ao enviá-la.

— Maggie! gemeu, chegando a tocar seu ombro.

Ela encolheu-se dele como se ele tivesse cortado a ela para o osso, recuando, com amplas e ardor nos olhos. — Nunca mais faça isso de novo, ela sussurrou instável. — Nunca me toque. Estou saindo de sua vida tão rapidamente quanto posso Clint, não é o suficiente? Lágrimas nublando seus olhos. — O que mais você quer de mim, sangue? gritou ela.

Ele respirou profunda e lentamente. — Meu Deus, nunca quis machucar você... disse num fio de voz rouca, algo escuro e sombrio em seus olhos enquanto procurava por seu rosto.

— Não, você não queria, não é? Ela perguntou amargamente. — Você queria arrancar a pele de Lida, mas ela não estava aqui e eu estava. Talvez as coisas agora mudem, já que ela vai voltar.

— Maggie, não é nada disso, pelo amor de Deus! ele grunhiu enquanto ela se aproximava da porta. — Eu quero te dizer...!

— O placar está igualado, Clint, você disse isso, ela afirmou da varanda, os olhos acusando-o. — Não há nada mais que você possa dizer que eu queira ouvir. Você disse tudo a noite passada.

Os olhos dele se estreitaram, como se sentisse dor, seu olhar procurando, calmo, como se ele nunca a tivesse visto antes e não conseguisse ver o suficiente de seu rosto. — Não, querida, disse ele gentilmente. — Eu não disse tudo. Maggie...

O som alto de uma buzina de carro estacionando no caminho que levava a casa interrompeu-o, e ela virou-se e começou a descer os degraus com uma explosão de alívio que fez seus esbeltos ombros relaxarem. — Diga adeus a Emma, ela disse por cima do ombro, — e diga a Janna que vou escrever!

Ele não respondeu, seu rosto moreno e imóvel, com os olhos pregados à forma esguia que entrava no carro e a porta que era fechada. Viu-a ir, com os olhos assombrados e torturados enquanto o táxi se desvanecia lentamente em uma mancha amarela na distância.

Emma saiu para a varanda, secando as mãos no avental branco. — O café da manhã está pronto, ela disse suavemente.

Ele não respondeu, com os olhos perplexos, o rosto tenso.

— Você queria que ela fosse, Emma lembrou-o. — Isso foi o que você me disse ontem à noite.

Ele se virou e entrou na casa, em seu escritório, fechando a porta atrás de si com firmeza. Com um suspiro, Emma voltou para a cozinha, imaginando como explicaria isso para Janna.

Mais tarde, sentada cansada no ônibus para Miami, Maggie lia a carta de Duke Masterson pela terceira vez e agradecia silenciosamente ao grande homem moreno por esta saída. Ela não teria suportado voltar ao apartamento ainda, enfrentar Janna e as perguntas inevitáveis. A ferida estava em carne viva, muito recente para ser explorada. Em poucos dias, algumas semanas... ela olhou carinhosamente para a passagem da prometida fuga. Era um alívio para tanto dano, tanta dor. Philip, então Clint... especialmente Clint. Ela fechou os olhos para as memórias amargas. Será que ela nunca se esqueceria de como ele a humilhou, nunca se recuperaria do duro golpe sofrido em seu orgulho?

Seus olhos se voltaram para a janela, para as palmeiras e pinheiros no horizonte, ocasionalmente uma casa era vista aninhada entre as árvores. As coisas estavam complicadas agora. Ela não seria capaz de passar férias com Janna nunca mais se isso significasse ir ao rancho e encontrar Clint. Seria pior quando ele voasse para a cidade a negócios e viesse ver a irmã. Ela suspirou, cansada. Talvez fosse melhor se ela procurasse um emprego em Atlanta e se afastasse de sua amiga de infância. Isso seria doloroso demais. Mas talvez, a longo prazo, seria o melhor.

Ela inclinou a cabeça para trás contra o banco e fechou os olhos cansados. Parecia que fazia muito tempo que tinha dormido, desde que tinha sentido alguma paz. Sua mente estava cheia de Clint, dos velhos tempos.

Parecia que tinha sido há muito tempo que ela e Clint tinham sentado no balanço da varanda juntos e conversado sobre cavalos. Ou tinham feito longos passeios na floresta, ouvindo seus contos sobre os primeiros dias de exploração da Flórida quando canoas desciam o Rio Suwan-nee em viagens de reconhecimento.

Ele fez a Flórida ganhar vida para ela. Podia ver o orgulho dos conquistadores espanhóis que vagavam através dos bosques as margens do rio. Podia ouvir os tambores, Seminoles ferozes, que nunca foram conquistados pelo governo dos Estados Unidos, apesar de uma série de três guerras que ocorreram entre 1817 e 1858. Podia imaginar os navios que partiam da costa arenosa da Flórida, com destino às Índias ou América do Sul.

Ela suspirou. Clint gostava dela quando era uma criança. Eles haviam sido amigos. Mas agora ele era um inimigo, e todas as suas lágrimas não iria mudar isso. Não depois do que ele tinha feito a ela. Seus olhos fecharam-se pela dor da lembrança. Tudo isso tinha sido realmente necessário, ela se perguntava, a humilhação que ele tinha lhe causado? Por que aquilo o tinha incomodado tanto, o que ela disse enquanto eles estavam cavalgando, sobre sentir-se envergonhada pelo o que ele a fazia sentir?

Ela balançou a cabeça lentamente. Se ele queria envergonhá-la, tinha conseguido isso. Mas o que a tinha intrigado era o olhar no rosto dele na manhã seguinte, o olhar sombrio, olhos verdes famintos que a viam sair do rancho. Seria culpa ou dor no seu olhar?

Suas sobrancelhas se juntaram. Ela perguntou o que Janna iria pensar quando chegasse lá, ou até mesmo o que Clint diria a sua irmã sobre a história toda? Ela não tinha mencionado que estava indo para Miami. Ninguém sabia que ela tinha uma passagem para um cruzeiro. Clint e Emma achavam simplesmente que ela estava indo para casa em Columbus. Bem, que diferença faria, ela se perguntou, com os olhos na paisagem colorida fora da janela do ônibus com o pôr do sol deixando belas chamas no céu. O dia tinha passado rápido, e logo Miami estaria à vista no horizonte. Ela moveu-se impaciente no assento confortável. Miami. Será que algum deles se preocuparia além de Emma e Janna? Bem, ela enviaria um cartão postal da Grécia ou Creta para Janna ou de onde quer que ela estivesse. Janna e Emma, ela corrigiu.

Ela desceu do ônibus em Miami e tomou um táxi para Miami Beach, para a Avenida Collins que era repleta de suntuosos hotéis. Ela parecia uma garota do campo diante das paisagens e sons da Praia de Miami a noite, bebendo o cheiro do sal do mar, o glorioso colorido daquele lugar irreal sob as luzes da noite. Não havia estacionamento disponível no hotel que ela tinha escolhido, então o motorista deixou-a na rua movimentada e entregou a sua mala.

— Cuidado com o trânsito, senhora, ele advertiu ao entregar-lhe o troco.

Ela acenou e sorriu. — Terrível, não? Ela riu.

— Não depois que você se acostuma. Ele sorriu enquanto ia embora.

Ela levantou a mala, ainda sorrindo enquanto examinava a grandeza e a riqueza construída pelo homem. Em poucas horas, ela estaria em um navio de cruzeiro rumo ao Atlântico. Deixando para trás suas preocupações, suas tristezas, suas obrigações, apenas por pouco tempo. Ela respirou fundo o ar quente do mar. Obrigado, Duke Masterson, disse ela em silêncio, sentindo uma pontada de tristeza pelo grande homem, o homem moreno que não estaria em algum lugar daquelas ruínas antigas esperando por ela.

Ela foi em direção ao hotel do outro lado da rua, sua mente longe, seus olhos desatentos. Ela não percebeu o carro potente se afastando do meio fio com um guincho de pneus a poucos metros de distância. Não até que sentiu o impacto súbito e tudo girando em uma dolorosa escuridão...

Sons iam e vinham em vagos fragmentos, de uma grande distância...

Várias costelas quebradas, lesões internas. — Ela não está respondendo.

— Ela tem que responder! Meu Deus, faça alguma coisa, qualquer coisa! Não importa o quanto vai custar!

— Nós estamos fazendo tudo o que podemos, é claro.... Mas ela não está tentando, veja. Tentando viver, eu quero dizer. A vontade de viver pode fazer a diferença em casos como estes.

As vozes desvaneceram-se e, em seguida, uma deles voltou, profunda e lenta, e ela estava vagamente ciente dos dedos entrelaçados com os seus, segurando-os, acariciando-os.

— Fugindo de mim? a voz rosnou. — É isso que você está tentando fazer, Maggie, fugir mais um pouco?

Os olhos dela estremeeceram, suas sobrancelhas contraíram. Sua cabeça moveu-se inquieto sobre o travesseiro.

— Eu... não quero..., ela sussurrou meio consciente.

— Não quer o quê?

— Viver, ela admitiu. — Dói... muito.

— Morrer vai doer mais, foi a resposta curta. — Porque se você for, eu vou também. Você não vai me escapar dessa maneira. Então que Deus me ajude, vou segui-la! Você me ouviu, Maggie?

Sua cabeça movia-se de um lado para o outro. — Deixe-me... sozinha! ela sussurrou dolorosamente.

— Por que diabos eu deveria? Você não vai me deixar sozinho.

Os dedos foram apertados e ela sentiu ou pensou sentir uma onda de emoção que fluía através deles, aquecendo-a, tocando-a, gentilmente segurando-a a vida.

Ela lambeu seus lábios secos e rachados. — Não...me deixe ir, ela murmurou, apertando a mão em torno dos dedos fortes.

— Eu nunca deixarei você ir, pequena. Aguenta firme, querida. Só aguenta.

— Aguenta..., ela respirava, e as trevas voltaram.

As vozes iam e vinham de novo, ora monótona, ora discutindo. Uma voz feminina participava, articulada, macia. Era como uma sinfonia de sons estranhos, misturado com o barulho de objetos metálicos, o frescor de toalhas, a sensação de água quente e mãos frias. E aquela voz...

— Não desista agora, ele ordenava, e ela sentia os dedos fortes segurando os dela. — Você consegue se você tentar. Aguenta firme! Ela respirava breve e bruscamente e doía terrivelmente. Ela fez uma careta com o esforço. — Ah, isso... dói! ela gemeu.

— Eu sei. Oh, meu Deus, eu sei. Mas continue tentando, Maggie. Vai ficar melhor. Eu prometo.

Assim, ela continuou tentando, desvanecendo-se dentro e fora da vida, até os sons tornarem-se familiares, até que um dia ela abriu os olhos e viu os lençóis brancos que cheirava a medicamentos e viu a luz solar filtrada pelas persianas em sua cama.

Piscando, os lábios rachados, ela olhou para um rosto pálido e abatido, com olhos verde-esmeralda e cabelos negros desgrehados.

Ela franziu a testa, entorpecida de analgésicos e sono. — Hospital? ela conseguiu fraca.

Clint deu um suspiro profundo, pesado. — Hospital, ele concordou. — Ainda dói?

Ela engoliu. — Poderia... água?

Ele se levantou da cadeira e derramou água e gelo em um copo de uma jarra de plástico que estava ao lado da cama. Sentou-se na borda da cama, para levantar sua cabeça para que ela pudesse sorver a água gelada.

— Oh, isso é tão bom, ela quase chorou, — tão bom!

— Sua garganta parece ter serragem, eu imagino.

— Parece... areia do deserto..., ela corrigiu, estremecendo quando ele colocou a de volta no travesseiro. — Eu... tenho algo quebrado?

— Algumas costelas, disse ele.

O tom em sua voz a incomodou. — O que mais?

Ele passou a mão pelos cabelos densos e escuros. — Você teve um acidente infernal, Maggie, disse ele calmamente.

— Clint, o que mais? gritou ela.

— Sua coluna, querida, disse ele gentilmente.

Com um sentimento de horror ela tentou mover as pernas... e não podia. — Oh, meu Deus... ela sussurrou.

— Não entre em pânico, Clint advertiu, afastando o cabelo úmido de suas têmporas. — Não entre em pânico. Não está quebrada, apenas machucada. Seu médico diz que você estará andando novamente em algumas semanas.

Os olhos dela se arregalaram, procurando-o desesperadamente. — Você não... mentiria para mim?

Seus dedos roçaram o rosto suavemente. — Eu nunca mentiria para você. Não vai ser fácil, mas você vai andar. Tudo bem?

Ela relaxou. — Tudo bem. Como eles... encontraram você?, perguntou ela.

Uma sombra de sorriso tocou-lhe a boca cinzelada. — A carta de Masterson, em sua bolsa. Tinha seu nome e o endereço da fazenda nela, lembra?

Ela concordou, brincando com o lençol. — Eu estava... pensando sobre o cruzeiro, quando o carro...

— Você poderia ter me dito para onde estava indo, observou ele.

Ela corou, desviando os olhos.

Ele respirou profundamente. — Pensando bem, disse ríspidamente, — por que diabos você deveria? Deus sabe que não lhe dei qualquer razão para pensar que eu me importava com você, não é mesmo, Maggie?

Ela ainda não poderia lhe responder, as lembranças estavam voltando com pleno vigor agora, ferindo, machucando...!

— Não, disse ele gentilmente. — Maggie, não olhe para trás. Vai precisar de toda sua força para ficar em pé novamente. Não a desperdice comigo.

Ela respirava irregularmente. — Você está certo sobre isso, ela murmurou fracamente. — Seria um desperdício.

— Estou feliz que você concorde, ele respondeu, sem nenhum traço de emoção em sua voz profunda e lenta.

Ela estudou as mãos pálidas. — Por que você veio?

— Porque Emma e Janna não descansariam enquanto eu não viesse, ele rosnou. — Por qual outro motivo?

— Bem, eu vou viver, disse ela amargamente. — E vou andar. E não preciso de nenhuma ajuda sua, então por que você não vai para casa?

— Não sem você.

Ela fitou-o, mas não havia nenhum indício de expressão em seu rosto moreno.

— No momento em que eu sáísse, ele pensou, — você se entregaria a auto-piedade.

— Eu não faria isso!

Ele estendeu a mão e pegou seus frios e nervosos dedos. — Só vou te deixar no dia em que você puder andar por conta própria, disse ele. — Isso deveria servir de incentivo, feiticeira.

Feiticeira. Lembrou sem querer da última vez que ele lhe chamou assim, obrigando-a, segurando-a, machucando-a, a boca firme criando sensações que caíam sobre ela como fogo.

— Você está corando, Maggie, ele brincou com suavidade.

Ela puxou a mão e desviou os olhos dele. — Eu posso ir para casa... para o apartamento, ela vacilou.

— Não nessa vida, querida, disse ele, e ela reconheceu o tom obstinado em sua voz. — Nem que eu tenha que amarrá-la em casa. Janna estará em férias nas próximas três semanas, e eu serei amaldiçoado se te deixar em um apartamento sozinha e desamparada.

— Não sou inválida!

— Não? ele provocou, com os olhos descendo pelo seu corpo.

Ela bateu na coberta com um impotente soco. — Eu te odeio!

— Pelo menos você não está indiferente, ele riu. — O ódio pode ser excitante, pequena.

Por pouco, seus pálidos olhos não o queimaram. — Espere até eu voltar a ficar em pé!

Ele apenas sorriu, inclinando-se para trás na cadeira, a tensão, a experiência em evidência. — Eu vou tentar, baby.

Alguma coisa na maneira como ele falou a fez corar.

O tempo passou rápido depois disso. A dor persistiu por alguns dias, especialmente quando eles cortaram os analgésicos, mas Clint estava sempre lá, desafiando-a lamuriar sobre isso. Eles a encaminharam aos fisioterapeutas, e ele também estava lá, assistindo, esperando, zombando. Ela trabalhou duas vezes mais duro, concentrando-se nos músculos fracos para fazer o que ela queria, usando a violenta emoção que sentia como um chicote. Ela voltaria a andar. Ela tinha que voltara andar, se não fosse por qualquer outra razão para provar aqueles infernais olhos jades que poderia!

Finalmente chegou o dia, quando ela teve alta do hospital, quando a ciência médica já tinha feito tudo o que podia. Ela olhou sobre a parte traseira do assento do táxi em direção a imagem desvanecida de Miami enquanto chegavam ao aeroporto. E ela nem chegou a ver o navio que faria o cruzeiro.

O voo para casa parecia ter passado muito rápido. Clint relaxou enquanto pilotava o pequeno avião mono motor, seus olhos atentos sobre os controles e os limites das pequenas cidades, fazendas, parques, florestas e rebanhos de gado ao voarem sobre aquela paisagem através das nuvens.

Ela olhou para Clint. Será que ele realmente queria que ela o odiasse, pensou, ou apenas tinha dito aquilo para irritá-la? Ela se lembrava da sua própria presunção na adolescência, quando o colocou em um pedestal e fez tudo para adorá-lo. Aquilo devia ter sido insuportável para um homem como Clint, sendo seguido por aí como um cão de estimação, como ele colocou antes que ela deixasse o rancho.

Seus olhos se voltaram para a janela, olhando para as nuvens inconsistentes. Se ela pudesse esquecer aquele comportamento idiota, se pudesse apagar tudo que tinha acontecido entre eles, começar de novo e serem... amigos.

A palavra quase a sufocou, mas reconhecia tardiamente que era a única coisa possível agora. Todas as pontes foram queimadas atrás deles. Ela tinha feito aquilo tudo por si mesma.

Enfim, ela pensou com um calafrio, Lida deveria estar de volta no rancho esperando por ele neste momento. Ela só viu a mulher uma vez, mas tinha sido mais que suficiente. Isso faria sua vida na fazenda insuportável. Foi por isso que ela lutou tanto para voltar ao apartamento. Mas Clint, como de costume, fazia tudo do seu jeito, apesar de todos os seus esforços para contrariá-lo. Como nos velhos tempos.

Ela olhou para as pernas inúteis na calça que tinha usado no ônibus de Columbus. Parecia que tinha passado muito tempo desde que Clint a tinha colocado na garupa do seu garanhão.

Foi o choque, os médicos lhe haviam dito, que causou esta paralisia temporária — o choque do seu corpo, do seu sistema, da sua mente, e uma boa dose de lesões também. Pelo menos ela tinha sensibilidade nas pernas. Mas andar ia ser outra coisa completamente diferente, e estremeceu mentalmente com o que estava por vir. Teria que ter uma determinação que ela não tinha certeza se possuía para fazer os músculos se moverem novamente. E se ela não tivesse? E se os médicos estivessem errados, e sua espinha dorsal estivesse danificada? E se...

— Estamos em casa! Clint disse acima do ruído do motor, e alinhou o pequeno avião em direção a pista de pouso.

Janna juntou-se a eles com lágrimas nos olhos, saltando do carro quando a hélice parou de girar.

— Oh, Maggie, estou tão contente de ver você, ela chorou, abraçando a amiga como se ela voltasse do mundo dos mortos, em vez de Miami.

Maggie forçou-se a rir enquanto dava um tapinha no ombro de Janna. — Eu estou bem. Vou ficar bem. Pergunte a Clint se não acredita em mim. Ele confirma! ela murmurou, fitando-o por cima do ombro de Janna.

Ele apenas sorriu. — Mexa-se, Janna, e deixe-me carregar este saco de batatas para o carro.

— Eu não sou um saco de batatas, Maggie protestou quando ele passou os braços sob ela e levou-a como uma pena para o banco do carro.

— Mas está parecendo, observou Janna brincando, enquanto abria a porta do carro para Clint.

— E parece estar frita, Clint completou ao colocá-la suavemente no banco. — Cuidado, Maggie, vai se chamuscar.

— Seu demônio, ela resmungou.

Seus olhos foram deliberadamente para a curva suave de sua boca. — Está me provocando, querida? ele perguntou em voz baixa enquanto Janna dava a volta no carro para entrar.

— Não! ela sussurrou de volta.

Ele sorriu e fechou a porta. Deu a volta no carro, também, e abriu a porta a Janna. — Fora, disse ele.

— Mas eu posso dirigir...! protestou.

— Não o meu carro, não comigo nele. Fora.

Ela deu um suspiro aborrecido e deslizou para perto de Maggie. — Eu odeio irmãos, ela murmurou.

— Não era isso que você costumava me dizer, Maggie observou.

— Oh, cale a boca, a garota mais nova gemeu.

À noite, Maggie estava confortavelmente instalada no mesmo quarto de hóspedes que ela tinha ocupado, recostado em travesseiros, rodeada por livros e revistas, entupida de sopa, sanduíches e café quente.

— Mas, Emma, ela protestou, — você vai me estragar.

— Estou feliz por você ainda estar por aqui para ser mimada, veio a resposta de Emma ao passar pela porta.

Janna sentou-se na cadeira ao lado da cama, rindo. — Você pode muito bem desistir. Você sabe disso, não é?

Maggie sorriu em rendição. — Eu devia, eu acho. Janna...

— O que?

Ela olhou para suas mãos. — Lida ainda está aqui?

Janna olhou com espanto para ela. — O que você disse?

— Bem... Clint disse que Lida voltaria.

— O tolo! Janna se levantou e foi até a janela. Um forte e irritado suspiro passou por seus lábios. — Ele nunca vai aprender, nunca! Por que ele a quer de volta aqui, justamente agora? E quando ele lhe disse que ela voltaria?

— Na... segunda-feira depois que fui embora daqui, disse ela.

— Bem, ela não apareceu. Graças a Deus, Janna acrescentou com raiva. — Será que ele não aprendeu ainda? Meu Deus, ela foi embora e casou com um velho rico... já o deixou?

— Foi o que Clint disse.

— Ele estaria melhor sozinho para o resto de sua vida. Oh, Maggie, porque os homens são tão estúpidos? ela gemeu.

Maggie teve que sorrir pela sinceridade na voz suave de sua amiga. — Acho que Deus os fez dessa maneira para que eles fossem vulneráveis as mulheres.

— As únicas mulheres que foram capazes de deixar meu irmão vulnerável poderiam ser consideradas prostitutas, Janna resmungou. Ela olhou para o rosto oval sobre o travesseiro emoldurado pelo cabelo ondulado. — Por que ele nunca te notou?

Maggie alcançou seu café para impedir que Janna visse o rubor em seu rosto. — Eu sou como sua irmã mais nova, você sabe disso, ela esquivou-se.

— Bem, não é por falta de esforço da minha parte, Janna admitiu. Ela suspirou. — Bem, precisa de alguma coisa?

Maggie balançou a cabeça. — Estou bastante mimada, obrigada. Não fique acordada por minha causa. Já é tarde.

Janna inclinou-se para abraçá-la. — Estou muito feliz por você estar bem.

— Eu também. Só sinto por ter perdido o cruzeiro. Eu teria gostado muito... mesmo que seja só porque Duke queria que eu fosse.

Janna sorriu. — Eu gostava demais daquele grandalhão. Boa noite, minha amiga.

— Boa Noite. A porta se fechou atrás de Janna e o quarto pareceu encolher. Ela pegou uma revista e começou a ler, mas as palavras pareciam borradas. Com o silêncio e a solidão, sua mente começou a trabalhar, pesando possibilidades, se preocupando com as pernas...

— Não posso deixar você sozinha, Clint disse da soleira da porta, os olhos apertados estudando seu rosto carrancudo. — Entregue a auto piedade de novo?

Ela fez uma careta para ele. — Estou apenas lendo essa revista idiota, ok?

Ele cruzou os braços sobre o peito e recostou-se contra a porta, só olhando para ela. — Você estava lendo? Ou você estava se preocupando?

Ela suspirou. — Ambos.

Ele aproximou-se e jogou a revista longe. — Deite-se, disse ele, empurrando a sobre os travesseiros para que ela deitasse.

— Tirano horroroso...! ela se irritou.

— Isso e muito mais. Aqui. Ele puxou as cobertas e enfiou-as embaixo de seu queixo. — Agora vá dormir e pare de torturar a si mesmo. Tudo o que você tem que lembrar é que você vai voltar a andar.

Seus olhos, arregalados e um pouco assustados, olharam para os dele. — Eu vou, não vou, Clint? ela perguntou suavemente, deixando cair as barreiras o suficiente para renovar sua segurança.

— Sim, disse ele calmamente e com segurança.

Ela relaxou contra os travesseiros. — E... Lida chegará em breve? ela murmurou, evitando os olhos.

— Lida?

— Sim. Você lembra, disse que...

— Deus, eu esqueci, disse pesadamente. — Ela ligou logo depois que fui para Miami e deu algumas desculpas para Emma sobre a mudança de seus planos, dizendo que ia para Maiorca dessa vez. Nem me dei conta quando Emma me contou. Seus olhos de jade a fitaram. — Você me fez passar por momentos infernais, Irlandesa.

— Sinto muito, disse ela baixinho.

— Mostre-me, ele murmurou profundamente inclinando-se sobre sua boca.

Ela olhou para ele abalada sem saber como tomar este gentil assalto, não sabendo se poderia se atrever a levá-lo a sério.

Seu dedo longo traçou a curva suave de sua boca trêmula. — Você não confia em mim, não é? perguntou ele calmamente.

Ela balançou a cabeça. Sem palavras, seus olhos mostraram a dor, a lembrança de por que ela tinha ido embora.

Ele inclinou o rosto um pouco e sua boca roçou a dela suavemente, lentamente, em um beijo tão carinhoso, tão admiravelmente carinhoso que trouxe lágrimas aos seus olhos.

Ele recuou e procurou seu rosto com olhos sombrios e intensos. — Eu tenho uma cabeça dura, ele murmurou distraidamente, — e às vezes é preciso de uma batida infernal para me atingir. Mas eu aprendo rápido pequena e não cometo os mesmos erros duas vezes.

Ela baixou os olhos enquanto as palavras chegavam até ela. Ele quis dizer que não estava mais brincando, que ele não iria incentivá-la a perder a cabeça. Isso deveria fazê-la feliz. Em vez disso, havia uma enorme nó na sua garganta.

— Eu estou... estou tão cansada, Clint, ela murmurou.

— Sem dúvida. Acariciou seus cabelos com uma mão suave. — Você está segura, Maggie. Não vou mais pular na sua garganta. Nós vamos manter as coisas a um nível amigável a partir de agora. É isso que você quer?

— Oh, sim, ela respirou, e não olhou para cima a tempo de ver o pequeno tremor de suas pálpebras.

— Durma bem, disse ele em um tom estranho, e tocando alegremente em uma mecha de seu cabelo, ele virou-se e deixou-a. Ela aconchegou-se nos travesseiros. No mínimo, ela pensou miseravelmente, seriam amigos pela primeira vez em suas vidas. Talvez isso diminuísse um pouco a dor. E, de repente, talvez todos os lobos se tornassem vegetarianos.

Capítulo Nove

— Isso é o melhor que você pode fazer, Irlandesa? Clint provocou-a enquanto ela puxava a si mesma ao longo das barras paralelas no ginásio improvisado que ele tinha equipado para ela.

Ela olhou para ele, penosamente arrastando as pernas fracas ao enquanto os braços suportavam seu peso. — Experimente! ela ofegou. — Você acha que poderia fazer melhor?

— Claro, ele riu.

Ela parou para recuperar o fôlego. — Você, disse para ele, — é um feitor de escravo.

— Eu vou ver você em pé em duas semanas, disse ele presunçosamente. — Se, acrescentou sombrio, — parar de trapacear. Use seus pés, Maggie, não os braços. Fique em pé, maldição!

O lábio inferior tremia. Lágrimas formaram em seus olhos. — Você acha que não estou tentando? gritou ela.

Ele se aproximou, erguendo-a nos braços como uma criança chorosa. Levou-a para uma poltrona perto da janela e afundou-se nela, segurando-a no colo até a tempestade passar. Ele colocou um lenço na sua mão e sentou-se para trás, vendo-a secar as evidências.

— Sinto muito, ela murmurou.

— Você é humana, disse a ela. — Assim como eu, embora acho que você não gostaria de acreditar nisso. Não quero amedrontar você, mas nunca vai ficar sobre seus pés novamente a menos que você tente andar. Arrastando-se não vai adiantar, baby.

Ela bateu o punho pequeno contra o peito largo sob a camisa cinza escuro. — Estou tentando!

— Tente com mais afinco.

Ela olhou para ele com todas os sentimentos contidos de raiva que sentia. — Eu gostaria de bater em você! ela disse calorosamente.

Seus olhos se estreitaram. — Toda essa doce e selvagem emoção, ele sussurrou, — e nenhuma maneira de colocá-la para fora, é isso? Deixe-me ajudá-la...

Ele pegou o rosto com as duas mãos e levou-o até sua boca, beijando-a de repente, violentamente, com uma força que a fez se agarrar aos seus ombros para firmar-se. Sentia a ferocidade em seu próprio sangue partindo dele, queimando-o de volta, em uma resposta melhor do que lágrimas. Com um forte gemido, os braços a volta de seu pescoço, a boca aberta sob sua avidez, ela devolvia-lhe o beijo, com cada partícula de força em seu corpo e com todos os anseios que sentia por ele desde a adolescência. De repente, ele se afastou, os olhos ardendo, sua respiração entrecortada como se não conseguisse controlá-la. — Meu Deus, ele respirou irregularmente, suas mãos segurando seus braços, como grampos de aço. — O que você está tentando fazer comigo?.

Entorpecida, vagamente embaraçada com sua resposta apaixonada, ela desviou os olhos sua garganta bronzeada. — Você começou... ela acusou trêmula.

— É tudo que posso fazer é terminar, tolinha, disse ele profundamente. Ele levantou-se abruptamente, encontrando seus olhos enquanto colocava as mãos dela nas barras, explorando o silêncio que tinha surgido entre eles.

— Quanto mais cedo eu te tirar daqui, melhor, disse ele em tom firme. — Agora, levante-se, caramba!

Atingida pela raiva em sua voz e com a admissão de que ele queria se livrar dela, forçou seu corpo ficar ereto, forçando os músculos das pernas a se mover.

— Eu vou andar mesmo que isso me mate, disse a ele.

— Não me diga, respondeu ele. — Mostre me.

— Afaste-se e veja então. E ela moveu suas pernas, pela primeira vez.

A partir desse primeiro passo, veio um segundo, um terceiro e, finalmente muitos outros que a levaram por todo o comprimento das barras paralelas. Foi a maior sensação de realização que Maggie já tinha sentido e melhor do que qualquer remédio. Ela poderia andar de novo. Ela poderia andar sozinha. Ela poderia andar para bem longe de Clint.

Não que isso parecesse incomodar Clint. Uma vez que a viu se movimentar sozinha, ele pareceu desaparecer, deixando-a com Emma e Janna para lhe dar apoio moral enquanto ele viajava a negócios. Ele mantinha distância, exceto durante as refeições, quando a conversa era mantida nos assuntos gerais. Com Maggie era cortês e educado, nada mais. Era pior que antigamente, quando brigava com ela. Isso doía.

Janna estava sentada com ela uma noite, quando Clint passou pela porta aberta com pouco mais de um olhar e um aceno de cabeça. Maggie murmurou algo baixinho e Janna levantou-se e fechou a porta.

Ela se virou, olhando curiosamente Maggie. — Você o odeia tanto assim? ela perguntou suavemente.

Maggie empurrou uma mecha de cabelo para longe de seus olhos. — Estou indiferente, ela mentiu. — Insensível, talvez. Eu não acho que haja emoção suficiente em mim para sentir ódio.

— É bem feito. A garota mais jovem suspirou. — Por todos os corações que ele quebrou ao longo dos anos, ele merece isso.

O coração de Maggie saltou e disparou, mas a emoção não mudou sua expressão tranquila. — O que você quer dizer?

— Se você tivesse visto a cara dele quando atendeu a ligação sobre seu acidente, você não teria que perguntar. Janna suspirou enquanto afundava na cadeira ao lado da cama de Maggie. — Ele ficou mais branco do que um lençol. Nunca vi Clint assim, em toda a minha vida. Ele foi direto para a pista, sem bagagem. E quando chegou a Miami, só a deixava para dormir e não por muito tempo. Janna estudava as unhas. — Os médicos lhe disseram que você não estava reagindo, que não estava tentando viver. Ele não aceitou isso. Sentou-se, segurou sua mão e falou com você... Eu fiquei lá por dois dias, então ele me fez voltar para casa, quando viu que ia dar tudo certo. Ela sorriu. — Ele disse que alguém tinha que cuidar do rancho, enquanto ele estava fora.

Maggie olhou para ela por um longo tempo antes de falar. — Eu não me lembro de nada... Ela suspirou. — Oh, Janna, eu sinto muito por preocupar a todos. Foi tão estúpido...

— Poderia ter acontecido com qualquer um de nós. Tudo o que eu queria era fazer você entender que Clint se importa.

Maggie sorriu melancolicamente. — É culpa, Janna, e não cuidado, ela corrigiu gentilmente. — Ele... ele disse algumas coisas muito cruéis para mim na noite anterior em que sai da fazenda para Miami. Acho que nenhum de nós jamais esquecerá. Deus me ajude, disse ela, fechando os olhos sobre as memórias, — Acho que não posso esquecer ou perdô-lo, ainda, pelo o que ele me fez naquela noite.

Havia um silêncio tão mortal no quarto que Maggie rapidamente abriu os olhos e encontrou Clint em pé na porta o rosto congelado, o seu olhar escuro, silencioso e levemente violento. Era evidente que ele tinha ouvido aquelas palavras.

— Eu queria lembrar que Jones trará amanhã de manhã aquele touro, disse Clint a Janna, sem se preocupar em dispensar outro olhar a Maggie. — Tenho uma reunião em Atlanta, por isso não vou estar de volta até bem tarde. Os peões devem colocá-lo no novo curral e examiná-lo.

— Cuidarei disso, disse Janna incômoda. — Você vai de manhã?

Ele balançou a cabeça. — Boa noite.

Ele se foi, e Janna encontrou os olhos magoados de Maggie no silêncio que se seguiu.

— Maggie, o que aconteceu? perguntou ela suavemente.

Mas Maggie balançou a cabeça com um sorriso triste. Ela não suportaria contar. Para ninguém.

Já era tarde e a casa estava a muito adormecida, mas Maggie não podia nem fechar os olhos. Com um suspiro silencioso, ela finalmente desistiu e saiu da cama, cuidadosamente vestiu seu longo robe verde, andou pelo corredor escuro e desceu as escadas.

Suas pernas ainda estavam lentas, mas no seu tempo, conseguiu chegar na cozinha sem tropeçar. Uma xícara de chocolate quente, pensou, era o que precisava para dormir. Falhando isso, ela estava pronta para tentar um martelo.

Enquanto o leite estava aquecendo, pegou uma pesada caneca e encheu-a com moderação, com uma colher de sopa de açúcar e uma de chocolate. E o tempo todo, ela maldizia sua própria língua pelas palavras que Clint tinha ouvido. Depois de tudo que ele tinha feito por ela, tinha lançado tudo daquele jeito e ele tinha ouvido. Seus olhos fecharam-se com a dor. Ela realmente não queria ter feito aquilo.

Ela derramou o leite quente na caneca em cima do açúcar e do chocolate. A abertura repentina da porta a assustou, e ela quase deixou cair a panela. Virou-se para encontrar Clint em pé na entrada.

— Que diabos você pensa que está fazendo? perguntou ele calmamente. Seu cabelo escuro estava revoltado, sua camisa meia desabotoada, com o rosto bronzeado fortemente marcado como se tivesse tentado dormir e não conseguido.

— Eu... só queria tomar uma xícara de chocolate quente, ela murmurou, enquanto colocava a panela na pia e enchia de água.

— Quem lhe disse para sair da cama e subir e descer escadas no escuro? ele insistiu.

Ela deu uma olhada para ele. — O Presidente, dois Congressistas e meu Senador, disse com uma pitada de seu velho espírito.

— Você deixou de fora seu deputado, ele meditou, e apenas por um instante um sorriso tocou a boca dura. — Você deveria estar na cama, querida.

Impressionante o que o carinho suave fazia com seus nervos, ela pensou, sentando-se rapidamente à mesa na frente de seu chocolate quente antes de suas pernas cederem. — Voltarei em um minuto.

— Pequena teimosa, acusou ele. — Tudo bem, vou tomar um chá e esperar por você. Que tal um pão com queijo?

Suas sobranças subiram. — Queijo Hoop^{3*}?, ela perguntou esperançosamente.

— Se eu descobrir onde Emma o esconde. Aha! Ele puxou-o para fora da geladeira, cortando uma parte dele e colocando-o em um prato. — Você prefere biscoitos ou pão?

— Biscoitos!

Ele riu baixinho enquanto se servia de um copo de chá e acrescentava cubos de gelo nele. — O mesmo para mim.

Segundos depois, ele colocou o queijo e os biscoitos sobre a mesa entre eles e relaxou na cadeira ao lado dela, bebendo seu chá sedento.

— Não consegue dormir? perguntou ela, repentinamente tímida.

— Não, ele respondeu calmamente.

Ela deu de ombros. — Eu também não consegui. Ela comia um pedaço de queijo.

Ele acabou com sua parte do queijo e biscoitos e recostou-se na cadeira para estudá-la. — Olhe para mim, disse ele de repente.

Ela encontrou seu olhar atento assustada, e logo desviou o olhar.

— A roupa combina com seus olhos, ele comentou.

Ela sorriu. — Foi por isso que Janna o deu para mim, ou assim disse ela.

³ **Queijo Hoop:** É um tipo de queijo típico da Carolina do Norte semelhante ao nosso queijo prato.

— As pernas doem? ele perguntou.

Ela balançou a cabeça. — Eu desci as escadas devagar. Afinal, ela o lembrou, — foi você que disse que eu precisava de mais exercício.

Ele esvaziou o copo. — Eu disse um monte de bobagens também, ele respondeu. — Termine logo, querida, não vou deixar você aqui sozinha.

Ela terminou o seu chocolate quente e se levantou para colocar a caneca na pia. Quando se afastou da pia, viu-se erguida em um par de braços fortes e quentes, carregada para fora da cozinha.

— Oh não, protestou ela suavemente empurrando o ombro dele. — Clint, estou muito pesada...!

Ele desligou o interruptor de luz na cozinha, enquanto a carregava para o corredor e subia a escada. Seus olhos, escuros e estranhos, olhando-a atentamente. — Você não pesa nada, pequena. É como levar uma braçada de veludo, macio e quente.

— Se você vai tirar sarro de mim, apenas me coloque no chão e eu vou andando! — disse ela defensivamente, agitada pelas sensações que a proximidade dele estava causando.

— Ah, inferno não, você não vai, — respondeu ele imperturbável, e reforçou seu domínio sobre ela.

— Valentão, você é horrível!

— Pequena megera.

Ela soltou um profundo e pesado suspiro e olhou para ele com seus olhos verdes em chamas. — É como discutir com uma parede de pedra! ela rosnou.

Ele riu baixinho. — Você já percebeu como a vida fica simples quando você para de brigar, Irlandesa?

Seus lábios franzidos em um bico emburrado. — Eu não vou nem mesmo me dignar a responder essa observação.

— Você odiaria se lutasse e me vencesse, Irlandesa, disse ele gentilmente.

Ela baixou os olhos para o colarinho aberto, onde a pele bronzeada com sua cobertura de pelo escuros estava perturbadoramente visível. Ela podia sentir a dureza do peito largo, pressionada contra ela, e queria de repente, chegar e tocar a pele quente e áspera. Um tremor atravessou ligeiramente seu corpo.

Ele olhou para baixo quando o sentiu e capturou seus olhos, prendeu-os, e procurou-os com uma intensidade que fez seu coração disparar.

Ele respirou profundamente e continuou andando. Ele carregou-a até seu quarto e deitou-a na cama tão rapidamente como se ela fosse um punhado de palha em chamas.

— Desta vez fique aí, ele rosnou, e seus olhos ardiam enquanto olhava nos dela.

Ela olhou para ele. Sua respiração veio em suspiros irregulares, pela proximidade dele e pela fome de amá-lo. — Tem sempre que grunhir para mim? ela sussurrou.

— Você quer que eu diga o que prefiro fazer? Ele perguntou sem rodeios, e seus olhos caíram sobre ela como uma carícia quente, seu lindo rosto corado, o revoltado cabelo escuro ondulado e mais abaixo para o esbelto corpo. — Eu daria um braço para te ter, isso faz você se sentir melhor, Feiticeira? questionou duramente.

A admissão atordoou-a. Ele já tinha dito algo parecido antes, mas ela sempre pensou que era parte da humilhação que ele jogava contra ela. Ela ficou ali em silêncio, olhando para ele como um curioso filhote de gato, com os olhos questionadores.

— Isso é tudo o que você sabe sobre querer, ela disse calmamente, os olhos acusadores.

— Em que eu deveria acreditar? ele perguntou. — Amor? É um mito, pequena. Uma ilusão que não perdura após os votos do casamento.

— Como você sabe?

Ele estudou a sua boca com um sorriso zombeteiro. — E você como sabe? Ele se inclinou para a frente, prendendo-a entre os braços. — Eu sempre fui capaz de lê-la como um livro, ele murmurou, prendendo seu olhar. — Não, não sou culpado, e você não acredita que eu seja. Há mil razões pelas quais eu fui para Miami atrás de você, mas a culpa não era uma delas.

Ela olhou para ele, curiosa, mas com medo de verbalizar a pergunta.

— Você sabe uma delas, disse ele suspirando profundamente, estudando sua boca. — Mas eu não vou lhe oferecer casamento, Maggie. Nem agora, nem nunca.

Ela engoliu nervosamente. — Eu não vou ser sua amante, ela disse vacilante. — Não vou, Clint.

— Você pode sentir com outro homem o que sente comigo? ele desafiou rudemente.

Ela recostou sobre o travesseiro. — Há outras coisas.

— Um Nome.

— Filhos! ela atirou nele, sentindo-se vulnerável sob os olhos verdes cortantes.

Algo passou pelo rosto dele. Estudou-a por um longo tempo antes de falar, pesando o que ela disse com uma luz suave nos olhos.

— Você quer filhos? disse ele.

— Claro.

— Não há nada ‘claro’ sobre isso, pequena, disse ele solenemente. — Lida não podia suportar o pensamento de tê-las. Não consigo lembrar de nenhuma outra mulher que tenha considerado filhos como parte de um relacionamento.

— Isso não é nenhuma surpresa para mim, disse ela terminantemente.

Ele ignorou o sarcasmo. — Você sabe, Maggie, disse-lhe suavemente: — Eu nunca tinha pensado em filhos?

Ela brincou com a franha. — Por que pensaria? ela murmurou. — Você não precisa de ninguém. Nunca precisou.

Seus dedos afastaram os dela da franha para estreitá-los suavemente, com firmeza. — Eu sou humano, disse ele, o rosto solene. — Nós todos precisamos de alguém de vez em quando, Maggie.

— Não consigo imaginar você solitário, ela murmurou. — Com a quantidade de mulheres que existe em torno de você como... Ela ia dizer como cães de estimação, mas com a memória veio a dor e seu rosto ficou branco.

— Não, pelo amor de Deus! ele disse com voz rouca. Ele deslizou as mãos por baixo dela e levantou-a contra o peito, duro quente, embalando-a suavemente com o rosto enterrado em seu cabelo escuro.

— Clint, quero ir para casa, ela suspirou trêmula, fechando os olhos enquanto cedia contra ele, se deliciando com a sensação de senti-lo, o cheiro penetrante de sua colônia misturada com o sabonete de especiarias que ele usava.

— Porquê? ele perguntou em seu ouvido.

— Porque tenho que encontrar um emprego, disse ela fracamente. — Não posso ficar aqui... Era difícil pensar estando tão perto dele. Ela lembrava muito bem da sensação da boca firme contra a sua, e ela queria tanto... Suas unhas curtas involuntariamente apertaram os ombros dele enquanto ela lutava para manter aquela fome traidora em seu próprio corpo.

— Fique comigo, ele sussurrou baixinho, e ela sentiu os lábios se movendo em seu cabelo, contra o seu rosto, no canto da boca. Suas mãos foram para seu rosto para mantê-lo próximo ao seu, os olhos brilhantes. — Seja a minha mulher, Maggie.

Seus lábios tremiam enquanto formavam uma resposta, mas a boca dele murmurou entre eles, sua língua rastreando suavemente a curva suave do seu lábio superior. — Eu gosto do seu sabor, Margaretta Leigh, murmurou sensualmente.

— Você... você gosta de qualquer mulher, ela sussurrou insegura, e tentou se soltar.

— Querida, eu não quero mais ninguém, disse ele com naturalidade. — Eu não tenho muito tempo livre.

Ela não conseguia encontrar uma maneira de responder a ele, o que parecia diverti-lo. Olhava-a com olhos que eram tão resignados quanto interessados.

— Fui pego em minha própria rede, ele pensou, a malícia dançando em seu escuro olhos verdes. — Condenado a uma vida de desejo frustrado por uma mulher que não posso ter. Meu Deus, me pergunto se estou velho demais para a Legião Estrangeira Francesa?

Seus olhos brilharam. Ela riu, os olhos brilhantes como esmeraldas líquidas, o rosto corado, suave e radiante com o sorriso, os cabelos como um halo escuro emoldurando seu rosto.

Clint perdeu o fôlego com a aparência dela, a cor e animação transformando o rosto triste.

— Acha engraçado, não é? rosnou com falsa raiva, puxando a contra ele sem delicadeza. Ele inclinou-se e beijou-a rudemente, sua boca exigindo e obtendo uma resposta dos lábios dela. Ele afastou-se apenas o suficiente para ver o desejo em seus olhos. — Agora, ria, Feiticeira, murmurou profundamente.

Ela estendeu a mão e tocou-lhe a boca com os dedos leves e frios. — Bárbaro, ela sussurrou.

Ele sorriu. — Você gostou? ele provocou.

Ela desviou os olhos para o pescoço bronzeado. — Uma senhora nunca admite essas coisas.

— Senhora, o diabo. Ele trouxe sua boca até a dele e acariciou-a suavemente, lentamente, com tanta paixão que ela suspirou. — Você é uma mulher, ele sussurrou com voz rouca. — Todas as mulheres. Minha mulher. Você me pertence, pequena.

Ela empurrou seu peito e afundou no travesseiro com um suspiro melancólico. — Não, ela lhe disse calmamente, as lágrimas brilhando nos olhos tristes. — Não desse jeito.

Ele respirou profundamente e levantou-se, afastou-se da cama para acender um cigarro. — É o fim, Maggie? ele perguntou.

— Sim, ela sussurrou. — Eu sinto muito.

— O mundo está cheio de mulheres, Maggie. Ele riu e deu um olhar zombeteiro para ela pouco antes de deixar o quarto.

Clint já tinha saído quando ela desceu, na manhã seguinte. Janna a esperava na mesa.

— Até que enfim, ela provocou. — Pensei que você fosse dormir o dia todo.

— Pensei nisso, Maggie respondeu com um sorriso amarelo. Ela afastou o prato, ignorando o bacon, os ovos mexidos e as torradas na mesa e serviu-se de uma xícara de café preto.

— Certo, você bem podia me dizer o que aconteceu, Janna resmungou. — Clint fez a mesma coisa. Não comeu apesar de todas as tentativas de Emma e parecia uma nuvem negra quando saiu pela porta. Qual seria a razão?

Maggie baixou os olhos para a luz refletida em seu café. — Você pode responder isso.

— É como tentar convencer um molusco a se abrir. Maggie...!

— Ele quer que eu seja sua amante, ela respondeu com impaciência, encontrando o olhar surpreso de Janna com calma. — E eu disse não. Foi isso.

— Foi isso, diz ela! Janna suspirou. — Você quer dizer que finalmente pararam de brigar tempo suficiente para se envolverem!

— Não estamos... envolvidos. Pelo menos, não desse jeito. Maggie tomou um gole do café. Lágrimas formaram em seus olhos e mordeu o lábio tentando se controlar, mas sentiu as lágrimas descenderem pelo seu rosto. — Oh, Janna, o que vou fazer? Ela suspirou arrasada. — Eu o amo tanto!

Janna levantou-se e envolveu seus braços delgados em torno da garota mais velha, abraçando-a em silêncio até que o dilúvio de lágrimas mostrou sinais de abrandamento.

— Sinto muito, Janna murmurou. — Eu me sinto responsável, por ter te mandado para cá quando você não queria vir. Oh, Maggie, por que você não me disse? ela gemia. — Eu nunca teria insistido...!

— Está tudo bem, não é culpa sua, ela respondeu suavemente. — Você não poderia ajudar, você tem um irmão uma cabeça dura, meio-besta selvagem. Só não entendo por que... Um dia ele me provoca, no outro ele me beija e no outro age como se me odiasse... Oh, Janna, estou tão confusa.

— Ele gosta de você, Janna disse com um sorriso de orelha a orelha.

— Claro que ele gosta de mim, por tudo que ele passou na primeira semana, não teria como negar isso, ela suspirou, secando os olhos vermelhos. — Mas isso é tudo. Ele me disse que não acredita no amor, Janna, e que nunca iria se casar. Ele me quer, mas não posso aceitar esse tipo de relacionamento. Pelo tanto que eu o amo, não posso.

— Ele gostava de Lida, você sabe, a garota mais nova lembrou-lhe suavemente. — Mas ele não teria ficado na cabeceira dela, ou perdido semanas tentando ajudá-la a andar de novo.

— Será que não? Maggie perguntou melancolicamente. — Como você sabe disso? Não, ela balançou a cabeça. — É apenas um tipo físico de carinho que ele sente por mim. E não é suficiente.

Janna assentiu tristemente. — O que você vai fazer?

— O que posso fazer? Vou pra casa. Ela terminou o seu café. — Temporariamente pelo menos. Janna, não fique assim, argumentou quando viu a expressão no rosto abatido de sua amiga. — Você sabe que eu não seria capaz de suportar. Ele ligaria para você, como sempre. Quando fosse à cidade, iria te ver. Você acha que eu poderia suportar isso?

— Como vou suportar ficar sem você? Janna murmurou hesitante. — Todos esses anos, crescemos juntas, dividindo o apartamento... Oh, Maggie, vou com você!

— Você não ouviu uma palavra que eu disse, Maggie gemeu.

Janna suspirou. — Sim, ouvi. Oh, maldito Clint! Por que ele foi inventar de mudar as coisas? Vocês poderiam continuar se odiando por anos!

Isso trouxe um sorriso aos pálidos olhos verdes. — Oh, Janna, você é tão reconfortante! ela riu fracamente. — Vamos lá em cima e você me ajuda a fazer as malas. Quero estar bem longe, quando Clint voltar.

— Eu vou com você!

— Você não vai. Você está em férias, e ele é seu irmão, disse ela com firmeza. — Além disso, sua mãe não vai estar em casa logo?

— Sim, veio a resposta relutante.

— Então, está resolvido. Tudo vai dar certo, disse ela suavemente. — Eu prometo a você, tudo vai dar certo. Agora, pare de fazer beicinho e vem me ajudar com as malas.

Atlanta era excitante e desconhecida, e o emprego de Maggie em um escritório de advocacia mantinha suas energias centradas em lidar com uma rotina diferente.

Dia-a-dia, foi ficando mais fácil esquecer o passado. Janna argumentou, quando voltou de férias, que se Maggie desse um tempo tudo seria diferente. Mas Maggie estava irredutível. Ela já tinha encontrado um emprego e um apartamento no centro da cidade, e foi nesse processo de mudança que Janna entrou pela porta.

— Ele mudou, você sabe, Janna disse-lhe calmamente durante uma pausa na embalagem. — Quando ele não está trabalhando até a exaustão, ele apenas... fica sentado. Mamãe está em casa e nem mesmo *ela* consegue chegar até ele. É como se ele estivesse de luto...

— Por mim? Maggie zombou. — Muito improvável. De todo jeito, ele estava contente de me ver pelas costas. Tudo o que eu fazia era irritá-lo.

— Você realmente o esqueceu? Janna perguntou calmamente.

Maggie virou-se e voltou para a montanha de roupas que tinha empilhada em sua cama. — Sente-se e deixe-me contar tudo sobre o meu novo emprego! ela disse alegremente.

Um de seus novos patrões era jovem e solteiro, e lembrava vagamente Brent. Eles pareciam atraídos e algumas vezes tinham saído juntos. Mas com o entendimento de que ia ser estritamente uma amizade da parte dela.

— Isso combina comigo. Jack Kasey sorriu de sua altura superior. — Mesmo não podendo casar comigo, Sophia Loren é muito ciumenta!

— Você é doido? Maggie provocou.

Ele balançou a cabeça loura arrogantemente. — Senhora, como ousa?, perguntou ele.

— Bem, desculpe-me!

— Sei ele respondeu imperturbável. Ele enfiou a mão no bolso e estendeu-a com a palma para cima. Não havia nada nela. — Quer uma? ele perguntou.

— Uma o quê? Ela piscou.

— Engraçado, isso é o que meu psiquiatra responde sempre.

— Oh, céus, ela riu. — Você está no fim da vida!

— Mas é claro! E estou milionário também, disse em um sussurro. — Que tal um bife amanhã à noite?

— Eu adoraria!

— Ótimo. Conheço um pequeno restaurante...

Depois do pequeno restaurante, havia uma pequena discoteca e depois um bar que ficava aberto a noite toda. Era mais de duas horas da manhã quando ela voltou para seu apartamento.

— Desculpe por mantê-la acordada até tão tarde, desculpou-se Jack enquanto acompanhava-a do elevador até a porta de seu apartamento. — Da próxima vez, vou tentar lembrar que nós somos os escravos do escritório.

— Eu me diverti, disse ela sorrindo.

— Assim como eu, ele sorriu. — Bem, boa noite senhora, meu dragão aguarda lá fora.

— Não o canse, advertiu. — Você sabe como os dragões podem ser desagradáveis quando estão sobrecarregados!

— Vou me lembrar! ele disse enquanto a porta do elevador se fechava.

Com um suspiro, colocou a chave na fechadura e entrou. Havia uma luz acesa na sala que ela não lembrava de ter deixado. O tapete abafou seus passos enquanto se movia com cautela para frente. A fechadura era forte, certamente nenhum ladrão tinha sido capaz de...

Ela entrou em silêncio até a porta e congelou. Clint estava sentado em uma poltrona de frente para a sala, os olhos quietos, escuros e distantes, o rosto solene.

— Como... Como você entrou aqui? perguntou ela com voz rouca.

— Não importa como, disse ele em uma voz firme, com raiva. — Com quem diabos você estava e onde passou metade da noite?

Ela jogou a bolsa de noite sobre a mesa de café e olhou para ele, a cor do vestido verde-esmeralda fazendo os olhos ainda mais vivos.

— Não é da sua conta Clint, ela respondeu com uma calma que estava longe de sentir. — Não lhe devo nenhuma satisfação.

Ele acendeu um cigarro, nunca deixando os olhos dela. — Fiz-lhe uma pergunta. E posso ter uma resposta de várias maneiras. — Uma, ele comentou baixinho, — seria te deitando nesse sofá.

Ela corou com a insinuação. — Eu pensei que você estivesse cansado de me dar lições, disse firmemente.

Ele começou a se levantar.

— Tudo bem! ela disse rapidamente. — Eu... eu estava com um dos advogados do escritório em que trabalho. A... apenas um encontro amigável, Clint. Ele é muito parecido com Brent.

Ele afundou-se contra a almofada, com um suspiro pesado. — Maggie, é esse o tipo de homem que realmente agrada você? ele perguntou cansado.

Ela estudou seus sapatos de noite. — Que tipo de homem você está falando?

— Palhaços. Garotos.

— Eles não fazem exigências, disse ela em um suspiro.

— Não, ele concordou. — Eles não. Porque você tem medo das exigências de um homem? Você se sente inadequada, pequena?

— Sim, disse ela em pouco mais que um sussurro.

— Porquê?

Ela balançou a cabeça e encostou no braço do sofá, evitando os olhos dele.

Ela ouviu-o levantar-se, ouviu o som surdo dos seus passos quando ele se aproximou dela. Suas mãos delgadas pegaram seus ombros e forçou-a a olhar para ele.

— Por causa da desculpa que seu noivo deu a você? perguntou ele calmamente. — Ou pelo o que eu fiz para você?

— Um pouco dos... dois', ela murmurou, odiando a fraqueza que ele poderia causar, com apenas um toque impessoal como este.

Ele soltou-a e se afastou, fumando seu cigarro em silêncio em pé na frente da janela para ver com os olhos vazios o brilho colorido da cidade que se estendia até o horizonte.

— Por favor, ela murmurou: — Por que você está aqui? Todos estão bem em casa...?

— Todo mundo, ele concordou cansado. — Exceto eu.

Ela estudou as costas retas. — O que há de errado? ela perguntou suavemente.

— Eu amo você, Maggie.

Ela sentiu as palavras. Realmente sentiu-as, como uma descarga de corrente elétrica que a fez tremer.

Ele se virou e ela viu a verdade em seus olhos, nas linhas profundas do seu rosto.

— Choquei você? ele perguntou asperamente. — Deus sabe, choquei a mim mesmo. Não pensei que podia sentir algo assim por uma mulher. Não achei que fosse capaz disso. Ele deu uma longa tragada no cigarro e os olhos fitaram cada centímetro dela da cabeça aos pés. — Você quer saber o que senti quando você foi embora? Você quer saber quantas noites passei sentado na cadeira ao lado da minha cama olhando para a escuridão, sentindo sua falta? Meu Deus, eu sentia tanta dor que era como se tivesse sido cortado em dois.

Seus lábios se separaram trêmulos, mas ela não conseguia falar. Era muito novo, muito incrível. Ela estava dormindo e sonhando tudo isso? Ele jogou fora o cigarro e se aproximou dela como um gato, todo músculo, graça e vibrante masculinidade. Ele estendeu a mão e trouxe-a para seus braços.

— Você não acredita em mim, não é? perguntou ele calmamente. — Deixe-me provar isso a você, Margaretta Leigh. Deixe-me mostrar o que sinto.

Seus braços trouxeram-na sensualmente para mais perto e sua boca queimava a dela, abrindo-a, provando-a, devorando-a com uma fome que era feroz e intensa.

Ele caiu sobre o sofá mantendo-a em seu colo, tocando todas as linhas suaves do seu rosto com seus lábios, carinhosamente secando as lágrimas que suavemente descia dos seus olhos fechados.

— Clint...! sussurrou fracamente, agarrada a ele.

— O que você sente, quando te beijo? perguntou ele contra a sua boca macia, sua respiração rápida e pesada.

— Como se eu... estivesse queimando viva..., ela chorou e passou os dedos trêmulos pelo rosto, pelo cabelo prateado nas têmporas. — Eu te amo tanto, ela respirava. — Eu te amo tanto...!

— Mostre-me, ele desafiou, inclinando a cabeça. — Pequena e doce inimiga, mostre-me o quanto!

Ela trouxe sua boca para perto da sua e beijou-o lentamente, com fome, as unhas cravadas em suas costas, os lábios sensualmente separados sob os dele.

Ele recuperou o fôlego, com os olhos quase negros pelo que estava sentindo, sua pulsação pesada a sacudia. Ele estudou o seu rubor facial, seu entorpecimento, os olhos submissos, e com uma carícia suave, a mão delgada deslizou pelo corpo dela sobre as curvas jovens até que ele a sentiu tremer.

— Você gosta disso? ele sussurrou suavemente.

Ela assentiu, chocada com a força de suas próprias emoções sendo incapaz de dizer uma palavra.

— Eu também, pequena inocente, disse carinhosamente. Ele se inclinou e beijou-a delicadamente, e seus lábios curvaram-se em um sorriso contra o suave gemido que rompeu a garganta dela quando sua mão se moveu novamente.

Sua cabeça caiu para trás na curva de seu braço e ela olhou para ele com olhos que detinha a totalidade do céu.

— Lutei com isso até pensar que fosse me matar, disse ele, e ela podia ver a seriedade em seus olhos. — Querida, quero mais de você do que apenas uma noite em minha cama. Quero ter filhos com você. Quero estar com você quando estiver triste então poderei te abraçar até as lágrimas acabarem. Quero ficar entre você e o mundo e mantê-la segura. Deus, Maggie, não posso suportar viver sem você!, Ele sussurrou torturado. — Case comigo, Irlandesa. Viva comigo. Me ame.^{4*}

Lágrimas correram pelo rosto. — Sim, ela sussurrou, e viu-se afogada na paixão dele quase antes que pudesse começar a dizer uma palavra.

Minutos depois, separou-se dela e se levantou, alisando seus revoltos cabelos, fechou os botões da camisa. — É melhor se contentar com uma cerimônia civil, disse ele com voz rouca, — e logo.

⁴ **Me ame:** Ainda não aceita na linguagem culta formal, a colocação do pronome átono em início de frase é permitida na linguagem informal e nos diálogos — pode ser "proibida", mas não é inviável. (Achei que ame me quebrava o clima...rs)

Ela assentiu, ajeitando a roupa e os cabelos, enquanto seu coração ameaçava explodir no peito.

— Quando você percebeu? ela perguntou, movendo-se para a cozinha e começando a fazer um café.

Ele ficou na porta olhando para ela com um cigarro na mão, parecia tão atraente que tinha vontade de atirar-se sobre ele.

— No verão em que você fez dezessete anos, disse ele suavemente, sorrindo.

Ela se voltou para ele.

— Eu queria você, disse ele. — Não pude te manter longe da fazenda tempo suficiente, eu queria tanto você. Desse dia em diante, foi uma batalha perdida. Eu usei todas as desculpas que poderia pensar para mantê-la longe da fazenda, para evitar que você estivesse lá. Meu Deus, nunca senti nada assim por uma mulher, nenhuma mulher. E você era pouco mais do que uma criança. Ele balançou a cabeça com um suspiro melancólico. — Eu pensei que isso acabaria. Até o dia que você ligou e disse à Emma que estava noiva. Ele deu uma risada curta. — Fiquei de péssimo humor por dias. Bebi até perder a consciência. Dois dos meus homens ameaçaram sair porque eu os tiranizava. E ninguém sabia o porquê, com exceção de mim. Mas mesmo assim eu não iria admiti-lo.

— E então eu vim para o verão, disse ela.

— E eu cheguei no limite. Ele estendeu a mão e tocou seu rosto. — Oh, baby, você nunca saberá como lutei para manter minhas mãos longe de você. Até aquele dia no riacho, quando finalmente me deixei levar... e cada segundo foi como um vinho escuro, inebriante. Se você tivesse me tocado do jeito que eu queria... Ele rompeu em uma respiração profunda, curta. — Tentei ficar longe de você, e peguei pesado muitas vezes. Naquela última noite... ou era fazer você me odiar ou levá-la para cima. Odiei o que eu fiz, mesmo quando estava fazendo isso. Mas, naquela época, eu ainda pensava que não queria me casar. Seus olhos fecharam-se. — Só descobri o quanto eu a queria quando me ligaram de Miami. O maldito avião chegou perto de cair quando fui te encontrar, e jurei que se sobrevivesse, não perderia um dia para te levar ao altar. Então você começou a se recuperar e quando lembrou o que eu tinha feito, me odiou. Eu não conseguia me aproximar de você novamente, até que tivemos aquele lanche no meio da noite na cozinha. Essa foi por um triz. E então comecei a ter dúvidas novamente. Eu sabia que você queria de mim. Mas eu não tinha certeza se você me amava. Você tinha sido apaixonada por mim por tanto tempo, eu não podia ter a certeza... de certa forma, eu estava testando você naquela noite. Se eu tivesse sido capaz de fazer você disser que sim, sem a oferta de casamento...! pensei que iria provar que você realmente me amava. Mas você disse que não. E eu dei as costas e sai sem dizer adeus. Então você foi embora, e eu era malditamente orgulhoso para ir atrás de você.

Ela encontrou seus olhos e sorriu. — Por que você veio hoje?

Seu dedo traçou sua boca. — Porque Janna me disse que você me amava, disse ele baixinho, — e me tirou do sofrimento.

Ela abraçou-o com força. Os olhos fechados enquanto ele a puxava contra ele.

— Você... tem certeza que quer casar comigo?, perguntou ela.

Ele riu profundamente. — Não vejo outra alternativa. Nós não podemos ter uma família de outra forma.

— Espero que sejam todos meninos e parecidos com você.

— Eu quero uma menina com cabelos escuros e olhos verdes.

Seus lábios roçaram o queixo dele. — Vou ver o que posso fazer.

Ele beijou-a delicadamente. — Vamos ligar para Janna, ele disse com um sorriso. — E para minha mãe e especialmente, acrescentou com um brilho nos olhos, — para Brent.

— Você estava com ciúmes! Ela suspirou.

— Inferno, estava! E irritado. Ele ficou no meu caminho. Naquela noite, na piscina... Ah, aquela noite, ele sussurrou contra sua boca, — Maggie, eu podia sentir suas mãos em mim por dias, você sabia disso? Isso foi quando eu comecei a suspeitar do que eu realmente sentia.

Ela brincava com um botão em sua camisa. — Isso significa que, ela perguntou, — que não posso mais amarrar fitas nas caudas das vacas?

Ele olhou para ela. — Maggie... ele começou a advertência.

Ela ergueu-se e passou os braços em volta do pescoço dele. — Vamos ligar para Janna, ela murmurou satisfeita, — e dizer-lhe que decidimos nos tornar amigáveis inimigos.

Ele sorriu fitando seus olhos. — Doce inimiga, ele sussurrou, — Mostre-me o quão amigável você quer ser.

E ela mostrou.

FIM